

JOSÉ ROBERTO SEVERINO

ITAJAÍ E A IDENTIDADE AÇORIANA:

a maquiagem possível.

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre em História à Banca examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Doutora Maria Bernardete Ramos Flores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS
1998

FICHA CATALOGRÁFICA

S83 Severino, José Roberto, 1966-
Itajaí e a identidade açoriana : a maquiagem possível /
José Roberto Severino.-- Florianópolis : UFSC, 1998.
161p
Bibliografia: p.147-61
Orientadora: Maria Bernardete Ramos Flores
Tese (Mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina - Departamento de Historia.

1. Itajaí - Historia . 2. Folclore - Itajaí. 3. Açorianos.
4. Festas populares. I. Título.

CDU:981.64: 393 Itajaí

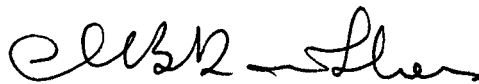
Bibliotecária : Josete de A.Burg Cordeiro
CRB 14a. 293

ITAJAÍ E A IDENTIDADE AÇORIANA:
A MAQUIAGEM POSSÍVEL

JOSÉ ROBERTO SEVERINO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do
título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

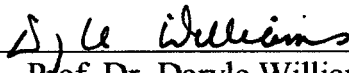
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Maria Bernardete Ramos (Orientadora)



Prof. Dr. Elio Cantalicio Serpa



Prof. Dr. Daryle Williams

Prof.^a M. Sc. Cynthia Machado Campos (Suplente)

Florianópolis, 23 de abril de 1998

ÍNDICE

Resumo	06
Abstract	07
Agradecimentos	08
Introdução	10
Capítulo I: Marejada: a construção dos pórticos da açorianidade para Itajaí	19
I.1. A Marejada: festa portuguesa e do pescado	42
Capítulo II: Para além dos açorianos: Itajaí na Primeira República	58
II.1. Os anúncios: a venda da própria imagem e os espaços de sociabilidades	61
Capítulo III: A maquiagem possível	91
III.1. A gênese da cidade: o mercado	97
III.2. As redes do entreposto	106
III.3. A construção da distinção	122
III.4. A distinção da escrita	128
III.5. O porto como epílogo	137
Fontes e Bibliografias:	147
1.Periódicos	147
2.Diversos	148
3.Fontes Bibliográficas	150
4.Bibliografia	154

RESUMO

Este trabalho busca analisar a pluralidade étnica existente na cidade de Itajaí, no final do século XIX e início do XX, contrapondo a tentativa de construção de uma identidade açoriana, principalmente a partir de 1987, com a Marejada – festa portuguesa e do pescado.

A Marejada é utilizada como porto de partida, constituindo o primeiro capítulo. A festa é apreendida através de seu simbolismo e analisada como uma tradição inventada. O seu aspecto mercantil visa o turista-consumidor, acima de qualquer idéia de ‘resgate’ cultural.

Como segundo capítulo, buscou-se contrapor o princípio que delimita o caráter exclusivamente açoriano para a composição étnica da cidade, promovido pela festa. Para tanto, foi feita uma arqueologia no período da Primeira República em Itajaí. Observou-se um número relativamente grande de imigrantes dedicado ao comércio e as atividades ligadas ao porto. Alemães, em sua grande maioria, esse grupo detinha boa fatia do mercado, além de uma participação efetiva na esfera pública.

A partir disso, foi elaborado o terceiro capítulo, que busca delimitar os caminhos pelos quais determinadas parcelas da população tornaram-se distintas socialmente. A construção da distinção através das sociabilidades e estratégias, produz um mercado de bens simbólicos compartilhados por poucos. O porto, visto em sua capacidade provedora, torna-se o principal espaço disputado. O capítulo sugere ainda o uso da esfera pública para fins privados pela elite local.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the ethnic plurality existing in the Itajaí city, in the late 19th century and early 20th century, contrasting na attempt of constructing an Azorian identity, chiefly from 1987 on, to the Marejada – Fishery and Portuguese festival.

Marejada is used as the port of departure, making up the first chapter. The festival is understood through its symbolism and analyzed as a created tradition. Its mercantile aspect views the consumer tourist, above any idea of cultural “rescue”.

As the second chapter, na effort has been made to constrast the principle that delimits the exclusively Azorian character towards the ethnic composition of the city, promoted by the festival. In order to achieve that, an archeology during the First Republic in Itajaí was accomplished. A fairly large number of immigrants devoted to trading and the activities connected to the port has been observed. Germans, for the most part, this group kept a good share of the market, besides having an effective participation in the public sphere.

From this, the third chapter was produced, seeking to delimit the ways by which certain small fractions of the population became socially distinct. The construction of the distinction through sociabilities and strategies, produce symbolical good shared by few. The port, seen in its supplying capacity, becomes the main disputed space. The chapter suggests further the use of the public sphere for private purposes by the local elite.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi fruto de muitas trocas de idéias com amigos, professores, alunos, e familiares que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para a sua execução.

Maria Bernardete Ramos Flores é a maior culpada: professora, inspiradora e orientadora. Sua lucidez e erudição muito contribuíram para as minhas modestas reflexões.

Aos colegas de trabalho na UNIVALI, professores José Bento, Normélio Weber, Lourival, Ivan, Marlus, Luís Felipe, pelo encorajamento que sempre me deram, e aos amigos Sidnei, Cristiane, Carminha, Ari, que mais de perto viram os problemas que surgiam, sempre apoiando-me nas dificuldades. Fica uma grande dívida para com Marlene de Fáveri, que muito contribuiu na concepção do projeto inicial.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Histórico de Itajaí, na pessoa do Professor Edison D'Ávila, sempre prestativos e a D. Vera, que sempre procurava tudo, e mais um pouco, sobre qualquer assunto solicitado.

Aos funcionários da Secretaria de pós-graduação em História da UFSC, Jorge e Nazaré, sempre atenciosos e prestativos para conosco.

Meu pedido de desculpas e de agradecimento vai para minha esposa Ivana, e para o meu filho João Victor, que nasceu junto com este trabalho. Minha ausência em momentos tão belos foram entendidos com compreensão e carinho. Obrigado!

Aos meus irmãos e cunhados, aos meus sogros e a minha mãe, que não me viram nem nos feriados ou nas férias, nem nos outros feriados ou nas outras férias, agradeço pela paciência.

Agradeço ainda ao pessoal da Livraria, (Arnaldo, Lilian, Roberta) onde as idéias fluíam aos sábados pela manhã.

Gostaria de agradecer também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos que oportunizou este trabalho.

IIINTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um misto de curiosidade e indignação. A curiosidade advém da própria pesquisa histórica, tão empolgante e abrangente que pode ser. A mesma curiosidade que pode levar o historiador a fugir dos fatos e descrições considerados oficiais para procurar *seguir a pista das pessoas através da evolução das suas escolhas silenciosas*¹. A indignação origina-se, muitas vezes, dos resultados obtidos pelas escolhas. Das exclusões que são ardilosamente promovidas, dos sonhos frustrados de alguns, da impáfia dos “bem posicionados”. A abordagem foi desenvolvida a partir daí.

Para desenvolvê-la, busquei seguir aquelas *pistas* através das fontes mais variadas possíveis as quais tive acesso: foram cartas, diversos textos jornalísticos de época, relatos de memorialistas, anúncios feitos em jornais e almanaques, selos postais e “folhinhas” comemorativas, “folders” de festas e outros eventos, out-doors, (além de atas eleitorais, obituários e vários outros

¹ HOBBSAWM, Eric J.. As classes operárias inglesas e a cultura desde os princípios da revolução industrial In BERGERON, Louis (Org.). *Níveis de cultura e grupos sociais*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1967. P. 243.

documentos que poderiam ser considerados “oficiais”); foram utilizados ainda uma série de textos produzidos ao longo do século, que abrangem os mais variados interesses, como as produções sobre o suposto caráter e identidade do homem do litoral catarinense. Entre os textos, encontra-se o de Othon D’Eça², que muito contribuiu para que eu pudesse perceber aspectos importantes da forma como era feita a leitura e a escrita sobre a vida dos homens do litoral. Mas, que me ajudou também a observar que um texto reflete muito mais o espectador do que a vida³, numa perspectiva que sugere as diversas interpretações possíveis de um mesmo evento (ou de uma outra forma de apreensão da realidade empírica). Na obra de Othon D’Eça, como na de outros autores e intelectuais da época, o homem do litoral foi contemplado em toda a sua melancolia e incapacidade de transformação das coisas. A difícil vida daquelas pessoas era agravada, segundo o autor, pela ignorância e pobreza em que viviam, dentro de um inexorável destino, o que lhes conferia uma imanente tristeza. O Bacharel em direito, como os outros especialistas e intelectuais de sua época, via o povo do litoral através das lentes de seu saber e do alto de sua posição social. Enquanto delegado, propunha normas de conduta e constrangimentos para as classes

² D’EÇA, Othon. *Homens e algas*. 2ª ed. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1978.

³ WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. P. 08. (...) *na realidade, a arte reflete o espectador e não a vida.*

inferiores. Práticas bastante comuns à época nos meios urbanos, impregnadas por ideais de civilização.

Os teóricos que me ajudaram na caminhada são antes coadjuvantes do que ditadores de regras. Este texto que agora escrevo é uma interpretação possível, “tingido pela mão do autor”, como diria Clifford Geertz⁴. Os autores ajudaram-me a interpretar, lançaram luz sobre recantos não observados, indicaram migalhas esquecidas no caminho. Ensinaram-me ainda o olhar do etnógrafo, o que talvez tenha tornado-o um texto muito “cultural”, creio. Mas creio também que este é um bom caminho a ser tomado, com a preocupação por temas que privilegiem a linguagem, ou ainda pela construção de tradições, de identidades e de seus usos. Sendo assim, compactuo com Lynn Hunt⁵, quando coloca que a diversidade teórica deve ser muito mais fruto de inspiração do que de desânimo.

Foi com tais preocupações que a festa da Marejada, que atualmente é realizada em Itajaí, tornou-se meu ponto de partida. Procurei perceber como deu-se a criação de determinados símbolos referentes a uma origem comum (açorianidade), ressaltada pelas constantes referências ao homem do mar e a não-valorização de outros elementos culturais também existentes na conformação da

⁴ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989. Pp. 13-41.

⁵ HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto In *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. P. 29

cidade (como os alemães, por exemplo). Percebi então, a tentativa de construção de uma identidade açoriana para a festa (e, quem sabe, para a cidade), ao longo de seus pouco mais de dez anos, em contraste com as propostas das festas do Vale (Oktoberfest e Fenarreco, principalmente), consideradas germânicas. Foi também discutida a problemática das tradições inventadas e de seu uso político, no caso específico da Marejada.

Para realizar tal discussão, busquei auxílio na coletânea de textos organizada por Eric Hobsbawm e Terence Ranger⁶. As propostas metodológicas (na seleção e uso das fontes, por exemplo) e teóricas (que possibilitam ampliar e densificar as análises) que são ali sugeridas, bem como os mecanismos pela qual uma tradição inventada procura estabelecer uma continuidade em relação ao passado, muito inspiraram todo este capítulo. Já com relação aos problemas específicos levantados ao longo da pesquisa, como o circuito de festas que foi sendo arquitetado no Vale do Itajaí, remeteram à Maria Bernardete Ramos Flores, principalmente o trabalho *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*⁷. A autora, dentro da perspectiva da História Cultural, radiografa as estratégias e táticas utilizados pelos *fazedores de festa* na

⁶ HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. (Org.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

⁷ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

construção da maquinaria das festas e na reinvenção de tradições na região do vale.

Além da problemática da invenção das tradições, busquei também a questão da construção de identidades, que configurou-se como um dos problemas centrais abordados aqui, tanto no final do século XX, dentro do turbilhão de transformações avassaladoras promovidas pelas políticas neo-liberais, como na Primeira República – que foram abordadas nos capítulos seguintes. Partindo das conceituações elaboradas por Roberto Cardoso de Oliveira em *Identidade, etnia e estrutura social*⁸, outros autores foram cotejados ao longo da discussão, na busca de elementos para entender as possíveis manipulações/construções de identidade, esta última sempre vista como construção social e passível de transformações ou usos políticos. Para tanto, a noção de etnicidade é fundamental, e poderia ser tomada como uma categoria objetiva de auto-reconhecimento das diferenças, que teria como referência os outros ou o Estado/nação, mas que constitui-se enquanto forma de organização política, que *recria fatores objetivos de diferença cultural*. No caso, a identidade pretendida através da Marejada é a açoriana, baseando-se nos supostos primeiros habitantes do litoral e da cidade de Itajaí, o que levou-me a fazer genealogia dos fatores

⁸ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Ed., 1976.

objetivos que levaram a busca do diferencial cultural por parte dos organizadores da festa. A Marejada – festa portuguesa e do pescado, foi historicizada, na busca dos interlocutores e reais interesses que a moviam. A indústria da pesca com seu ritmo decadente, além da ampla crise econômica que pairava sobre o Estado e sobre o País estão entre alguns dos elementos que impulsionaram o redirecionamento dos investimentos. Esta discussão constitui o primeiro capítulo.

Num segundo momento, procurei contestar o que se afirma na Marejada, como retorno do passado. Para tanto, fui buscar subsídios no período denominado de Primeira República (final do século XIX e início do século XX). Percebi aspectos que indicam uma certa diversidade cultural, e que não foi contemplada na reinvenção cultural promovida pela festa, que procurou cobrir qualquer outra possibilidade étnica com uma capa cultural lusitana/açoriana. Localizei elementos culturais em grupos sociais bem diferentes, ou pelo menos bem mais heterogêneos étnicamente, do que a festa sugere. Lá estavam alemães (com as suas festas, os seus jornais e estabelecimentos comerciais, e enfim, com seus costumes), além dos italianos, dos afro-brasileiros (ambos não foram trabalhados aqui) etc.

Entre a cidade de Itajaí e a Colônia Itajaí – Brusque – por exemplo, estabeleceram-se diversos colonos italianos, ao longo do Rio Itajaí-Mirim e de

seus afluentes⁹. Ainda hoje tratada como zona rural, é uma região que comporta diversas comunidades – algumas delas bastante isoladas tanto em relação a Brusque como a Itajaí. No caso de Itajaí, boa parte da população que vive nos dias de hoje nos bairros como Limeira, Itaipava – para citar alguns dos que atualmente ainda pertencem ao município – são descendentes de italianos, e não aparecem no resgate promovido pela festa da Marejada, que insiste em selecionar o litoral como representante exclusivo de toda a cidade¹⁰. Com relação a população de afro-brasileiros a situação não é também diferente, e parece não existir, tal o silêncio sobre o assunto¹¹.

Devido a exiguidade de tempo, este trabalho e a análise aqui empreendida contemplou principalmente os alemães e seus descendentes – circunscritos numa determinada classe, ou seja, os membros da elite da cidade. Ainda no mesmo capítulo, trouxe à tona uma parcela dos componentes culturais e étnicos que conformaram a cidade de Itajaí no início do século. Através das

⁹ SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1974. A autora coloca a vinda dos imigrantes italianos para a região após a ocupação dos alemães. P. 9. SERPA, Ivan Carlos. Vale de Histórias: o cotidiano da imigração italiana numa comunidade do vale do Itajaí-Mirim. Um ensaio de micro-narrativa histórica In *Revista esboços*. Florianópolis: Programa de Pós graduação em História da UFSC. Vol. 4, n. 4, jun./dez. 1996. P. 55.

¹⁰ Um trabalho que aponta para uma pluralidade étnica em Itajaí é o de FLORES, Maria Bernardete Ramos. *História Demográfica de Itajaí: Uma população em Transição. 1866-1930*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1979. Dissertação de Mestrado. Segundo a autora, *alguns destes colonos imigrantes, talvez, ao invés de adentrarem o vale, ficaram em Itajaí. Ou, quem sabe, tenham voltado depois. O certo é que, entre os noivos que vieram do estrangeiro, foram encontrados com boa frequência, no início do período, os alemães (19,2%) e a partir de 1896, os italianos (14%). (...) Constatou-se, assim, que a população itajaiense constitui uma mescla de etnias*. P 77-81.

¹¹ O trabalho do professor SILVA, José Bento Rosa da *Negras memórias*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, 1996, mostra um pouco de uma outra memória sobre a cidade, baseada na experiência étnica.

práticas discursivas (com as noções de civilização, progresso, empreendimento) analisei as sociabilidades promovidas pelas elites locais, e que criaram distinções frente ao restante da população, para além da origem étnica.

Num terceiro momento, já feita a arqueologia que trouxe à tona um dos grupos étnicos – no caso, os alemães e seus descendentes - e que efetivamente fez parte na composição da cidade, surgiu um outro problema. Aquilo que eu estava lendo, tanto sobre a festa como sobre seus referentes do início do século na cidade, configurava-se de forma estranha: quem e com que interesses possibilitou o esquecimento daquelas elites mistas do início do século? Por que a Marejada, hoje, ressalta o homem açoriano e não apenas o homem do mar? E como *o dever e a tarefa do escritor são as do tradutor*¹², o terceiro capítulo configurou-se como uma tentativa de *traduzir* outros sentidos, que não aqueles que apareciam *descritos*. Busquei perceber os caminhos pelos quais uma parcela da comunidade de imigrantes apoderou-se da esfera pública, e de como manteve-se no poder (no sentido mais amplo da palavra), criando uma elite mista através de estratégias as mais diversas (matrimônios, filantropia, cargos públicos, etc). A noção de que os imigrantes que viveram em Itajaí eram empreendedores por natureza, dotados de capacidade incomum para o trabalho, foi relativizada, ou melhor dizendo, desconstruída.

Por outro lado, os burgueses que atuaram em Itajaí, constituíram-se em relação a um “outro”, que era o seu oposto. Tratava-se do homem do litoral, que era a desqualificação personificada - preguiça e falta de iniciativa eram atribuídos a ele. O mesmo homem do litoral que hoje é exaltado mercadologicamente pela festa da Marejada, recebia o estigma da culpa pelo atraso do Estado. Um outro oposto seria o colono do vale, que de maneira mais genérica, rivalizava com o empreendedor do litoral.

Evidentemente que a minha postura frente a tais dados acabou por tentar explicar o próprio evento da Marejada: não é possível resgatar a cultura (no caso, a açoriana). Algo que se dá devido a própria dinâmica da experiência humana, que refaz de forma sempre diferente as suas tramas¹³. Além de todos os problemas de uma festa “criada”, sem um *Background* na cultura local, existem ainda outros tantos elementos que a desabonam. Primeiramente, por ela ser fruto de uma seleção aleatória, mais pautada nas possibilidades de mercado do que em qualquer outra coisa. Depois pelo caráter da composição étnica da cidade, que, segundo me parece, fica longe dos propósitos homogeneizadores da festa.

¹² PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1983. P.138.

¹³ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 3ª ed. Brasília: Ed. UnB, 1995. Isto acontece por serem tramas humanas e não determinismos. Pp. 19-21.

CAPÍTULO I

Marejada: a construção dos pórticos da açorianidade para Itajaí

*Com que olhos pensam vocês
que os deuses homéricos
olhavam os destinos do
homem?¹⁴*

O mundo como um todo sofreu profundas transformações nos últimos anos. A queda dos muros e o desmantelamento do “socialismo real” fortaleceram, ao menos aparentemente, as propostas neoliberais de globalização da economia. Noam Chomsky¹⁵ coloca que os modelos de análise baseados na

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral. 2ª ed.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. P. 71.

¹⁵ CHOMSKY, Noam. *A minoria Próspera e a multidão inquieta.* Brasília: Ed. UnB, 1996. Pp. 11-31. Sobre o impacto da “globalização” sobre a questão da etnicidade e da identidade étnica cf. PEREIRA, Cláudio Luiz. *Identidade Étnica e Patrimônio Cultural* In CARVALHO, Maria Rosário G. de (Org.) *Identidade étnica: mobilização política e cidadania.* Salvador: UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, 1989. Pp. 28-29.

bipolarização do mundo não dão mais conta de explicar os rumos da economia mundial. Simultaneamente ao reordenamento de grandes blocos econômicos, possibilitando um aparente revigoramento de suas economias, ocorre uma “internacionalização” do mundo. Os confins da Terra recebem Internet, Coca-cola e tv.

As chamadas novas propostas econômicas, desdobramentos do neoliberalismo - não tão novas assim - levam produtos e informações para todos os lados. Destroem fronteiras irredutíveis, geram emprego e desemprego. Antigas profissões desaparecem, sugadas pela informatização e automação da indústria, dando lugar a novas atividades. À massa de desempregados resta o mercado informal, com a reinvenção de práticas comerciais e manufatureiras.

A partir da denominada globalização, nos deparamos com um fenômeno que, se não é novo, é ao menos recorrente. Trata-se da busca de identidades, de nacionalismos, de aspectos culturais que dêem sentido a grupos e comunidades. É a busca de um “catalisador” cultural, frente ao avassalador avanço da tão propalada globalização. Através do suposto resgate de elementos culturais e étnicos, ocorre a invenção (ou reinvenção) de tradições. Paradoxalmente, ocorre que o mundo que se mostra internacionalizado e sem fronteiras, possibilita o surgimento (ressurgimento) de identidades e tradições locais. O culto e a exaltação de tradições locais emerge e prolifera por todo o

mundo. Alguns em forma de rivalidade e guerra, remetendo a imemoriais conflitos religiosos, como entre os eslavos da Bósnia.

Por outro lado, percebe-se também a emergência de festas, espetáculos populares e shows folclóricos (alguns que mais lembram os bailes à fantasia). As festas e eventos culturais, mesmo como criações recentes, têm um papel importante na vida local. Possibilitam a dinamização das atividades econômicas, além de incrementarem o turismo, o que leva a constantes reedições das mesmas. Através da festa (com todos os aparatos e ritualizações) funda-se um passado realizado numa narrativa mitológica. Aspecto que condiz com os interesses de quem se utiliza do redimensionamento do mercado mundial, cada vez mais voltado para as práticas do lazer e do turismo.

No Sul do Brasil, o Estado de Santa Catarina tem sido palco de eventos do gênero. A imigração europeia possibilitou o desenvolvimento de culturas locais diversas. Surgem várias festas ressaltando os respectivos elementos, permeadas, evidentemente, com um caráter mercadológico. Trata-se daquilo que a imprensa chamou de *Maratona do chope*, com o consumo de muita bebida, muita comida, com a expectativa permanente de que um milhão de turistas façam do Estado de Santa Catarina *o paraíso das festas de outubro*.¹⁶

¹⁶ Isto É. 22/10/1996. P.78.

São com chamadas do mesmo tipo que os jornais e revistas referem-se às festas “germânicas” do estado. Aliás, a divulgação sempre foi uma das armas fortes utilizadas pelas prefeituras e comissões organizadoras.

Foi a partir de 1984, com a primeira e bem sucedida edição da Oktoberfest, que as regiões do Vale do Itajaí e do norte do estado, onde habitam muitos descendentes de alemães, passaram a contar com diversas festas municipais do mesmo gênero. São festas que se utilizam dos costumes locais, com *a criação de algo novo a partir de elementos preexistentes*¹⁷, ou ao menos supostamente preexistentes.

O aspecto mercantil objetivado pelos organizadores, visa um maior fluxo de turistas, o que pode ser uma alternativa interessante para a indústria e comércio locais. A festa-mercadoria,

*...desencadeou uma indústria, artesanal ou não, na produção de suvenires, trajes típicos, guirlandas de flores, artigos para decoração, etc; a culinária, o serviço hoteleiro, os meios de transporte, são elementos que dinamizaram as atividades econômicas.*¹⁸

As possibilidades criadas pelas festas de outubro levaram várias prefeituras a buscarem incrementar e investir em propaganda e turismo, aumentando ainda mais o circuito de diversões e o número de visitantes. Vale

lembrar que tal alternativa visava superar, ao menos em parte, os problemas advindos das crises por que passava a indústria na região do Vale do Itajaí¹⁹, seguindo a estagnação que estava presente tanto nas indústria do estado, quanto do país.

Assim, a cidade de Itajaí, por meio do poder público, da Câmara de Dirigentes Lojistas e de outros setores empresariais, buscava uma maneira de encaixar-se no roteiro dos visitantes e consumidores potenciais. O problema é que não se sabia exatamente o que “era” Itajaí -culturalmente falando- e portanto, que tipo de evento deveria ser desenvolvido.

Tornava-se necessário ter uma “origem”, uma “tradição” a ser exaltada. Nem que se tivesse que “inventar” um passado para a cidade. Na verdade, a festa foi *idealizada com a proposta de promover o turismo em Itajaí*. A tradição, no caso, *a cultura açoriana, consolidou-se como marca de sucesso da Marejada*²⁰. Trata-se de uma afirmação que remete a uma reflexão de Eric Hobsbawm²¹, que tratou casos semelhantes, compreendidos como *tradição inventada*, ou seja,

¹⁷FLORES, Maria Bernardete et alii O grande teatro público: Oktoberfest: a construção cultural de uma festa municipal. In *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Ed. Insular, n. 3 p. 17, 1995.

¹⁸FLORES, Maria Bernardete. Idem. P. 21.

¹⁹ CUNHA, Idaulo José. *O salto da indústria catarinense*. Florianópolis: Paralelo 27, 1992. P. 186.

²⁰ *Jornal da Marejada*. Itajaí, setembro/outubro de 1997.

²¹ HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições In HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. (Org.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. P.10.

(...) *um conjunto de práticas, normalmente regulada por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visa, inculcar certos valores e normas através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.*²²

E foi a partir de 1987, que os seus organizadores pretenderam impor uma marca que tornassem-na porta-voz das *remotas origens do homem do litoral*. Criava-se aos poucos, a necessidade de procura das origens e dos fatos que fundassem a cidade (no caso, a imigração açoriana²³). Promovia-se a veiculação constante de elementos que evidenciavam a açorianidade da cidade em jornais, panfletos, livros didáticos, etc. As relações do homem com o mar e principalmente com o rio foram reelaboradas e tornados símbolos da cidade. A maior parte do material publicitário remetia a textos como *Os Açorianos*²⁴, de Oswaldo Rodrigues Cabral, apenas para citar um exemplo, entre tantos outros textos que procuravam demonstrar as origens do povoamento do litoral catarinense. Os açorianos passaram a ser considerados os principais responsáveis pela colonização de boa parte do litoral do Estado. Aqueles colonizadores açorianos teriam estabelecido-se a partir de 1748, e tiveram como objetivo ocupar espaços considerados vazios pela Coroa e que existiam no território

²² HOBSBAWM, Eric. Idem. P. 09.

²³ Entendida pelos organizadores na mesma perspectiva apontada por CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Laudes, 1970. Pp. 61-64. Segundo o autor, quase 5.000 açorianos foram trazidos para o Estado de Santa Catarina, sendo distribuídos ao longo do litoral, desde o rio de São Francisco do Sul até o cêrro de São Miguel, e sertão correspondente.

catarinense. A ocupação do território por casais açorianos garantiria a posse de Portugal, que naquele momento ainda sofria as disputas diplomáticas com a Espanha²⁵. A leitura de Walter Piazza, entretanto, não exclui – ou não deveria excluir – a existência de outros tantos grupos étnicos na conformação cultural da região nos anos que se seguiram.

Construiu-se uma idéia de que Itajaí é uma cidade de herança exclusivamente açoriana (ao menos no que diz respeito aos elementos culturais supostamente resgatados pela festa), ocorrendo um esforço permanente na imprensa local e estadual para afirmar o fato. As chamadas em letras garrafais destacam a Festa Portuguesa e do pescado, *preocupada desde o início com o resgate da cultura luso-açoriana e portuguesa na cidade*. Uma festa que estaria ligada ao *espírito típico dos colonizadores e da população que habita o litoral catarinense*²⁶.

A Marejada, Festa Portuguesa e do Pescado, onde se veiculam imagens e símbolos de um passado comum e remoto, não estaria fora de um princípio mercadológico. A divulgação do evento foi desenvolvida, em grande parte, por profissionais de marketing, com equipes liberadas para tais atividades:

²⁴ CABRAL, Oswaldo R. Os Açorianos In *Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense*. Vol. II Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950. Pp. 503-588.

²⁵ PIAZZA, Walter. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis, Ed. UFSC/Ed. Lunardelli, 1983. P. 124.

Segundo Silvia Cabral, a Festa Portuguesa e do Pescado foi divulgada pessoalmente por ela nos três países do Mercosul e nos estados de São Paulo - interior e capital, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná, além do Distrito Federal. A diretora ainda informou que a Marejada está sendo divulgada através de mala - direta desde o início do ano, para operadoras turísticas, agências de viagem e agências aéreas.²⁷

A representação que se quer fazer da cidade de Itajaí, projeta-a como uma simpática comunidade do litoral. Destaca-se constantemente o seu porto pesqueiro como o maior do gênero no Sul do Brasil. O porto cargueiro também recebe destaque, sendo tratado como uma das alavancas do “progresso” da cidade. Todos os textos referem-se às *belas praias*, numa concorrência clara pelos turistas que transitam pelo Estado, e que na cidade teriam uma opção a mais além das festas. A divulgação de praças e ruas centrais bem tratadas e organizadas remetem ao universo idílico. Não fosse pelo contraste causado pelas áreas periféricas que comportam a maior parte de uma população de quase 140 mil habitantes, seria possível chegar-se a crer, que se trata de uma exceção dentro do caos urbano por que passa o país. Aliás, uma exceção afirmada pelo poder público, mais precisamente pela Secretaria de Turismo, no jornal especial da Marejada:

²⁶ *Diário da Cidade*. Itajaí. 08/10/1996. Sobre a colonização do litoral catarinense, conferir CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Op. Cit.. No que diz respeito ao Vale do Itajaí e sua foz, principalmente da página 213 até a 226.

²⁷ *Diário da Cidade* Itajaí. 11/10/1996.

*Poucas são as cidades do mundo onde a natureza e o progresso convivem em perfeita harmonia. Itajaí (...) é um desses raros casos em que o desenvolvimento social caminha lado a lado com a preservação de suas características naturais, históricas e culturais.*²⁸

A noção de cidade pacífica, simples, de aparência idílica, parece ganhar materialidade, tornando o presente como que ligado ao passado através de uma linha contínua, repetindo suas origens nas práticas contemporâneas. É evidente que se está falando de representações, mas que podemos associar às estratégias²⁹ na construção de uma exterioridade comum, como a açorianidade.

Os textos oficiais que remetem para a *preservação de suas características*, estão relacionados com a *simplicidade da origem açoriana*, que teria sido possibilitada a partir da Marejada, Festa Portuguesa e do Pescado. A festa utiliza-se de elementos culturais que apontam para aquilo que Maria Bernardete Ramos Flores chamou de invenção da açorianidade. A autora referiu-se ao Primeiro Congresso de História Catarinense, realizado no ano de 1948, comemorativo do Bicentenário da Colonização Açoriana. Naquele congresso buscou-se *resgatar o importante papel do imigrante açoriano na Colonização de Santa Catarina*³⁰, conforme ficou registrado nos anais do encontro³¹.

²⁸Dez anos de marejada, *Diário da Cidade*. Itajaí, 10/1996.

²⁹CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. P. 46.

³⁰FLORES, Maria Bernardete Ramos. A invenção da açorianidade In *Ó Catarina!* Florianópolis, julho/agosto de 1996, n. 18, P. 04.

A reificação a nível estadual das origens açorianas e portuguesas aparecia nos mais diversos espaços, como mostrou uma folha comemorativa do bicentenário da fundação de São José³². A imagem da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim foi indicada como monumento da arte colonial portuguesa. A folhinha comemorativa foi distribuída por todo o estado pela Associação Filatélica de Santa Catarina, promovendo a representação das origens açorianas da cidade de São José (e por extensão do litoral do Estado). Uma prática que torna a repetir-se com mais frequência ultimamente, com o direcionamento de investimentos em turismo, com a criação de todo um mercado que consome cultura. Segundo Eric Hobsbawm,

*(...) [o] valor publicitário dos aniversários é nitidamente demonstrado pelo fato de que eles freqüentemente ofereceram oportunidade para a primeira emissão de estampas históricas ou semelhantes em selos postais, a forma mais universal de simbolismo público (...)*³³

Aspecto que parece repetir-se na hora em que reelaboram-se os dados sobre o passado da cidade de Itajaí. Os discursos constituem-se, principalmente os veiculados pela mídia e pelo poder público, de forma a indicar

³¹Anais do primeiro congresso de história catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.

³²Fôlha comemorativa do bicentenário da fundação de São José. Diretoria de Correios e Telégrafos/ Associação Filatélica de Santa Catarina, São José, 19/03/1950.

³³HOBSBAWM, Eric. A produção em Massa das Tradições In HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. (Org.) *A invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. P. 289.

uma conformação étnica³⁴ local preponderantemente açoriana, voltada para a pesca e para o mar, circunscrevendo e elegendo a pequena faixa litorânea como representante legítima da cidade.

Os discursos de um passado marcado pela cultura açoriana remetem a uma origem comum, numa época de pureza e simplicidade, mas que teriam perdido a sua *cultura e raízes* devido ao *desenvolvimento*. O “papel” da festa seria então o de resgatar *a simplicidade de seu povo*, possível dentro do quadro das *belezas deste pequeno mundo*.³⁵

A Marejada é projetada como o elemento fundamental para cimentar uma identidade³⁶. Uma festa que se pretende porta-voz da cultura açoriana do litoral, não procurando destacar-se das outras festas apenas pela temática diferente. Ela não seria diferente das *Oktoberfestas mais tradicionais de Santa Catarina* somente por não tratar da *cultura alemã*, mas sim do resgate da *cultura açoriana dos habitantes do litoral*.³⁷ Deveria promover a positivação do litoral

³⁴ Aqui definindo etnia de acordo com BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. Pp.9-10. O autor elabora uma conceituação que parte de Roberto Cardoso de Oliveira, onde procura *definir este termo fundamental desde logo: Etnia*. Ela substitui o termo raça, livrando-se do estereótipos e preconceitos a ele associados. *Seus parentes derivados são etnicidade, minorias étnicas, relações interétnicas, contacto interétnico, identidade étnica, grupo étnico*.(...).

³⁵ *Programação de setembro de 1996*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí/Secretaria de Cultura e Esportes, 1996. P. 25.

³⁶ GUIMARÃES, Dulce Maria Pamplona. Festa de Produção: identidade, memória e reprodução social. In *Revista de História*. São Paulo, 11:181-193. 1992. Segundo a autora, *observa-se que a identidade é sempre socialmente atribuída, socialmente mantida e transformada. O processo de identificação é um processo de construção de imagem e, dessa forma, susceptível de manipulação*. P. 185. Cf. também OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976. Principalmente o primeiro capítulo, *Identidade étnica, identificação e manipulação*.

³⁷ Dez anos de Marejada. *Diário da Cidade*, Itajaí, 10/1996.

(o ponto nodal a qual seus investidores sempre ressaltaram). A orientação para o litoral a tornaria de fato diferente das festas do vale, que deveriam, aquelas sim, ser “festas de alemão”. O litoral teria sua própria identidade, outras origens e conseqüentemente, deveria ter outros costumes (e poderia ter a sua própria festa).

A Marejada busca promover uma *(re)invenção do litoral*³⁸, idealizando um suposto habitante do litoral em contraposição aos habitantes do vale. Obviamente que uma idealização com objetivos tão caros, não poderia estar presa aos estereótipos que se faziam sobre os habitantes do litoral catarinense, tais como a indolência, a modorra e o atraso sobre todos os pontos de vista. Foi necessário “sanear” as representações que se faziam sobre o litoral (aos moldes das políticas intervencionistas sanitárias do início do século, aplicadas agora no âmbito das representações, das construções discursivas dirigidas ao evento). Atribuição que ficou sob a responsabilidade da imprensa, principalmente.

Os textos jornalísticos tratam as outras festas como “mais tradicionais”, construindo a imagem da Marejada a partir do outro (da outra festa), da imagem do outro³⁹. Ocorre uma tentativa de se fundar uma identidade

³⁸ ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado.

³⁹ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Op. Cit. O autor, fazendo uma revisão teórica sobre os conceitos de identidade, aponta as possibilidades da identidade contrastiva, que é determinada pela *afirmação de nós diante*

contrastiva. Os elementos tradicionais estão explícitos nas outras festas do Vale do Itajaí (que são lidas como “mais tradicionais”), garantindo implicitamente, uma tradição específica, e conseqüentemente uma identidade, para a própria Marejada. É como se a Marejada garantisse um contraponto do litoral em relação ao Vale do Itajaí. Numa revista de circulação nacional apareceu uma referência a cidade de Itajaí:

*A cidade litorânea de Itajaí é a ovelha negra do circuito das festas catarinenses. Mais parece uma ilha de cultura açoriana, cercada de tradição alemã por todos os lados*⁴⁰.

A festa busca apresentar uma conformação da cidade por traços exclusivamente açorianos, exaltando toda uma origem advinda dos Açores, com a construção de uma identidade baseada culturalmente na dança, nas comidas típicas, no artesanato⁴¹, entre outros elementos, e sugerindo o “resgate de tradições” aos moldes do promovido pela Oktoberfest, em Blumenau, e pela Fenarreco, em Brusque, entre outras.⁴²

Os chamados *pratos típicos* confundem-se numa profusão de iguarias elaboradas à base de peixes e frutos do mar, ou ainda os internacionais

dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam com tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. P. 5.

⁴⁰ Isto É. 22/10/1996. P. 81.

⁴¹ Um exemplo é o “rancho açoriano”, montado dentro do Parque da Marejada, onde há um engenho de farinha e açúcar, um tear, e outros elementos referidos a “atividades desenvolvidas pelos primeiros habitantes da região”. *Dez anos de Marejada Itajaí*, Outubro/1996. P. 4

“hot dogs” e fatias de pizza. Vários pratos são comercializados, desde os mais populares e baratos até os mais caros, à base de bacalhau⁴³. Todos tratados como *tradicionais*, principalmente o “caldo de peixe” e o “pirão”⁴⁴. É um verdadeiro *festival gastronômico*, da qual dificilmente um visitante pode escapar. As barracas estão dispostas em forma de corredor, de maneira que o visitante/consumidor passa necessariamente por elas ao caminhar pelo ambiente da festa.

Na entrada, encontram-se moças vestidas com roupas *açorianas*, destacadas da multidão pelos seus lenços e saias coloridas. O papel delas é recepcionar o público (leia-se consumidores), dando uma sensação de que os elementos açorianos reivindicados pela festa de fato existem. São grupos vestidos também *à caráter* que apresentam os paus-de-fita, as danças da quadrilha e o boi-de-mamão.

Diversas manifestações da cultura popular são apropriadas pela festa, e reinventadas como *folclore açoriano e português*. As apresentações são feitas por associações comunitárias e escolas, e em geral compostas por jovens e

⁴²FLORES, Maria Bernardete Ramos. O grande teatro público: Oktoberfest: a construção cultural de uma festa municipal. Op.Cit. p.20.

⁴³ *Uma cidade cheia de encantos*. Itajaí, 1997. (folheto/ folder turístico)

⁴⁴ Em vários momentos da literatura catarinense tais pratos são tratados como a última esperança do pescador e de sua família não morrerem de fome. O caldo é visto como uma sopa rala, engrossada apenas com alguns temperos do quintal e cabeças de peixe. O pirão é a mistura do caldo da sopa ou água quente com farinha de mandioca, formando uma pasta semelhante a um purê. Cf. D'EÇA, Othon. 2ª ed. *Homens e algas*.

adolescentes. Repete-se o jogo estratégico em que a cultura, no caso o denominado *folclore*, converte-se na *fonte vital do diferente*.⁴⁵ Alguns elementos da cultura popular, em sua suposta *idade do ouro*⁴⁶ são (re)elaborados a partir das necessidades concretas constituídas nos discursos de açorianidade. O pau-de-fita é tratado de uma maneira que o coloca como um dos representantes do *folclore* açoriano⁴⁷, e portanto do litoral, o mesmo ocorrendo com o boi-de-mamão, e assim por diante.

Mas não é apenas no ambiente da festa, espaço “açoriano” por excelência, que ocorre a tentativa de reconstruir um passado que “resgata” tudo aquilo que possivelmente está ligado à cultura açoriana. Boa parte dos aspectos culturais não relevantes para tal feito são deixados de lado, os “vestígios” da cultura germânica, italiana, afro-brasileira, entre outras, são simplesmente esquecidos ou tornados em exotismos extras para a Marejada (como é o caso da capoeira, que é apresentada durante os dias da festa). A rede de ensino fundamental, gerida pelo município, apresentou nos anos de 1995/1996 uma proposta não menos afinada com os propósitos da festa e das secretarias e

Florianópolis: Imprensa Oficial, 1978; cf. também VÁRZEA, Virgílio. *Mares e Campos*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1994, principalmente o conto *A última fornada*.

⁴⁵ BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 5ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981. P. 16.

⁴⁶ CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico In *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, n. 16, 1995. P. 180.

entidades envolvidas⁴⁸. Nos livros didáticos⁴⁹ utilizados durante o período, também houve uma tentativa de remeter ao passado açoriano comum, e que seria resgatado pela Marejada,

...o Estado de Santa Catarina foi colonizado por açorianos, que nos deixaram uma cultura muito rica. (...) Os folcloristas lamentam que estas tradições tão puras, portadoras de arte e romantismo poético, estejam desaparecendo pouco a pouco, perdendo o povo o espírito criativo.⁵⁰

Uma visão bastante superficial do homem do litoral, dando pouca ou nenhuma ênfase a elementos culturais vinculados a uma realidade concreta, e sim a pontos como o *romantismo poético*. Evidencia-se aqui um dos caminhos pela qual a construção de uma identidade açoriana percorre em Itajaí. Cria-se um elo de ligação direto entre o presente e as “remotas origens” da cidade, portadora à época, de *tradições tão puras*. O mesmo homem do litoral que antes era tratado como portador, segundo os preconceitos desenvolvidos no início do século, de uma *modorra* sem fim e que o impossibilitava de progredir, agora, segundo seus organizadores, é possuidor de um *espírito criativo*. Ainda no mesmo livro,

⁴⁷ D'ÁVILA, Edison e D'ÁVILA, Márcia. *Festas e tradições populares de Itajaí*. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1994. P.28. Cf. também SOARES, Doralécio. *Aspectos do folclore catarinense*. Florianópolis: s/editora, 1970.

⁴⁸Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996. P.44, onde se lê que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

⁴⁹Foram analisados os livros publicados pelo MEC/FAE/PNLD, e utilizados no ensino fundamental pela rede oficial municipal, que são, respectivamente *Aprendendo a ler Itajaí*, *Lendo Itajaí*, *Conhecendo Santa*

encontramos várias referências ao passado açoriano e português, sendo que não há uma distinção clara entre ambos, como aparece neste texto,

Para reviver a riqueza cultural deixada pelos açorianos, Itajaí prepara todos os anos a maior festa portuguesa do Brasil, a Marejada.⁵¹

Tentando perceber a forma como se dá o emprego da educação em estratégias políticas na cidade de Itajaí, foi analisado o Teste de verificação de aprendizagem aplicado pela Secretaria de Educação aos alunos da rede municipal. Este teste tinha o papel de *medir* o desempenho dos professores da rede pública municipal de ensino, tornando-se o instrumento pela qual se observaria a *produtividade* em sala de aula: melhores notas, melhor desempenho, maior o salário do professor. No teste exigiu-se, por exemplo, que se soubesse o que era e o que representava a Festa da Marejada⁵².

Catarina, e *O Brasil somos nós*. Atualmente estes livros não estão mais sendo utilizados, devido ao parecer contrário dado pela comissão especial de avaliação do livro didático da FAE/MEC.

⁵⁰A cultura açoriana. *Conhecendo Santa Catarina*. 8º ed. Itajaí: Prefeitura Municipal/ FAE, 1996. p.23.

⁵¹Idem. p. 53.

⁵² Teste de Verificação de Aprendizagem, aplicado pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Itajaí, seguindo o programa de produtividade na escola. Disciplina: Educação Artística, Prova aplicada à 5ª série ginásial - 6ª questão, 1996. *A Marejada (Festa Portuguesa)*; *a Fenarreco (Festa Alemã)*; *a Festa da Polenta*; *a Oktoberfest (Blumenau)* são exemplos do folclore catarinense.

A-()certo.

B-()errado.

c-()meio certo.

A prática do uso da educação para a formação de identidades foi discutida por Anne-Marie Thiesse⁵³, problematizando as *pequenas pátrias* e a *grande pátria* na França. Segundo a autora, através da educação, as crianças deveriam perceber suas realidades locais em consonância com a harmoniosa nação, as identidades locais não negariam uma identidade nacional.

O caminho tomado pela secretaria de educação, principalmente nos anos de 1995/96, aponta para a mesma perspectiva, indicando a construção de uma identidade local - no caso a identidade açoriana - como fruto de uma proposta política, vinculada a um projeto educacional.

Ainda sobre o caráter da formação das identidades, Mary Ryan⁵⁴ salientou o papel da educação na formação da identidade cívica nos EUA, ao analisar a parada norte-americana e suas transformações. A autora propôs que a parada pode ser vista como espetáculo, tanto pelos que participam como pelos que a assistem, e com o estabelecimento dos papéis desempenhados por cada grupo ou indivíduos.

Da mesma forma, talvez seja possível pensar alguns dos momentos da festa como espetáculo. Os que “fazem” e os que assistem. Os papéis também

⁵³ THIESSE, Anne-Marie. “La petite patrie enclose dans la grande”: regionalismo e identidade nacional na França durante a terceira República (1870/1940) In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 8, n. 15, 1995, pp. 3-16.

⁵⁴ RYAN, Mary. A parada norte-americana: representações da ordem social do século XIX In HUNT, Lynn (Org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Pp. 177-209.

foram definidos, e as moças demonstram já na entrada: bemvidos ao espetáculo! Desta forma, através do espetáculo, afirma-se o caráter da festa como responsável pelo “resgate” e manutenção do folclore - leia-se da cultura popular - igualando-a às outras festas do Estado. Ela é elevada a uma instância cívica, onde o lúdico tem papel pedagógico, formulando e promovendo uma etnicidade⁵⁵. Dentro de alguns anos, se a festa consolidar-se, poderão consolidar-se estratégias que produzam uma “verdade” estabelecida, uma representação da cidade colocando todos os habitantes como descendentes de açorianos.

É possível pensar nos efeitos de políticas como essa na cultura (ou culturas). Certamente que *as mil práticas, as maneiras de fazer*⁵⁶, dos usuários deste produto sócio-cultural irão pervertê-lo. Transformá-lo em outra coisa, dar-lhe outros usos, através da *astúcia do cotidiano*, talvez, inclusive, fazendo com que a expectativa dos seus produtores venha a frustrar-se. Entretanto, a festa – e seus “valores” - continua sendo prioridade para seus organizadores, como nas palavras do Ex-Diretor de Artes e Folclore da Secretaria de Turismo, Acyr Osmar de Oliveira, em que aparece a tentativa de “fundar” a tradição, criando

⁵⁵ GOICOECHEA, Eugenia Ramirez. Apud BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. Cit. P.148. Neste sentido queremos especificar o que entendemos pelo conceito de etnicidade. A noção que estamos utilizando não é uma noção de etnicidade que apenas enfatiza a criação de limites e critérios de auto-adscrição subjetivos, mas é a de um discurso social determinado que quer recuperar/recriar determinados fatores “objetivos” de diferenciação cultural, eleitos arbitrariamente e que considera como diacríticos em termos de inclusão/exclusão, com o objetivo de aglutinar certas coletividades em um projeto social e de poder concreto. Neste sentido, etnicidade é uma construção social no tempo, um processo que implica uma relação estreita

uma identidade - não exatamente a mesma hipótese de identidade cívica de uma sociedade hierarquizada como apontada por Mary Ryan, mas algo mais genérico, como a idéia de açorianidade,

É uma festa com a alma dos nossos colonizadores, destacando as manifestações artísticas e a gastronomia local, à base de frutos do mar, com pratos que vão desde a sardinha até a lagosta.⁵⁷

Conforme já foi colocado, não foram somente as preocupações com as origens que moveram os organizadores da festa. Aliás, o evento parece ser mais importante do que o tema. Segundo um editorial⁵⁸, *não faria sentido convidar o turista à Marejada para provar um chucrute*, numa alusão de que mesmo que existam outras manifestações culturais e étnicas na cidade, era preciso ter uma marca de distinção clara e forte para disputar os turistas com as outras festas. Uma clara preocupação com o caráter de atividade econômica a qual a Marejada se insere, conforme colocou a ex-Secretária de Turismo, Silvia Regina Cabral,

A rainha e as princesas precisam, antes de mais nada, saber vender a festa e conhecer a realidade histórica, política e econômica de nosso município.⁵⁹

entre a reivindicação política e que tem como referencial último não apenas "os outros", mas também o Estado/nação no qual o grupo étnico (portador de tal reivindicação) está inserido.

⁵⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

⁵⁷ *Diário da Cidade*. Itajaí, 11/10/1996. p.03

⁵⁸ *Jornal da Marejada*. Itajaí, setembro/outubro de 1997.

Houve, de fato, uma preocupação empresarial com a festa, voltada para um aumento do fluxo turístico. David Harvey, em seu trabalho sobre as transformações ocorridas no final de século⁶⁰ que estamos vivendo, colocou que a indústria dos serviços deve ser vista como uma tendência no redimensionamento do mercado mundial, obrigado a resolver os problemas advindos da necessidade de relocar o fluxo de capitais. As atividades econômicas desenvolvidas na região de Itajaí, passaram por transformações semelhantes, fruto do remanejamento de capitais, agravada pelas crises específicas por que passava o setor pesqueiro. A decadência da indústria da pesca atingiu diretamente o comércio local, que ficou estagnado. Os capitais foram relocados visando novos campos de investimentos, que foram criados com o crescimento do turismo – um dos novos carros-chefes da economia do Estado. Com uma importância crescente para vários setores, há um planejamento perene da Marejada. E *logo que terminamos uma edição, já iniciamos a divulgação e a organização da próxima*⁶¹, afirma a ex-secretária.

A crise do setor pesqueiro que vinha abalando a economia da região, da qual dependia também o setor terciário (lembrando que Itajaí é um polo regional), acabou por redimensionar a economia local, cada vez mais

⁵⁹*Diário da Cidade*. Itajaí, 11/10/1996. p. 03

⁶⁰ HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* 6ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1992. Pp. 163-176.

próxima do turismo. Um ponto em que é possível refletir novamente com Eric Hobsbawm, que colocou a relação entre as invenções de *novas tradições* com as *transformações suficientemente amplas e rápidas* ocorridas na sociedade *tanto do lado da demanda quanto da oferta*.⁶² Transformações que vinham ocorrendo ao longo dos anos oitenta: diminuição do potencial pesqueiro, desativação de estaleiros, evasão de recursos de empresas. As atividades econômicas desenvolvidas na região amargavam uma profunda crise⁶³.

O potencial turístico de Itajaí era explorado como atividade periférica, sem muitas possibilidades de concorrer com Balneário de Camboriú ou outras tantas praias da redondeza. Constantemente se discutia o que *se tem feito pelo turismo*⁶⁴ na cidade.

Quando das comemorações dos 127 anos do município, em 1987, constatou-se a crise por que passavam a indústria e o comércio locais⁶⁵. O então Deputado Estadual João Macagnan, pediu ao governo do estado a subvenção

⁶¹ *Diário da Cidade*. Itajaí, Idem, p. 03

⁶² HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Org.). *A invenção das Tradições*. Op. Cit. Pp. 12-13.

⁶³ MATTOS, Fernando Marcondes de. *Santa Catarina: tempos de angústia e esperança: subsídios para um programa de governo*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1978, p. 165. O autor demonstra, entre outras coisas, através dos dados da CEPA/SC, o declínio da produção pesqueira no Estado entre os anos de 1974 e 1977. Entre os anos 80 e 90 o problema piorou substancialmente, com o fechamento de diversas empresas ligadas ao ramo pesqueiro.

⁶⁴ *Jornal do Povo*. Itajaí, 13/06/1987.

⁶⁵ Idem, 13/06/1987.

para o pescado, procurando a isenção de ICM para amenizar a crise do setor pesqueiro⁶⁶.

Com níveis de desemprego bastante altos e com as elites locais perdendo seus investimentos, acirrou-se o debate em torno da questão do turismo como alternativa para a crise econômica. Baseados na Fenarreco (em Brusque) e na Oktoberfest (em Blumenau), alguns entusiastas apostavam em uma alternativa semelhante para a cidade. Aquelas festas estariam catalisando milhares de turistas para a região, e Itajaí estaria ficando *de fora*⁶⁷.

Uma preocupação que desencadeou propostas de atuação, se for levado em conta que o nome já existia desde 1986: Marejada. O seu lançamento oficial no ano seguinte foi divulgado nos jornais da cidade, e chamou a atenção a seguinte informação, que demonstrou a falta das mínimas condições para a implantação de uma festa portuguesa (ou açoriana), inclusive na culinária:

*(...) o Restaurante curitibano adega do Marquês traz pratos típicos portugueses para a Marejada.*⁶⁸

⁶⁶ Idem, 05/09/1987.

⁶⁷ Idem, 13/06/1987.

I.1. A Marejada: Festa Portuguesa e do Pescado

Não há memória para aqueles a quem nada pertence⁶⁹

A Marejada parecia ser o evento que faltava para a cidade, afirmavam os jornais. Falava-se de alegria, de diversão, de opção turística. Mas nem uma linha sobre açorianos ou portugueses. O evento paralelo, a Feira Industrial da Pesca, demonstrou a preocupação primordialmente econômica do evento.

Para o ano seguinte, 1988, a expectativa era grande e os jornais não escondiam isso. Juntamente com a festa ocorreriam dois eventos paralelos: a II Feira Industrial da Pesca e a I Mostra de Artes de Itajaí⁷⁰. O público envolvido na

⁶⁸ Idem, 26/09/1987.

⁶⁹ BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. 5ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes. P. 23.

⁷⁰ *Jornal do Povo*. Itajaí, 08/10/1988.

organização chegou a mil pessoas. Entretanto a festa não “pegou”. Pelo menos ainda não.

Segundo a maioria das pessoas consultadas, o que falta ainda na Marejada é a representação da cultura local, e também de uma pista de dança típica, onde os participantes possam participar mais ativamente da festa (...)

(...)é isso exatamente o que falta na Marejada. Um local onde os turistas possam conhecer a música açoriana, Italiana, ou até mesmo alemã (já que não temos uma herança cultural definida), (...).⁷¹

Aqui ainda encontramos o articulista possibilitando vozes dissonantes, como a que afirma a falta de uma “herança cultural definida”. Entretanto, após aquele ano, os investimentos seriam ainda maiores na busca da identidade da festa. Era preciso vender algo bem mais definido e original, frente a tantas e tão disputadas festas.

A partir de 1989, a idéia de açorianidade, de imigrantes açorianos e da cultura como suporte para a festa, começou a ganhar corpo. Foram investimentos gradativos, que lapidaram (e lapidam) uma noção de passado comum, baseado na imigração açoriana. A idéia era manter os açorianos como *âncora* da cultura e da festa, criando uma série de símbolos com suposta *origem em imigrantes açorianos*, e portanto, *Itajaí conserva ainda hoje traços culturais e sociais de seus primeiros habitantes.*⁷²

⁷¹ Idem, 15/10/1988.

⁷² *Jornal do Povo*. Itajaí, 29/07/1989.

Os preparativos para a festa de 1989 contaram com a construção do Pavilhão Municipal, Centro de Informações e diversas ampliações e reformas na área da festa⁷³. O “Programa de Promoções ShopTur”, desenvolvido pela SANTUR, divulgou a festa - juntamente com o circuito das festas catarinenses - para todo o Brasil. Foi o momento também em que alguns empresários da cidade começaram a envolver-se mais com a realização do evento,

*(...) A organização da festa está movimentando aproximadamente 50 pessoas, ligadas à área empresarial e profissionais liberais, representando a união da comunidade itajaiense e o poder público, na busca de melhorias para o município. (...)*⁷⁴

Os empresários⁷⁵, remodelaram-se aos novos rumos da vida local e reinvestiram na indústria do entretenimento. As grandes feiras da indústria da pesca que acompanharam a Marejada em suas primeiras edições, foram desaparecendo, ou dando lugar às feiras de lembranças típicas, numa perspectiva que tornou a cidade, ou representação que se queria dela, em um *objeto de consumo cultural para os turistas e para o estetismo*⁷⁶. A cidade passou a ser

⁷³ Idem, 05/09/1989.

⁷⁴ Idem, 05/09/1989.

⁷⁵ Principalmente os empresários da cidade ligados ao turismo e ao comércio. Houve ainda a participação das empresas de refrigerante e cerveja, que disputaram (e ainda disputam) a exclusividade de vendas em cada evento. Sobre o investimento empresarial em festas desse gênero, cf. FLORES, Maria Bernardete Ramos. Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do chopp. Op. Cit. Pp119-133.

⁷⁶ LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991. P. 104.

apreendida apenas em seus aspectos simbólicos, e que podiam ser convertidos em “mercadorias” para o consumo.

Os discursos que tentam aproximar cada vez mais, a festa da Marejada que ocorre nos dias de hoje, aos tempos de “origem” da cidade que a inspiram, são também responsáveis pela manutenção do pavilhão de eventos de perto do mar,

No ano que vem a Marejada será realizada em área definitiva que reuna amplitude, segurança, posição estratégica e vinculada ao mar ou rio, de forma a não perder a característica principal do município⁷⁷.

E a festa continuou acontecendo no mesmo local, o antigo terminal de ônibus municipal – que de provisório passou a definitivo. Próximo ao rio Itajaí-açu e do mar, como símbolo das atividades do homem do litoral e dos antigos *colonizadores*. De fato uma localização muito boa, já que o local permite vislumbrar tanto o rio como a sua desembocadura no mar. O rio representa o meio de acesso ao mar pela frota mercante e pesqueira industrial, sendo portanto fundamental para diversas das atividades desenvolvidas e que são ligadas a uma delas (ou a ambas). também importante para os poucos pescadores artesanais que não foram tragados pela indústria pesqueira, e que sobrevivem às adversidades do *mercado*. Enfim, a indústria do turismo também promovia o mar

e o rio com suas *belezas e recursos naturais*. Fruto do acaso ou de uma estratégia, a sede da Marejada continuou na foz do rio Itajaí.

Um espaço privilegiado que colocou o turista/consumidor em contato com fragmentos culturais da cidade, em forma de mercadorias como os pratos típicos à base de peixes e frutos do mar, por exemplo. Ou seja, entre as atividades econômicas importantes desenvolvidas na cidade, tanto de forma industrial quanto artesanal, a pesca foi incrementada a partir do potencial publicitário da festa. No mesmo caminho, o homem do mar, que de fato vive e trabalha em tais atividades, é transformado em herdeiro de uma açorianidade comum. Tenta-se construir assim uma identidade (discurso), que é amalgamada a partir de uma base real que é a ligação com o mar/rio, mas que remete a uma origem comum que é de fato construída.

A partir de 1990, os investimentos por parte da Prefeitura Municipal aumentaram significativamente, dado que foi amplamente divulgado. O Boletim informativo da prefeitura divulgou as melhorias ocorridas na festa e na infraestrutura, além dos convênios firmados no encaminhamento da publicidade:

(...) A Marejada, Festa Portuguesa e do Pescado está sendo divulgada a nível nacional, através do pacote publicitário coordenado pela Santur e denominado "noites de Santa Catarina". Juntamente com a Oktoberfest, Fenarreco e Fenachopp, a Marejada constitui-se num atrativo turístico durante o mês de outubro e, para

⁷⁷ *Jornal do Povo*. Itajaí, 10/06/1989.

*dar uma mostra dos espetáculos programados para este ano, a secretaria municipal de cultura, esporte e turismo e a comissão organizadora da festa levam até as principais cidades brasileiras um pouco do que acontece em seus dez dias de realização.*⁷⁸

Naquele ano a comissão organizadora da Marejada elaborou um formulário que seria preenchido por visitantes da Festa. A proposta era localizar a demanda turística, com itens como preferência gastronômica, atendimento, segurança, além de conforto e higiene. Ficou claro que se tratava de uma pesquisa de mercado, ou pelo menos de uma tentativa disso. A preocupação que os organizadores tiveram para saber o que os *consumidores* estavam esperando, da festa através de uma pesquisa de opinião, demonstrou uma preocupação em buscar subsídios para os planejamentos futuros, embasados nas pesquisas sobre as *preferências gastronômicas e artísticas*, que poderiam também *detectar pontos que possam ser melhorados a partir da análise crítica efetuada pelos participantes da pesquisa*⁷⁹. Certamente os investimentos seriam dirigidos para os pontos convergentes (preferências musicais, tipos de alimentos com predominância nas preferências, etc), o que reforçou a idéia de que a festa era (e

⁷⁸ *Boletim informativo*. Elaborado pela Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Itajaí. Agosto de 1990.

⁷⁹ *Idem*.

ainda o é), meticulosamente ligada aos interesses econômicos de determinados grupos e organizações⁸⁰.

Na Marejada de 1992 os investimentos em infra-estrutura tornaram-se mais efetivos. Estava sendo montada a maquinaria da festa⁸¹, já nas pautas do governo municipal como alternativa segura para a dinamização do turismo local. Através do demonstrativo das contas da 6ª Marejada, observou-se investimentos na construção dos novos ícones da cultura como a Casa Açoriana, que reproduziria a vida dos antigos habitantes do litoral catarinense; ou do Moinho de Vento, de novos quiosques, coretos, da Praça do Chafariz e do Portal de Entrada, os últimos construídos dentro de um padrão estético que se aproxima muito grosseiramente de uma arquitetura que confusamente pretende ser portuguesa/açoriana. Foram melhorias permanentes que indicaram a credibilidade da festa frente ao poder público municipal. Foram ainda no mesmo demonstrativo que encontraram-se os gastos com publicidade, deixando claro os

⁸⁰ A participação dos empresários locais deu-se principalmente via os contatos e acordos firmados através da comissão organizadora, formada principalmente por Renato Silva, Luís Felipe Graff e Acyr Osmar de Oliveira. Entre as entidades que participaram mais ativamente nos empreendimentos para a efetivação da festa estão a CDL – Câmara dos Dirigentes Lojistas, como principal interessada na retomada do crescimento das vendas, além de diversos empresários ligados aos mais variados ramos de atividades – mais tarde alguns empresários criaram a Associação Comercial e Industrial de Itajaí - ACII.

⁸¹ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Op. Cit.. P. 19.

investimentos com marketing e promoção, rádios, emissoras de tv, faixas promocionais e impressos⁸², numa ampla divulgação da festa por todo o Brasil.

A associação com os promotores das outras festas do circuito catarinense deu maior visibilidade à Marejada, através de investimentos gradativos e permanentes em divulgação,

Com o objetivo de divulgar a 7ª Marejada, Festa Portuguesa e do Pescado de Itajaí, viajou no último dia 17 de junho, a diretora de Turismo, Silvia Regina Cabral, acompanhada da Rainha da Marejada Patrícia Bissoni.

No estado de São Paulo, Sílvia e Patrícia, participarão de Workshops nas cidades de Bebedouro, Campinas, São José do Rio Preto, Limeira e Ribeirão Preto.

Nestas cidades, será distribuído farto material divulgando a festa, como também, hábitos e costumes da região.

Vale ressaltar que os representantes de Itajaí, integram a caravana "Noites de Santa Catarina", isto é, acompanham representantes das demais festas de outros municípios da região que são realizados no mesmo período, ou seja de 1º a 17/10/93⁸³.

Os elementos que supostamente melhor representavam hábitos e costumes da região foram selecionados e apresentados em várias cidades do Brasil. A Marejada, a Oktoberfest, e as outras festas do Estado indicam para o princípio da homogeneidade cultural, operacionalizando práticas que excluem a pluralidade e dinâmica cultural nas regiões em questão.

(...) Apagando e silenciando os conflitos, as contradições, a história pontuada pelos diversos tempos vividos, acaba por apresentar e

⁸² *Jornal Cidade Livre*. Itajaí, 21/11/1992.

⁸³ *Jornal do Comércio*. Itajaí, junho/1993.

representar uma história mitificada, apologética, seletiva, cuja versão é trazida a público através de emblemas de um passado seletivo, pelos "fazedores de festa"⁸⁴.

No caso da Marejada, entretanto, a maior parte dos elementos selecionados referentes a esse passado seletivo, foram inventados. *Resgatou-se* o passado na tentativa de dinamizar o turismo e o consumo advindo disso. O que não quer dizer que a atitude dos investidores e organizadores mudou a situação concreta de uma boa parte da população, que vivia (e vive) num quadro de miséria quase absoluta. Segundo dados divulgados pela imprensa local⁸⁵, colhidos por uma pesquisa realizada pelo Curso de Geografia da UNIVALI em 1994, a cidade possuía 20.983 indigentes (17,54% de uma população de 119.631 habitantes). A pesquisa apontara ainda os problemas como a fome e as doenças infecto-contagiosas que tanto assolaram (e assolam) os grupos de pessoas mais pobres. E não se falou mais sobre o assunto na cidade. Pelo menos na imprensa, as referências ao estado de miséria acentuada por que passava (e passa) a população eram (e são) bem pouco freqüentes.

Foi o sucesso da festa nos anos anteriores e os preparativos para a edição de 1994 da Marejada que estavam estampados nos jornais da cidade. À

⁸⁴ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Op. Cit. P. 46

⁸⁵ *Informativo da ACII*. Itajaí, 2ª quinzena de 03/1994. Parte dos dados foram confirmados no *Relatório do programa nacional de atenção integral à criança e ao adolescente - PRONAICA*, Itajaí: UNIVALI, 1995.

*sociedade do espetáculo*⁸⁶ interessavam os consumidores em potencial e não qualquer outra coisa. A Comissão organizadora esperava a duplicação do número de visitantes em relação ao ano anterior. O Museu Histórico preparou um livreto⁸⁷ sobre o folclore açoriano e que seria apresentado durante a realização da Marejada, em outubro. Segundo o articulista,

*O livro é composto de fotos de quadros que retratam os principais folclores açorianos, como o pau-de-fita, festa de corpus christi, fogueira de São João, Boi de Mamão, ternos de reis, malhação de Judas, festa do Divino Espírito Santo, brincadeiras infantis, dança de quadrilha, entre outras (...)*⁸⁸

O lançamento do livro junto com a festa não foi gratuito. Afirmou-se o caráter verdadeiro e legítimo do resgate cultural com o aval da pesquisa sobre o *folclore*. Criou-se uma linha imaginária que ligava os elementos que supostamente pertenciam ao passado, ao contexto do presente, de uma forma linear, sem nenhuma ruptura ou descontinuidade – no máximo foi considerada a ação do “progresso” sobre a cultura. Tratou-se de uma ligação nostálgica com o passado⁸⁹, compensada com os elementos que podiam recriá-lo, como nos museus, monumentos e em eventos nomeados culturais.

Este relatório aponta os grandes fluxos migratórios como um dos principais responsáveis pelo aumento da miséria na região.

⁸⁶ CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico In. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, vol. 8, n. 16, 1995. P.185

⁸⁷ D’ÁVILA, Edison e D’ÁVILA, Márcia. *Festas e tradições populares de Itajaí*. Op. Cit.

⁸⁸ *Jornal da ACII*. Itajaí, 1ª quinzena de 09/1994.

⁸⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3ª ed. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1994. P.220.

E foi ocorrendo, ao longo dos anos, o aperfeiçoamento da Festa pelos seus organizadores. Quando aconteceu a IX edição da Marejada, em 1995, as articulações para garantir a grandiosidade do evento foram muitas. A Associação Comercial e Industrial de Itajaí, através de seu informativo, mostrou o empenho para o sucesso da Festa. O contato com agências de viagens, almoços de lançamento oficial da festa, eleição da Rainha, tudo foi noticiado. Inclusive preparou-se uma contagem regressiva, criando um certo suspense em relação à espera das *noites de Marejada*. A divulgação era feita diariamente nas rádios e jornais.

Ainda no mesmo jornal foi dada publicidade para a notícia de que a Caixa Econômica Federal, através da Loteria Federal, estaria divulgando a Marejada. Vetor de simbolismo público, como poderia ser a loteria federal, seriam comercializados 210 mil bilhetes, divididos em três séries de setenta mil bilhetes, tendo o tema da festa estampado e distribuído para todo o Brasil. Naquele bilhete comemorativo observou-se novamente a construção de símbolos significativos, e que foram divulgados ao grande público. A noção de herança portuguesa e açoriana novamente foram reafirmadas de forma confusa. O bilhete foi divulgado como *uma homenagem à comunidade de Itajaí, que fez da*

*Marejada uma atração turística no Brasil, unindo a cultura dos povos brasileiro e portugueses*⁹⁰.

Expressiva foi a posição da ACII – Associação Comercial e Industrial de Itajaí - em relação à Marejada, através do editorial do Jornal da entidade, que deixa bastante claro o que se esperava da festa, em relação aos ganhos econômicos, principalmente. É importante ressaltar que os editoriais tanto dos jornais oficiais da marejada como dos jornais das diversas associações que tratam do tema, posicionaram-se exclusivamente sobre os aspectos econômicos da festa. Quando trataram de aspectos culturais foi referindo-se aos desdobramentos disso nos resultados econômicos para a festa e para a região.

(...) Hoje a Marejada está perfeitamente inserida no contexto turístico das festas de outubro, sem ficar devendo aos demais eventos do gênero, pois leva a marca genuína da tradição dos colonizadores de Itajaí e cidades vizinhas.(...) Para continuar crescendo e atraindo turistas, é preciso, antes de mais nada, muita divulgação. O ideal seria divulgá-la, durante todo o ano, utilizando-se de todos os canais publicitários possíveis, pois desta forma estaríamos promovendo Itajaí, seu comércio, sua indústria, seu porto, suas belezas naturais, sua gente hospitaleira, enfim, tudo que possa chamar a atenção dos turistas dentro e fora do país.

Mais do que nunca, a projeção da Marejada se faz necessário agora, quando Itajaí está desenvolvendo intercâmbios culturais e sócio-econômicos com a região do Minho, em Portugal, resgatando sua identidade com a cultura açoriana, e se configurando como porta de entrada dos países da União Européia com o Mercosul.

*O ACII, Jornal Especial da Marejada, é uma contribuição da Associação Comercial e Industrial de Itajaí à divulgação deste evento*⁹¹.

⁹⁰ Quirino Mannes, Superintendente da CEF/SC em entrevista ao *Jornal da ACII*. Itajaí, 2ª quinzena de 09/1995.

Percebe-se novamente a mesma confusão que apareceu em outros textos que se referiam ao resgate da cultura açoriana. Aqui, portugueses da região do Minho dos dias de hoje, fazem a ponte com os açorianos de ontem. Uma tentativa de construção de laços através de uma identidade supostamente comum, como que para abrir as portas para a Comunidade Européia, segundo o texto. Mas vale lembrar que, mesmo com possibilidades de comércio e intercâmbio com o exterior, ainda é a própria festa que movimentava os empresários locais, que estimavam um público superior a 300 mil pessoas para a edição de 1995.

A construção dessa identidade busca reforçar a ligação dos habitantes da cidade com o seu porto, que já é bastante estreita. O porto – tanto o pesqueiro quanto o de cargas e passageiros – sempre foi muito importante para o mercado que em Itajaí foi constituindo-se desde o século XIX⁹². Entretanto, a festa tenta fazer uma ligação direta entre tais atividades e o homem açoriano. No

⁹¹ Mário Cesar Sandri, Presidente da ACII, editorial da Edição Especial da 9ª Marejada do *Jornal da ACII*, Itajaí, 10/1995

⁹² MACHADO, Joana Maria Pedro. *O desenvolvimento da construção naval em Itajaí, Santa Catarina, uma resposta ao mercado local, 1900-1950*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1979. Dissertação de Mestrado. A autora analisa o desenvolvimento da construção naval na cidade, que tinha no porto, sua principal atividade econômica, inclusive com o surgimento de uma série de atividades ligadas a este, como as atividades de armazenagem, pessoal de carga e descarga, e principalmente o agenciamento de navios e a atividade de armador. P. 8.

caso, o açoriano é utilizado como âncora cultural, fundando uma espécie de homem nato para o mar – e todas as atividades inerentes a ele.

O ano de 1996 comemorou a X Marejada, que já estava consolidada como evento importante para a cidade e região. A maioria dos jornais locais, informativos de clubes e entidades, diversos folhetos, e até out-doors remetiam ao tema Marejada. O consumo de chopp deveria chegar aos 100 mil litros, com um público superior aos anos anteriores. Naquele ano, o NEA - Núcleo de Estudos Açorianos de Santa Catarina - aproximou-se da Festa, numa tentativa de colher subsídios para o trabalho desenvolvido pela entidade. Seguindo a mesma proposta de resgate da cultura açoriana no Estado incrementada pelo NEA, a Marejada representava um bom laboratório,

A escolha dos grupos folclóricos e artistas que se apresentam na festa é resultado de uma minuciosa pesquisa realizada pela Comissão Organizadora da Marejada e pelo NEA⁹³.

Devido a pesquisa, foi necessária uma viagem aos Açores, para realizar o *trabalho de resgate cultural*. Foi uma tentativa de manter um *contato direto com a população local das ilhas açorianas*⁹⁴. Os *estudiosos* que foram até os Açores buscar elementos da cultura local, e que realizaram a *minuciosa*

⁹³ *Diário da Cidade*. Especial dez anos de Marejada, Itajaí, 10/1996.

⁹⁴ *Idem*.

pesquisa de hábitos e costumes, acabaram por reforçar a idéia de que seria possível de fato resgatar uma cultura - ou aquilo que se entende por cultura. (Re) Fundaram o passado, ou tentaram , com um estatuto de verdade presente nos rituais e práticas (re) utilizados. Com tantos investimentos, parecia mesmo que a festa daria certo – como de fato vem acontecendo – ao contrário de outras tentativas frustradas, como a Festa da Tainha ou a Festa da Sardinha⁹⁵, que não lograram continuar.

Para a Marejada de 1997, uma cervejaria de renome nacional⁹⁶ lançou cerca de 2 milhões e 500 mil caixas de cerveja em lata, com a estampa da Marejada. Foi dada muito mais visibilidade à festa, ampliando significativamente o raio de ação da divulgação. Além do mais, os investimentos na festa mostram a contrapartida em infra-estrutura e eventos por parte dos organizadores, conforme o atual secretário de turismo, José Armando Marques da Rosa,

(...) está iniciando as ações que objetivam melhorias na infra-estrutura do Parque Itajai-Tur para a realização da Festa. (...) “Neste ano teremos cerca de 600 atrações musicais e folclóricas, confirmando a variedade de opções de nossa festa”, acentua⁹⁷.

A Marejada propõe, ou impõe, um passado monolítico, “inventando” e produzindo uma tradição açoriana, constituindo uma identidade

⁹⁵ BERTOLINI, Honório. Marejada: festa portuguesa e do pescado em Santa Catarina In *Revista Alcance: especial de História*. Itajai: Ed. da UNIVALI, ano IV, jun/97. Pp. 63-70.

que se pretende comum a todos. É a manipulação de conteúdos simbólicos, através da criação de um conjunto de elementos que afirmam a identidade açoriana. Aparentemente, num momento de globalização da economia, parece ser uma saída possível para uma crise econômica que envolve todo o país. Entretanto, os grupos sociais que são beneficiados com a festa, não são os desempregados da indústria pela automação ou falência. O emprego informal ainda absorve os mesmos “expatriados” da dita economia formal. Mas com um preço bastante alto: sem seguridade social, estabilidade ou qualquer outro direito trabalhista.

A Festa, como alvo de investimentos, beneficia muito mais aos investidores, do capital fugidio e inacessível. A cultura popular vira mercadoria, a festa vira mercadoria. E quem pode, paga o preço.

⁹⁶ Cervejaria Brahma, que produziu edições especiais também para a Oktoberfest e Fenarreco, entre outras.

CAPÍTULO II

Para além dos açorianos: Itajaí na Primeira República.

O primeiro ato dos republicanos foi substituir a denominação de certas ruas: a rua Conde D'Eu a chamar-se Lauro Müller; a Pedro Segundo, 15 de novembro, e a sacramento, 13 de maio.⁹⁸

Em 1990, foi feita a transferência de um acervo documental da Biblioteca Central da UNIVALI, para o Arquivo Histórico Municipal de Itajaí. Então como estagiário do Curso de História, participei nas atividades de tomar todo o acervo transferido, manuseando e lendo parte do material.

As diversas cartas, os textos, vários recortes de jornal, e outros fragmentos/documentos que apareciam, davam-me conta de uma cidade da qual eu quase não tinha ouvido falar. A cidade⁹⁹ foi tornando-se um texto relativamente inédito e inusitado para mim.

Cartas e bilhetes escritos em alemão, correspondências para a capital, para o Rio de Janeiro, para o interior do Estado, na medida em que as

⁹⁷ *Diário da Cidade*. Itajaí, 07/08/1997.

⁹⁸ KONDER, Marcos. *Lauro Müller/ A pequena pátria*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. P. 82.

⁹⁹ Aqui estou concordando com MORSE, Richard. *As cidades periféricas como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina*. In *Revista de Estudos Históricos*. Op. Cit., que na sua reflexão sobre as cidades

folheava, remetiam-me à Alemanha, à Europa, aos empreendimentos cheios de sonhos, de mágoas, de articulações e conchavos. Notas de Hotéis, tickets de viagem, e todo um conjunto de papéis que falava um idioma pela qual eu não tinha a menor afinidade. O que deixava-me intrigado era o fato daquela massa documental estar em Itajaí, referindo-se a Itajaí. A mesma cidade que estava sendo vendida atualmente como açoriana. E mergulhei nas pesquisas em busca de algumas respostas.

Boa parte dos documentos levantados naquele momento pertenceram à Marcos Konder, e formam o fundo Marcos Konder¹⁰⁰. É no mesmo arquivo que encontra-se uma série de outros documentos que remetem ao mesmo fato: existiram alemães, italianos, e tantos outros imigrantes, que participaram da esfera pública da cidade e constituíram uma esfera privada bastante organizada e forte. O uso da esfera pública por essa elite – em parte emergente – propõe a coexistência de várias identidades étnicas, propriamente falando. Sendo assim, acredito que na disputa pela promoção de classe, possam ter surgido disputas de nível étnico, com a possibilidade de participação efetiva por outras identidades nas esferas pública e privada, e não só a luso-brasileira, ou açoriana, como propõe a Marejada.

como arenas culturais, coloca que *estamos buscando é o ambiente urbano não como descrito e analisado, mas como experimentado e expresso*. P. 205.

¹⁰⁰ Arquivo Histórico de Itajaí. Fundação Genésio Miranda Lins.

O trabalho aqui desenvolvido teve as atenções voltadas para os imigrantes alemães do centro da cidade de Itajaí, no período compreendido como Primeira República. Para tanto, segui as pistas que demonstravam a participação deles, no final do século XIX e início do século XX, na vida da cidade, e que pode ser observada, pelo menos em parte, através dos jornais. Eles foram veículos que possibilitaram perceber a existência, naquele momento, de uma população mais heterogênea, etnicamente¹⁰¹ falando.

Houve uma certa visibilidade promovida pelos anúncios, afirmada publicamente. A insistência e periodicidade dos anunciantes, na medida em que lhes promoveu visibilidade e os afirmou publicamente, levou-me a crer na existência de um público a ser atingido, que leria tais anúncios ou com eles travaria conhecimento. Mas, o surpreendente foi o fato de que muitos dos anúncios foram redigidos em língua alemã, sendo que a maioria dos anunciantes eram imigrantes¹⁰².

¹⁰¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. Cit. Pp. 9-10. No caso aqui exposto, a idéia de grupo étnico associado à de etnia, remete a uma das combinações possíveis, segundo o autor, de aplicação do conceito etnia, ou seja, *quando combina a identidade minoritária com a cultura complexa, também no interior de um tipo de sociedade como a nossa, como seria o caso de poloneses, japoneses ou italianos dentro da sociedade brasileira, com base em Cardoso de Oliveira, 1976: 102-105.*

II.1. Os anúncios: a venda da própria imagem e os espaços de sociabilidades

Tive a curiosidade de indagar, particularmente, por que métodos grande número de pessoas conseguira obter altos títulos honoríficos e prodigiosas propriedades.¹⁰³

Além de querer vender e comprar, que outro tipo de mensagem os anúncios transmitiam? De quem eles falavam? Eles agradeciam, avisavam, exibiam distinção, marcavam territórios que existiam efetivamente na esfera pública¹⁰⁴, como é o caso de um comunicado do *Centro Aformoseador do Itajaí*¹⁰⁵, que mostrou a participação de vários imigrantes, na tarefa de *trabalhar pelo embelezamento desta cidade*. Preocupação aliás, bastante presente nos editoriais da época, onde a higienização e a disciplinarização dos espaços, tanto públicos como privados, encontravam uma boa ressonância nos meios mais “abastados”. Uma preocupação que Micael M. Herschmann percebeu na *política*

¹⁰²Observei que tanto em *O Progresso*, de 1899 a 1901, quanto no *Novidades*, em todos os números de 1904 e 1907, a maioria dos anunciantes é constituída de imigrantes e seus descendentes.

¹⁰³ SWIFT, Jonathan. *Viagens de gulliver*. Rio de Janeiro: E. Globo, 1987. P. 227.

¹⁰⁴Nos jornais *O Progresso*, *Novidades* e *Pharol* são encontradas as listas das diretorias dos diversos clubes de serviço, sociedades, etc, por ocasião das eleições das respectivas diretorias dessas entidades.

¹⁰⁵Criado em 20 de fevereiro de 1903, conforme consta de seus Estatutos. Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

de intervenção nacional, proposta por cientistas-intelectuais brasileiros do início do século, e que buscavam *sanear, higienizar e educar*, para *viabilizar uma civilização dos Trópicos*.¹⁰⁶

Parece que esta noção de civilização poderia ajudar a definir os limites entre as classes na cidade. Como bem lembrou Norbert Elias, pode ser que conceitos novos gerem comportamentos novos¹⁰⁷. Um dos espaços de divulgação de idéias era o jornal, que foi lido evidentemente, mas não exclusivamente) pelos pares ou concorrentes da mesma classe. E um dos mais importantes espaços dentro dos jornais, o editorial, possibilitou perceber o posicionamento das elites, e pode ser vista como uma das formas para a demarcação de territórios. As elites procuravam ficar distantes de todo o atraso que o homem do litoral - estigmatizado que era - pudesse representar.

Muitas disputas, inclusive as referentes a políticas partidárias, aparecem explicitadas nos jornais, como no caso da campanha presidencialista de 1910. No jornal *O Pharol*¹⁰⁸, num mesmo dia sai a nominata dos membros da Junta Civilista e a lista de *apoio civilista* a Ruy Barbosa; publicou também a lista

¹⁰⁶HERSCHMANN, Micael M.. A arte do operatório. Medicina, naturalismo e positivismo: 1900-1937 In. HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp.43-65.

¹⁰⁷ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes* 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994. P. 68.

¹⁰⁸ *O Pharol*. Itajaí, 25/02/1910.

da *Comissão Executiva do Partido Republicano*, partidários de Hermes da Fonseca e Wenceslau Braz.

Além de Marcos Konder, a Junta Civilista contava ainda com Geraldo Pereira Gonçalves e Bruno Malburg. O Partido Republicano contava com a presença de Pedro Ferreira e Silva, Samuel Heusi, João Pinto D'Amaral, Ludovico José Gomes e João Gaya. Em ambas encontravam-se sobrenomes diversos etnicamente. Vale lembrar que somente a lista da junta civilista é que foi publicada na íntegra. Através da divulgação dos sobrenomes, pôde-se perceber a simbiose que existia e que era promovida em tais práticas. Nesta lista, os sobrenomes sugerem uma possível simbiose étnica entre as elites locais.

E não foi apenas nas disputas partidárias, mas também (e principalmente) em atividades ligadas a filantropia e aos princípios de civilidade na esfera pública da cidade de Itajaí, que as elites buscaram marcar posições. Tais atividades constituíram-se em promotores de distinções nas esferas privadas locais, onde tanto indivíduos de origem alemã quanto brasileiros disputavam espaços de atuação. Os nomes se repetiam-se nos partidos, clubes, casamentos e anúncios¹⁰⁹, num revezamento de cargos e funções sempre entre os pares da *distinta gente*. A forma como era dada publicidade a toda gama de atividades,

¹⁰⁹ Para ver uma análise mais precisa sobre este assunto ver FÁVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido: a construção das elites- Itajaí, 1929-1960*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.

sugere a tentativa de formar uma *opinião pública*¹¹⁰, que evidentemente seria utilizada quando fosse necessário.

Um indício de que havia uma participação ativa, por parte de alguns imigrantes de língua alemã e seus descendentes - e que adquiriu um caráter étnico pela tentativa de manutenção de uma das línguas que era falada na cidade - foi a divulgação que se fez de uma escola exclusivamente alemã: a Sociedade Escolar Alemã¹¹¹. Fundada em 1876, sugere que existia uma determinada parcela da população local interessada na preservação da língua e dos costumes germânicos na cidade “portuguesa”. A preocupação com a conservação da língua, observa Giralda Seyferth¹¹², está vinculada a uma preocupação com a manutenção do *Deutschum*, ou seja, uma preocupação com a raça e com a pureza racial. Uma bela idealização de si próprio, pertencendo a um povo que se perpetua pela língua e se pauta em condutas sóbrias: os auto-denominados teuto-brasileiros¹¹³.

¹¹⁰ Opinião Pública aqui no sentido dado por HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. Segundo o autor, para se trabalhar este conceito é necessário escapar das posições: as do liberalismo que conduzem a qualidades hierárquicas de representação; e das posições que submetam-na a critérios institucionais (como as eleições). Pp. 276-277. O autor sugere uma abordagem crítica do conceito, colocando-o como um *modo refabricado* e utilizado por determinados grupos, e não num sentido da opinião de todos, que é considerada por ele uma ficção do Direito Público, sobre isso cf. o capítulo Para o conceito de Opinião Pública, P. 286.

¹¹¹ *Novidades*. Itajaí, 05/07/1904.

¹¹² SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p.115.

¹¹³ Segundo OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Op. Cit., p. 82, aquela expressão é utilizada por Emílio Willens no sentido de *grupo biológico e culturalmente homogêneo*, sendo por isso considerada pelo autor como uma definição de etnia com caráter de exceção. O autor lembra ainda que o termo etnia não foi suficientemente

O que foi até aqui exposto, demonstra, ao menos em parte, alguns dos elementos que indicam a existência de outra (ou outras) identidades circulando entre uma parcela dos habitantes de Itajaí. Em uma crônica de Rachel Liberato Meyer, aparecem claramente outras preocupações, que sugerem haver entre parte das elites algumas concepções diferentes daquelas propostas atualmente pela Marejada,

Não tenho certeza se foi em 1904 que se inaugurou, em Itajaí, a escola alemã¹¹⁴. Foi no tempo do Kaiser. O govêrno alemão resolveu enviar professôres para suas escolas, aqui no Estado, e o empreendimento foi bem recebido porque muitas famílias desejavam que seus filhos aprendessem a língua alemã. (...) Chegou o dia da inauguração (...) e a escola estava cheia de gente (,) e os visitantes conversavam, elogiando a iniciativa. (...)
As aulas começaram. E naquele pedacinho da Alemanha, o grande Tibúrcio Freitas (...) dava, todos os dias, uma breve aula de português (...) Havia também na escola outro professor, chamado Hans (...) além de Mestre Kick¹¹⁵.

Na semana de comemorações de implantação da sociedade escolar alemã, todos os eventos foram narrados com detalhes no jornal *Novidades*. Segundo o articulista, no dia em que o professor Emmanoel Kick foi apresentado

categorizado, devendo ser tratado sempre associado a etnicidade e grupo étnico. Considerando os riscos que a expressão teuto-brasileiro pode ensejar, a mesma não será utilizada neste trabalho, já que o seu uso implica ainda em outros problemas: a unificação tardia da Alemanha (1871), que manteve até aquela data, vários dialetos, percepções da realidade, e identidades distintas dentro do que viria a ser o país. Antes daquela data, muitos imigrantes de língua alemã estabeleceram-se no Brasil (país jovem, sem uma “identidade nacional” definida). Mais tarde, intelectuais e a imprensa de língua alemã definiram-se como teuto-brasileiros, referindo-se a todos os descendentes de alemães no Brasil. Giralda Seyferth, em vários de seus trabalhos, trata a categoria como ideologia própria daquele grupo étnico, como elemento de auto-identificação.

¹¹⁴Trata-se, neste caso, da segunda sociedade escolar do gênero na cidade.

para toda a comunidade, a *menina* Elisabeth Konder recitou poesias de Casimiro de Abreu e o *menino* João Schönfelder declamou em alemão *Animação para a alegria*¹¹⁶. O presidente da sociedade, Reinaldo Roenick, leu um telegrama recebido pelo pastor evangélico Faulhaber¹¹⁷, que felicitava a iniciativa da *colônia alemã* !

Pelo menos era o que o pastor considerava Itajaí: uma colônia. Evidentemente que vários imigrantes de origem alemã tinham estabelecido-se na cidade, inclusive com participação na vida pública¹¹⁸, mas era também evidente que a colônia da qual o pastor falava, não existia. Provavelmente dáva-lhes o mesmo tratamento que deveriam receber todos os seus fiéis. Naquele momento, já existia na cidade um número de imigrantes “bem” posicionados e interessados em *que seus filhos aprendessem a língua alemã*, dentro de uma perspectiva que indicava a tentativa de manutenção de uma espécie de identidade. Mas não apenas uma questão étnica. Pela forma como era dado destaque aos nomes das pessoas que proveram fundos para a edificação da escola, parece que os participantes estavam dando mais publicidade ao ato da doação do que ao da

¹¹⁵MEYER, Rachel Liberato. Mestre Kick In *Uma menina de Itajaí*. s/origem, s/ editora, 1961. pp. 55-56. O Mestre Kick a que a autora se refere, é o professor Emmanoel Kick.

¹¹⁶ *Aufmunterung zur Freude*.

¹¹⁷SEYFERTH, Giralda. Op. Cit. p. 52. Este pastor foi um dos editores do semanário *Der Urwaldsbote*, órgão de divulgação germanista.

¹¹⁸ TERMEZ, Apolinário. *História de Joinville*. 2ª ed. Joinville: Ed. Mayer, 1984. P. 146. O autor coloca que Itajaí era considerada uma das cidades do Estado onde havia uma onda de *germanização*. Em tais cidades, 130 alemães ocupariam funções públicas contra apenas 30 brasileiros.

fundação da escola. Foi divulgada a lista com os nomes das pessoas ao lado do valor em dinheiro doado, tornando público o grau de importância que a *colônia alemã* dava à educação. Eram oitenta e três nomes de pessoas, incluindo o Padre, na sua maioria imigrantes¹¹⁹.

Boa parte dos imigrantes *bem posicionados* vivia na região central da cidade, devido principalmente as atividades que desenvolviam (via de regra relacionados a serviços e comércio em geral). Certamente, devido ao aspecto mais urbano, causado pela concentração em uma pequena área formada pelas ruas centrais e propícias ao comércio, o centro de Itajaí deteve uma parcela maior de imigrantes. O que poderia levar aquela área da cidade a assemelhar-se mais a uma colônia do que outras de suas regiões. Mas creio também, que a possibilidade de existência de uma identidade entre os imigrantes alemães no início do século na cidade, se é que se construiu uma, era pautada muito mais em interesses econômicos do que étnicos.

Através dos jornais da cidade deu-se visibilidade ainda àqueles que anunciavam cervejarias com técnicas alemãs instaladas em Itajaí, como a *Fábrica de Cerveja e Gasosa Bauer e Filho*, a *Fábrica de Cerveja Vitória*, de *Fernando Treder* e a *Otto Hosang Cervejaria*¹²⁰, delineando uma noção dos

¹¹⁹O *Novidades*. Itajaí, 12/06/1904.

¹²⁰O *Progresso*. Itajaí, 22/04/1899.

hábitos consumidores que deveriam existir em Itajaí. E bares não faltavam: eram cinquenta só na *cidade*¹²¹. Apesar de tantos bares servirem bebidas *espirituosas, fermentadas e gasosas*, existiram bares que tornaram-se mais importantes para/por serem freqüentados pelos mais distintos.

Os bares da cidade possivelmente tiveram certa importância nos hábitos locais. Talvez o local do *habitual passeio* de todos os dias de folga, ou da volta do trabalho, ou ainda de todo o dia. Ou ainda como centros de informação, como sugeriu Richard Sennet¹²². Foram bares como o do *Kormann*, que atraíram o “Seu Guilherme” todos os sábados para faltar-se de *boa cerveja, “bem pesada”*¹²³, ou como o do Hotel Brasil. Ambos foram espaços de sociabilidades divididos entre parte da população, que atualizavam informações e solidariedades em tais práticas culturais diversas daquelas “resgatadas” atualmente pela Marejada. Circulavam culturas as mais diversas naqueles bares dirigidos por imigrantes, que atendiam consumidores interessados em bebidas (como no caso da cerveja *bem pesada*), pratos germânicos, italianos, e quem sabe, travando importantes discussões sobre a vida pública e os negócios do

¹²¹ *O Pharol*. Itajaí, 09/12/1910. Edital de cobrança de impostos para o município sobre as casas comerciais que vendem *bebidas espirituosas, fermentadas e gasosas*.

¹²² SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. O autor, tratando dos espaços de sociabilidades na França e na Inglaterra do século XVIII, define os cafés como *centros de informação, (...) onde naturalmente floresciam discursos*. P. 108. Ainda sobre o papel dos bares como pontos de difusão de informações e de distinção ver HOBBSAWM, Eric. As classes operárias inglesas e a cultura desde os princípios da revolução industrial In BERGERON, Louis (Org.). *Níveis de cultura*

universo privado. Algo que pode ser percebido nas memórias de Rachel Liberato Meyer, que narrou um dos episódios que a puseram em contato com um desses bares,

(...) mamãe mandou-me ao Hotel Brasil (...) chamar o papai. Encontrei-o no salão, tomando um copo de cerveja e conversando, como fazia muitas vezes. Estava sentado e em redor os amigos diletos: Dorval Campos, Guedes da Fonsêca e o velho Antônio Schneider (...).¹²⁴

Um Hotel que deveria mesmo ser importante enquanto espaço promotor de distinções para uma parcela das elites locais, assim como tantos outros que deveriam existir, como colocou Marcos Konder,

Na rua Lauro Müller, no atual Itajai Hotel, funcionava o Hotel Brasil, de propriedade do Sr. Alexius Reiser. A senhora Reiser era a parteira das damas da melhor sociedade (...) Na rua Hercílio Luz (ficava) (...) o Hotel Scheeffler (...) ali se hospedava o “mundo oficial” e celebravam-se os banquetes¹²⁵.

Existia ainda o Bar Ideal¹²⁶, auto-intitulado local das elites, e que distribuía charutos para os presentes. Procurava atrair as famílias mais *finas* para os finais de semana, onde pratos como a macarronada e o churrasco

e grupos sociais. Op. Cit. O autor trata dos bares da Inglaterra e das classes que os freqüentavam antes e depois da Segunda Guerra Mundial, quando houve uma “democratização” maior dos espaços.

¹²³ MEYER, Rachel Liberato. Op. Cit. P. 72

¹²⁴ MEYER, Rachel Liberato. Idem. P.35.

¹²⁵ *Anuário de Itajai.* Itajai, 1949. P. 159.

¹²⁶ *O Pharol.* Itajai, 03/05/1928.

congraçavam os membros do pequeno contingente de ricos da cidade. Outro dos bares importantes e freqüentados pelas elites, foi o que existia dentro da Confeitaria Modelo, de Samuel Heusi¹²⁷, que possuía inclusive uma vitrola para o deleite de seus distintos clientes.

Voltemos aos jornais e aos outros espaços de sociabilidades que apareciam em anúncios como os de padarias, entre as quais estavam a do Sr. G. Willert e a Padaria J. Dittrich¹²⁸, que faziam questão de listar os quitutes e iguarias da culinária germânica postos à disposição dos seus consumidores. Provavelmente atendiam ao público em geral, mas as pessoas que se dirigiam para as colônias alemãs, e que ficavam aguardando embarque não são esquecidos, ainda mais tratando-se de clientes garantidos,

Na Barra do Rio havia uma padaria, pertencente ao sr. Wilhelm Willert. No tempo da grande corrente imigratória, para as colônias do Vale, este ativo padeiro fornecia pão fresco para os imigrantes alojados no barracão de recepção e hospedagem, construído pelo grande Dr. Blumenau¹²⁹.

Uma dessas padarias também foi lembrada, de forma bastante saudosa e um tanto idílica, por Rachel Liberato Meyer em suas crônicas sobre Itajaí. A autora narrou que *aos sábados à tarde o padeiro carregava para a*

¹²⁷ *O Pharol*. Itajaí, 01/08/1929.

¹²⁸ *O Progresso*. Itajaí, 01/04.1899.

¹²⁹ KONDER, Gustavo. Influência alemã no município de Itajaí In *Blumenau em cadernos*. Tomo XI, maio de 1979, n. 5. p. 86.

*padaria os grandes balaios cheios de roscas, “cracknéis” e bolachas, estalando de torradas e com um cheiro bom de massa saída do forno.*¹³⁰

A atuação de imigrantes, tanto na esfera pública como na privada, também podiam ser observadas na Desterro do século passado. Ali, como em Itajaí, houve uma participação bastante intensa nas atividades comerciais, e em alguns casos, na esfera pública. Atividades comerciais e de prestação de serviços, e que pareciam ser uma boa alternativa para aqueles que não se dirigiam para a lavoura propriamente, estabelecendo-se em pequenos centros urbanos. Conforme João Klug, destacava-se o número relativamente grande de imigrantes que participavam das atividades terciárias,

*(...) em 1868, também esteve em Desterro, Johan Eduard Wappaus, o qual afirmava que entre os habitantes de Desterro, havia relativamente muitos alemães. Estes se dedicavam a atividades tais como o comércio, hotelaria, professores, artífices, serviçais, que viviam em sua maior parte em boas condições.*¹³¹

Os anúncios de atividades e espaços de sociabilidades ligados a imigrantes, demonstraram a existência em Itajaí de uma certa composição étnica – que contrasta com o caráter homogêneo de identidade cultural proposto nos dias atuais pela Marejada, ancorada na cultura açoriana - e podiam ser

¹³⁰MEYER, Rachel Liberato. Op. Cit. p. 72.

encontrados também em guias e almanaques¹³², espécie de revista anual e bastante popular nas comunidades de origem alemã. Os Kalender foram analisados por Emilio Willems¹³³ e por Giralda Seyferth¹³⁴, que colocaram a língua alemã como preponderante nas citadas publicações. que houve o uso de uma mesma língua, no caso, a alemã. Os kalender traziam diversas informações sobre os mais variados assuntos. Informações sobre cidades e Estados, com matérias de interesse geral associadas a anúncios, que estavam em páginas próprias, entretanto os articulistas referiam-se ainda aos estabelecimentos nos textos sobre a cidade, dando dupla visibilidade. Os textos eram ilustrados com fotos de pioneiros e paisagens das colônias.

Itajaí aparecia nos kalender pela mesma via. Anúncios de *Anna Kaulich*, *Café Bavaria*, *Vidraria Catarinense*, *Bauer e Cia*, e da que não poderia faltar, já que anunciava em quase todos os lugares pesquisados, a *Cia Fábrica de Papel de Itajahy*¹³⁵. Fábrica que foi fruto de investimentos de alguns empresários, a maioria deles imigrantes e proprietários de indústrias na região¹³⁶.

¹³¹KLUG, João. *Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis: (1868-1938)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991. Dissertação de Mestrado. p.27.

¹³² Denominados Kalender.

¹³³WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: um estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. P. 392.

¹³⁴SEYFERTH, Giralda. Op. Cit. Aqui, os almanaques são analisados em um capítulo especial: Principais aspectos da literatura teuto-brasileira: os almanaques. p.107.

¹³⁵ *Uhles Kalender*. São Paulo, 1935. Pp. 158-167.

¹³⁶CUNHA, Idaulo José. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. P.98. Cf. também *Itajaí*. Op. Cit. *Em 15 de março de 1913, com um capital de 250:000\$000, fundava-se a Cia. Fábrica de Papel Itajaí, a maior indústria da época, sendo os seguintes os*

Todos os anúncios encontrados nos kalender¹³⁷, estavam em alemão, bem como os textos publicitários, as legendas das fotos e as informações editoriais. Aliás, fotos que descreviam de maneira distinta e ordeira as pessoas e as suas obras e bens, como a que mostrava um automóvel (dos dois ou três que haviam na cidade), tomando um ângulo que delimitava a praça central, e através dela, ampliava a dimensão e quantidade dos poucos prédios existentes.

Existiu ainda o *Guia do Estado de Santa Catharina*, editado em português, onde apareciam vários nomes de imigrantes como anunciantes. Eles também receberam destaque no capítulo sobre Itajaí, que trazia ainda vários dados sobre a cidade, tais como um resumo histórico, praias, etc. A parte referente aos anúncios colocava:

Município de Itajaí. Comércio, Indústria e Profissões:
 (...)calçados: João Mathias Heil
 Oswaldo Krueger(...)
 cortumes: Ernesto Schneider
 dentistas: Adolpho Gropp
 Eurico Adam
 Paulo Pfeilsticker
 despachantes: A. Asseburg & Cia
 Abdon Schimidt
 Cia Malburg
 Egidio Souza
 Irineu Bornhausen
 Olympio Miranda Jr.(...)
 fábricas: Aloys Hormann, gasosa

seus acionistas fundadores: Fides Deeke, Bruno Hering, Hermann Hering, Herman Stoltz & Cia., Max Hering, Hermann Mueller e Paul Hering. P. 41.

¹³⁷ *Uhles Kalender*. São Paulo, 1928. Pp. 193-200 e *Wille's Deutscher Kalender für Südstaaten Brasiliens* Blumenau: Otto Wille, 1935. Pp. 94-141.

Carlos Renaux S.A., tecidos
Cia Fabrica de Papel, papéis
Cia Itajahyense de Fósforos, fósforos
Eugenio Schaupt, malas
Guilherme Willerts, massas alimenticias
Irmãos Vieira, café
José Zipf moveis
Noronha Nocetti & Cia, bebidas
Paulo Theodoro Laux, baldes
Rodolpho Kander, tecidos
*Samuel Heusi jr., gelo(...)*¹³⁸

Apareciam ainda neste mesmo guia, listas de advogados, agências, bares, construtores, depósitos, estaleiros, exportadores, *casas comerciais de diversos gêneros e artigos*, ferrarias, fundições, hotéis, marcenarias, médicos, oficinas mecânicas, olarias, padarias, papelarias e tipografias, farmácias, fotógrafos, relojarias, representantes, entre tantas outras atividades anunciadas e que eram desenvolvidas em Itajaí, sendo que a grande maioria delas por imigrantes ou descendentes de imigrantes europeus. Uma profusão de anúncios que pode dar a impressão de que se trata de uma cidade maior do que ela realmente era. Contudo, mesmo sendo uma cidade de porte modesto, pode ter criado uma certa atração para quem estivesse interessado em trabalhar no comércio de exportação e importação das colônias¹³⁹, ou utilizar-se do porto

¹³⁸ *Guia do estado de Santa Catarina: Corografico, Comercial e Industrial*. 2ªed. Florianópolis: Livraria Central, 1935. pp. 286-297.

¹³⁹ Sobre o assunto, conferir CUNHA, Idaulo José. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. Em 1872, por exemplo, Itajaí – que incluía Penha, Camboriú e São Pedro Apóstolo, Blumenau e Brusque - possuía uma população de 20.421 habitantes, e era a vila que sediava boa parte dos negócios do vale. P. 39. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa*

como escoadouro de mercadorias. Muitos daqueles imigrantes integraram-se ao emergente “mercado”¹⁴⁰, e conseqüentemente também à esfera pública. O que pode ter acontecido de várias maneiras, compartilhando e disputando com os antigos habitantes diferentes espaços.

De fato, dos vários colonos que ficaram na vila de Itajaí, e estabeleceram-se exercendo tais atividades, uma pequena parcela era formada de *empreendedores*, muitos deles anunciantes que procuravam dar destaque aos seus negócios e ações públicas. Foi marcando posições e dividindo espaços com uma pequena e forte elite que já existia na cidade, que ocorreu uma nova configuração da elite local. Um bom exemplo foi quando Nicolau Malburg¹⁴¹, em conjunto com nomes como o de José Henriques Flores¹⁴², entre outros, solicitaram ao Presidente da Província, em 1855, a elevação de Itajaí a categoria de município, o que ocorreu em 1859.

Catarina. Op. Cit.. Segundo o autor, Esta situação era ainda mais privilegiada pelo fato de Itajaí estar situada *magnificamente à entrada do vale, (...) com um porto praticável*, conferindo-na um ritmo de crescimento maior do que em outras localidades. P. 214. HERING, Maria Luiza Renaux Hering. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Ed da FURB, 1987. Conforme a autora, Itajaí apresentava-se ao mesmo tempo distante da vida das colônias, marcadamente pelo caráter de mercado que a cidade foi adquirindo aos poucos, ao mesmo tempo em que era através delas que este mercado se movimentava, através do porto e dos armazéns que existiam na vila. Pp. 60-68.

¹⁴⁰WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano* 4º ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.69.

¹⁴¹ D'ÁVILA, Edison. *Pequena História de Itajaí*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, 1982. P.34. *Mestre-escola na Alemanha, em 1858 fixou residência em Itajaí. Dedicou-se logo ao comércio tendo fundado em 1860 a Cia. Comércio e Indústria Malburg S/A (..) Ocupou diversos cargos públicos, tendo sido vereador e presidente da Câmara Municipal em diversas ocasiões*. P. 95

¹⁴² D'ÁVILA, Edison. *Op. Cit.* P. 94. *Nasceu em São Paulo, em 1835, e faleceu em Itajaí em 1887. Tenente-Coronel da Guarda Nacional, como Presidente da Câmara de Vereadores de Itajaí, governou o município*

Havia uma preocupação com a constituição de uma esfera pública, propondo a definição mais apurada daquilo que era comum a todos – ou a quase todos - e do que era privado¹⁴³. No mesmo caminho, constituíram-se uma série de organizações que fortaleciam os laços entre a parcela de proprietários e distintos cidadãos, como mostram os estatutos e editais dos clubes e sociedades, que também eram publicados nos jornais locais. Neles, a participação das pessoas nas agremiações era tornada pública através das listas das diretorias, dos participantes, e dos vencedores dos torneios, como mostravam os estatutos da Sociedade dos Atiradores de Itajahy, fundada em 1895, e que promovia a escolha do Rei do Alvo e do Rei do Cervo, festas *Tipicamente alemãs*¹⁴⁴, organizadas e freqüentadas principalmente por pessoas de origem alemã.

Sociedade dos Atiradores de Itajai, Programa da Festa do Atiradores nos dias 4 e 5 de junho de 1900:

dia 4

5 hs da manhã: Alvorada

9 hs da manhã: Reunir os sócios no Hotel Central

9 ½ hs da manhã: Marcha para a casa da Sociedade

10 hs da manhã: Princípio dos tiros ao Alvo para o Rei e Cavalheiros.

2 horas da tarde: Tiros para o Rei ao Cervo.

Noite: Baile(...)

Pede-se ao Srs. sócios que compareçam na marcha com distintivos e armas. As sociedades da Aliança de Brusque e Blumenau são convidadas para a mesma festa.(...)¹⁴⁵

desde a sua emancipação até 1877 com breves interregnos. Segundo o autor, a ele se deve a criação da Comarca em 1868 e a elevação da Vila à categoria de cidade a 1º de maio de 1876.

¹⁴³ ARÉNT, Hannah. *A condição humana*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. Pp. 59-62.

¹⁴⁴ *O Typographo*. Itajai, 8/06/1911.

¹⁴⁵ *O Progresso*. Itajai, 26/05/1900.

Os convidados eram em sua maioria os descendentes de alemães, o que não excluía a participação dos luso-brasileiros e uma extensão do convite para sociedades de Blumenau e Brusque. Uma postura que sugere uma reflexão com Pierre Bourdieu, que denominou tais práticas como estratégias que possibilitam a aquisição de *propriedades de posição*¹⁴⁶, ou seja, aspectos específicos desenvolvidos e tornados bens simbólicos de um grupo ou classe, que a distingue de outro grupo ou classe. Era a busca pela distinção, de elementos de diferenciação, bens simbólicos que assegurariam a diferença. Pessoas portadoras de determinado patrimônio –simbólico ou não– desfilavam suas honrarias, atitudes filantrópicas ou intenções políticas, ou simplesmente o seu negócio, símbolo, ele próprio, de capacidade de empreendimento e poder.

Existiu na cidade a *Sociedade dos Atiradores de Itajaí*¹⁴⁷, ou como era denominado, o *Schutzen Verein Itajaí*, e que foi fundado em 1895, principalmente *por membros de origem germânica*, que faziam parte das *mais ilustres e tradicionais famílias de nossa Itajaí*¹⁴⁸. O clube ainda existe com o nome de Clube de Caça e Tiro Vasconcelos Drumond. Nos *Schützenverein*, clubes de caça e tiro que promoviam as tradições alemãs, as festas contavam

¹⁴⁶BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3º ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 3.

¹⁴⁷ *O Typographo*. Itajaí, 8/06/1911.

¹⁴⁸ *Anuário cem anos de Itajaí*. Itajaí, 1959.

com a presença tanto de parte dos imigrantes e seus descendentes, como dos *distintos membros* do município para assistir o Tiro ao alvo, Tiro ao cervo, Tiro ao pássaro¹⁴⁹, contribuindo para a manutenção de imagens, de símbolos e de atitudes.

Freqüentemente os jornais comentavam as *bonitas festas* promovidas pelo clube, na qual reinava *sempre a maior alegria*¹⁵⁰. Tipos de festa que faziam parte dos espaços de diversão compartilhados por uma parcela dos imigrantes de língua alemã, mas que não excluía a participação de brasileiros. Eram festas que provavelmente atraíam a atenção no município, gerando disputas e servindo de campo estratégico para o desenvolvimento de distinções e de sociabilidades. Evidentemente que as normas de conduta, permeadas por ideais de civilização e pelo ordenamento e disciplinarização dos corpos estavam em pauta naqueles clubes. As distinções concretizavam-se em práticas como a de deixar fotografar-se em frente ao clube *trajando fatiota escura, distintivos e armas*¹⁵¹. As sociabilidades permitiam as distinções, já que era através delas que

¹⁴⁹PETRY, Sueli. *Os clubes de Caça e Tiro da região de Blumenau*. Blumenau: FURB/ Fundação "Casa Dr.Blumenau", 1986.

¹⁵⁰ *O Progresso*. Itajaí, 07/01/1899.

¹⁵¹ *O Progresso*. Itajaí, 12/08/1899.

partilhavam-se as regras de conduta, os constrangimentos, enfim, os instrumentos pela qual o grupo constituía e perpetuava a sua existência enquanto tal¹⁵².

Existiram outras atividades promotoras de distinção, como as do Tiro de Guerra¹⁵³, postas em prática durante a primeira guerra mundial e que também contavam com a participação da *gente distinta* da cidade. Vale lembrar que tanto no Tiro de Guerra como na Sociedade dos Atiradores, os pretendentes a sócios deveriam ser indicados por outros sócios e ser capazes de pagar as contribuições – dado que excluía de imediato boa parte da população mais pobre, independentemente de sua origem étnica. Sobravam os comerciantes e outros membros mais abastados do município, protegidos pela aura da civilidade e preocupação pelas coisas públicas.

Em 1905 os articulistas do jornal *Novidades*, de Itajaí, embora tendo descendentes de alemães entre os seus pares, foram tratados como *nativistas*¹⁵⁴,

¹⁵² Com os devidos cuidados, pode-se pensar aqui na constituição de um grupo étnico. Sobre o assunto cf. CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Ed. Brasiliense/EDUSP, 1986. P. 115. Segundo a autora, *grupo étnico seria, então, aquele, que compartilha valores, formas e expressões culturais. Especialmente significativa seria a existência de uma língua ao mesmo tempo exclusiva e usada por todo o grupo, sem que isso seja imprescindível*. A autora aponta ainda dois cuidados fundamentais no uso do critério cultural: *a) o de tomar a existência dessa cultura como uma característica primária, quando se trata, pelo contrário, de consequência da organização de um grupo étnico; e b) o de supor em particular que essa cultura partilhada deva ser obrigatoriamente a cultura ancestral*.

¹⁵³ Os Tiros de Guerra na Primeira República eram organizações voluntárias supervisionadas pelo exército, com a finalidade de treinar os homens para uma possível guerra, isto era feito principalmente em comunidades onde não existiam organizações militares. Sobre o assunto conferir FALCÃO, Luiz Felipe. Itajaí vai à guerra In *Revista Alcance*. Itajaí: UNIVALI, n. 3, 1995, cf. também FAVERI, Marlene de. O jornalismo irreverente em Itajaí In *Revista Alcance*. Itajaí: UNIVALI, ano IV, n. 1, jan/jun-1997. Pp. 67-72.

¹⁵⁴ SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Op. Cit. P. 70. A autora narra um incidente diplomático com a canhoneira Panther, navio de guerra alemão representante do Reich e do Imperador em visita ao Brasil. Pela forma como relataram o incidente, os articulistas do jornal *Novidades* são vistos como

pelos membros do jornal *Urwaldsbote*. A postura criticada pelo jornal de Blumenau era tida como nociva aos imigrantes alemães. Para eles, as atitudes dos imigrantes em Itajaí deveu-se a essa *mistura* que houve entre as diversas etnias, que teria ocorrido desde cedo na cidade. Não obstante, pôde realmente ser constatada uma atividade tipicamente *nativista* na cidade, ou seja, a participação no Tiro de Guerra, conforme constou na ata com a lista dos sócios em 1917:

Henrique Midon (presidente)
Romeu Torres (Vice-Presidente)
Marcos Konder (conselho diretor)
Olímpio Miranda Jr. (conselho diretor)
Samuel Heusi jr. (conselho diretor)
Cláudio Schmaider (conselho diretor)
Oswaldo Bauer
Alberto Pedro Werner
Oscar Kirsten
Ricardo Rodrigues Tavares Jr.
Raul Diogoli
José Zaguini
Felippe Geraldo
Arthur da Silva Valle
Leoncio do Nascimento
Manoel José Domingos
Carlos Magno Tavares
*Nelson Seára Heusi*¹⁵⁵

“nativistas” e anti-germanistas pelo *Urwaldsbote*. Nativista aqui está referido as pessoas que defendem o Brasil sob todos os aspectos. Sobre o caso Panther, ver ainda JOFFILY, José. *O caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹⁵⁵ *Atas das reuniões do Tiro de Guerra 301*. Itajaí, 12/06/1917. Fundos da Junta do Serviço Militar, Arquivo Histórico de Itajaí.

As atividades filantrópicas, associativas, ecumênicas e que foram desenvolvidas pelos membros da “comunidade simbiótica”, formada por imigrantes associados a luso-brasileiros, foram divulgadas através de notícias ou anúncios publicados nos jornais (e que apareciam com bastante frequência). No jornal *O Progresso*, foi comentada a “extração da loteria em favor da Igreja Matriz”, sendo que os prêmios ficaram expostos na casa de D. Adelaide Konder (pertencente a uma família de prósperos e influentes imigrantes)¹⁵⁶. Ali foram citados os participantes do evento:

Sindicos (Tiago da Fonseca¹⁵⁷, Nicolao Malburg¹⁵⁸), Distribuição de Prêmios (Dorval Campos, Marcos Konder¹⁵⁹, Olympio Miranda, Eduardo Lins), Escriturar as Ações (Antonio Amaral, Hans Asseburg)¹⁶⁰.

A projeção social possibilitada pela imprensa pode ter sido limitada, devido à abrangência e tiragem dos jornais utilizados. Entretanto, é possível supor uma relativa inserção dos periódicos na comunidade local, mesmo com

¹⁵⁶FAVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido: a construção da elites – Itajaí: 1929-1960*. Op. Cit. p. 25. A autora trata do Bloco dos XX, um clube de sociabilidades de uma fração da elite local, coloca ainda “que nos quinze anos que antecedem a fundação do clube, a família Konder exerceu cargos nas esferas municipal, estadual e nacional - Adolpho Konder foi Governador do Estado de Santa Catarina (1926 a 1930), Victor Konder foi Ministro da Viação e Obras Públicas (1926 a 1930), e Marcos Konder foi Superintendente Municipal (1915 a 1930).” Cf. Também PIAZZA, Walter F. (Org.) *Dicionário político catarinense*. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado, 1985. Pp. 271-273.

¹⁵⁷Fundador do jornal *O Progresso*, em 1899.

¹⁵⁸Comerciante, ocupou diversos cargos públicos, entre eles o de vereador.

¹⁵⁹Comerciante e político eminente, fundou o jornal *Novidades* em 1904.

¹⁶⁰*O Progresso*. Itajaí, 17/06/1899.

uma tiragem modesta. A quantidade de anúncios¹⁶¹, leva a crer numa circulação dos jornais aos moldes do que ainda ocorre em algumas localidades, onde uma pessoa lê em voz alta ou comenta para o grupo (num bar, mercearia, etc) as notícias e artigos, o que possibilita o acesso à informação mesmo entre os analfabetos .

E foram os mesmos anúncios que veicularam discursos sobre uma “outra” Itajaí, que divergem daqueles veiculados atualmente pela açoriana Marejada. Através deles, existe a possibilidade de se fazer um levantamento dos estabelecimentos comerciais que pertenciam aos imigrantes e seus descendentes, e que anunciavam as suas atividades. No *Novidades* (1904-1922), *O Progresso* (1899-1901) e *O Pharol* (1904-1936), o número de anúncios veiculados por imigrantes era bastante significativo. Como exemplo, no *Novidades* de 03/06/1899, dos 19 anúncios que apareciam, 13 deles veiculavam atividades econômicas e profissionais desenvolvidas por imigrantes. Eram anúncios que divulgavam desde atividades como a Fábrica de Cerveja Victória, de Fernando Treder, ou Armazém e Agente Marítimo, de A. Konder, (*O Progresso*, 04/02/1899), até pedidos de desculpas em público, ou ainda este outro, referente ao Hotel Central,

¹⁶¹Nos Jornais pesquisados há uma média de 20 anúncios por número.

Hotel Central - a rua Dr. Hercilio Luz.

Este conceituado estabelecimento tendo passado por uma completa reforma, está em condições de oferecer as exmas. Famílias assim como ao sres. viajantes, todas as comodidades possíveis a par de rigoroso aceio. Recebe pensionistas. Cozinha brasileira e alemã. Bebidas nacionais e estrangeiras de primeira qualidade. Os preços são relativamente baratos.¹⁶²

Nos jornais de Itajaí, ocorria uma divulgação razoável das atividades desenvolvidas nos mais variados setores. Boa parte dos anunciantes teve participação na vida pública, dividindo seu tempo entre várias atividades ao mesmo tempo, o que podia ser constatado pela repetição dos nomes nas diversas instituições e entidades, tanto quanto nos anúncios dos jornais.

Compartilho de uma reflexão de Lima Barreto, do início do século, que justifica a atração que os mesmos exercem sobre ele, *se leio os anúncios, é para estudar a vida e a sociedade. Os Anúncios são uma manifestação delas*¹⁶³.

Após o levantamento até aqui efetuado, pode-se indagar se os jornais eram realmente veículos que desempenharam um papel importante como formadores de opinião pública e promotores de distinções. Fica evidente que a apropriação que se fazia das informações veiculadas (e se faz atualmente com os textos sobre marejada e açorianidade) não impõe as mesmas recepções, usos e

¹⁶²O *Pharol*. Itajaí, 29/01/1907.

¹⁶³BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás*. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1953. p.30.

interpretações¹⁶⁴. A hipótese que se levanta é a de que quem lia os jornais, tinha acesso a informações limitadas por quem os produzia e financiava. Não seria possível reconstituir precisamente a forma como eles eram lidos e apropriados por uma parcela da população (ou por grupos de leitores). O que se pode fazer é tentar localizar de onde falavam seus articulistas e a serviço de quem eles estavam.

Os articulistas dos jornais de Itajaí não apareciam como representantes exclusivos de um determinado grupo étnico, ao contrário do que ocorria em Blumenau¹⁶⁵, onde se via o pan-germanismo sendo veiculado. Entretanto, foram articulistas como os irmãos Konder, no *Novidades*, que veicularam os projetos de uma cidade idealizada e ansiada por uma classe que ascendia socialmente. Aí estiveram tanto brasileiros quanto imigrantes, dividindo espaços e compartilhando projetos burgueses - projetos que buscaram interceder nas práticas educacionais, na divulgação e aplicação dos princípios de higienização, civilidade, como elementos de distinção social.

Se o discurso jornalístico, enquanto prática social, é *produzido* dentro de determinado contexto social ao mesmo tempo em que *produz*

¹⁶⁴ CHARTIER, Roger. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. In *Estudos Históricos: cultura urbana e história*. Jul/dez-1995, n. 16, Rio de Janeiro: Ed. da FGV. P. 182.

¹⁶⁵SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o estado brasileiro In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n° 26, ano 9, outubro de 1994. ANPOCS. p.109

sentidos¹⁶⁶, aqui ele está de acordo com a nova maneira de ver o mundo que estava sendo formulada. Eram as coisas modernas que precisavam chegar a Itajaí, através de seus representantes locais, os imigrantes (evidentemente os que pertenciam as camadas sociais mais abastadas), possibilitando

*(...) estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constróem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade.*¹⁶⁷

São estratégias simbólicas que apareciam em textos de memorialistas itajaienses, como Juventino Linhares, que, falando sobre Félix Asseburg, um próspero comerciante de Itajaí do começo do século, relatou que o mesmo *manteve um perseverante pioneirismo na introdução em Itajaí de tudo quanto o progresso ia conquistando para o conforto e deleite da Humanidade.* E por isso, *deve-se a ele a iluminação das ruas centrais bem como a instalação do cinema e a vinda dos primeiros carros*¹⁶⁸.

Por outro lado, o restante da população vivia precariamente das poucas fontes de renda possíveis à época. Eram aqueles que habitavam nas áreas rurais da cidade, e que buscavam uma alternativa para o aumento da renda

¹⁶⁶MARIANI, Bethânia Sampaio C. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In ORLANDI, Eni P. (org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional.*. Campinas: Pontes, 1993. p.33.

¹⁶⁷CHARTIER, Roger. O mundo como representação In *Estudos Avançados* 11(5), 1991.p.184.

¹⁶⁸LINHARES, Juventino. *O que a memória guardou.* Coletânea de Artigos. Arquivo Histórico de Itajaí, s/d. Livros 1 e 2.

familiar no fornecimento de cana para a usina de açúcar, na venda de alguns produtos, como a farinha de mandioca ou milho, ou ainda vendendo troncos de *coqueiro velho* para a manutenção dos trapiches do porto. Uma prática que durou até meados dos anos sessenta, quando as novas exigências de um mercado crescente, profissionalizaram os fornecimentos.¹⁶⁹ Para a população pobre urbana, restava um mercado de empregos temporários, quase todos ligados ao porto, e que eram determinados pela sazonalidade e frequência dos navios. Um dado que marcou profundamente as atividades de conferência e estiva até os dias atuais, com períodos de ausência de navios, levando os trabalhadores a ficarem sem serviço por várias semanas. A falta de ganhos por parte de uma categoria profissional importante, agia (e age) como um *efeito dominó* sobre outras atividades, gerando dificuldades generalizadas.

Resumindo a questão da existência de outros grupos étnicos na cidade de Itajaí, no final do século passado e início deste, pode-se perguntar: o que houve em Itajaí que determinou o “desaparecimento” daqueles imigrantes? Parece que o fenômeno ocorreu em várias instâncias, levando-os a deixar de existir enquanto grupo étnico específico nos discursos sobre a cidade. Restam apenas evidências, que ficaram encobertas pela névoa de um passado não muito distante. Entretanto, se não podemos encontrar marcas daquelas práticas de

¹⁶⁹ Entrevista concedida por Antero Bittencourt, 82 anos. Itajaí: 20/12/97.

germanidade, sobram-nos as bibliotecas particulares, com as sutilezas dos bilhetes perdidos em meio aos livros, ou a arquitetura do velho casário. Muitas evidências possibilitam-nos localizar alguns hábitos e costumes que a história ainda não apagou.

A elite que foi constituída-se na cidade assumiu o porto, e as suas potencialidades, como alavanca para os investimentos. A mesma elite que atuava em Itajaí, e que tornava-se mais “brasileira”, ou melhor falando, mais plural, na medida em que eram desenvolvidas as atividades de exportação e importação, foi desenvolvendo novas formas de se auto-identificar. A dinâmica do porto afastava a cidade daqueles hábitos e atividades existentes e desenvolvidas nas colônias do vale.

Ao longo do século XX, o município foi cada vez mais interligando-se umbilicalmente ao porto. Como gerador de um mercado, ele imputava novas exigências estruturais na medida em que cresciam os investimentos. Os novos postos de comando, o controle das atividades de prestação de serviços, e as áreas estratégicas no campo da exportação e importação eram disputados/divididos entre os membros da elite. Também as atividades na estiva eram tratadas de forma corporativa, em certa medida “manipuladas” sempre que possível pelos investidores/políticos locais.

Certamente que a proximidade cada vez maior com o rio e com o mar, provocados inevitavelmente pelas atividades desenvolvidas ligadas ao porto, foram criando novas condutas naquele ambiente urbano. A *imundice* gerada na cidade estava, evidentemente, ligada ao “populacho”. Da mesma maneira, o homem do litoral da época tinha a sua imagem ligada ao fenômenos responsáveis pelo atraso da região: preguiça, falta de iniciativa, modorra. Os empreendedores se achavam mais universais. Ligados ao mundo pelo porto, recebiam as normas de conduta das mais finas e elegantes cidades do mundo: Paris e Rio de Janeiro – a da avenida central, não a dos cortiços. Cultos, higiênicos, educados, os membros da elite transcendiam as fronteiras do Estado e do País, as quais a maioria da população não poderia ultrapassar por absoluta falta de condições financeiras.

As elites negavam qualquer ligação com aqueles luso-brasileiros pobres e *sem esperança* da região. Não se tratava apenas de uma questão de diferença étnica. O problema configurava-se mais claramente como uma questão de classe, de posição social. As elites, mesmo os imigrantes e seus descendentes que dela participavam, consideravam-se *brasileiros*. Mas brasileiros com uma

carga simbólica de civilidade, inclusive com a auto-atribuída responsabilidade de cuidar do restante da população¹⁷⁰.

Com isso, pelo menos entre as elites da região central da cidade, percebia-se a existência de outros grupos étnicos, além dos açorianos pleiteados nos dias atuais pela Festa da Marejada. Entre eles estavam os alemães e seus descendentes, que atuavam nas esferas pública e privada, mas continuavam, de certa maneira, “alemães”. A identificação dos alemães que viveram em Itajaí, através de traços diacríticos (como roupas características, língua, ou um acervo cultural da qual se retiravam tais traços) torna-se bastante difícil de ser feita. Não havia propriamente uma comunidade de alemães na cidade. Tratava-se de um certo número de imigrantes com um único interesse em comum – e se é que houve também – que era a possibilidade de exercer suas atividades. A noção de grupo étnico, por parte dos alemães que atuaram na cidade, parece constituir-se por esta via. É possível concluir, que as ações étnicas postas em prática por essas pessoas, objetivavam interesses políticos *mais ou menos imediatos, mais ou*

¹⁷⁰ Este cuidado se constituía em zelar pela segurança pública, pelo ordenamento dos espaços públicos, da saúde e higiene, etc. Sobre esta prática na Inglaterra e França ao longo dos tempos modernos, cf. FOUCAULT, Michel *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996. Principalmente a conferência 4. Pp. 79-102.

*menos específicos*¹⁷¹. Tal era o elo que os unia, conforme a dinâmica que o mercado e a sociedade impunham.

A atual proposta da Marejada, e que elabora um passado monolítico, inventando e produzindo um discurso de açorianidade, não leva em conta esta dinâmica cultural. Atribuem aos fundadores o legado cultural, identificado em supostos traços diacríticos atuais (principalmente no acervo cultural tido como de herança portuguesa, como o Boi-de-mamão, comidas “típicas”, etc). A cidade é tornada portuguesa, e a partir disso, é levada a esquecer os não-portugueses. A cidade da pesca, do porto, do litoral, é erigida sob uma redoma que impede que se veja o agricultor, ou o operário, por exemplo. Diluem-se diferenças culturais, diluem-se diferenças sociais.

¹⁷¹ CARVALHO, Maria Rosário G. de. Introdução In CARVALHO, Maria Rosário G. de. (Org.) *Identidade*

CAPÍTULO III

A maquiagem possível

Percebo que Itajaí apresenta-se atualmente, através das estratégias montadas pelo poder público municipal e suas instituições, principalmente após a institucionalização da festa da Marejada, como de origem açoriana. Os discursos produzidos reafirmam valores e práticas vinculadas ao mar, ao litoral, à pesca, numa perspectiva que constrói e veicula aspectos de uma cidade com origem açoriana. A ligação da cidade com o mar – através da indústria da pesca e do próprio porto – é tornada a maior virtude de seus habitantes, que seriam portadores de uma cultura operacionalizada neste ambiente.

Em outro momento, no final do século XIX e início do XX, houve a disputa pelos espaços nas esferas pública e privada. Na arena de combates, estavam vários imigrantes, membros da elite local, e que buscavam denominar-se *brasileiros*, apesar das múltiplas nacionalidades e etnias que aportaram em Itajaí. E aqui, talvez, tenhamos uma pista para a resposta da pergunta anteriormente formulada: para os membros dessa elite, manter características que os

identificava como sendo imigrantes ou descendentes de imigrantes, interessava tanto quanto serem identificados como brasileiros. Os laços de solidariedade de classe – entre as elites - extrapolaram as fronteiras étnicas, possibilitando casamentos e alianças políticas¹⁷² que não obedeceram aos possíveis limites endógenos existentes.

São dois momentos onde se operacionalizam discursos bastante divergentes. Na Primeira República, destacava-se a participação de parte dos imigrantes associados aos membros luso-brasileiros da elite, marcando posições na esfera pública, em disputas de cargos e funções, associando origens através de casamentos e sociedades culturais as mais diversas, criando símbolos, como o da capacidade de trabalho invulgar própria dos imigrantes alemães. Os textos produzidos sobre os imigrantes membros da elite, recorriam ao significado do *sentir alemão*, e do cultivo de hábitos que o reafirmavam. Por outro lado, demonstravam o *nativismo* existente entre alguns deles, dedicados que eram a atividades públicas e representativas. Os clubes e associações colocavam-se publicamente, de maneira que expunham seus seletos participantes para toda a cidade. Divulgavam uma ilustração e a carga de civilidade advinda da educação, que eram constantemente lembrados como capital social¹⁷³ de todo um grupo.

¹⁷² Cf. FÁVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido: a construção das elites – Itajaí: 1929-1960*. P. 106.

¹⁷³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. P. 134.

Havia um desprezo por certas atitudes do *caboclo*, como a preguiça e o conformismo, percebidos como nocivos ao progresso. Eram valorizadas¹⁷⁴ as atitudes “burguesas”, impregnadas de um ideal de civilização, postas em prática por um grupo de “bem posicionados” e distintos.

Num segundo momento, no final do século XX, assunto tratado no primeiro capítulo, há um caráter homogeneizador nas maneiras como se compreende a conformação cultural da cidade. A simplicidade do homem do litoral agora é tornada virtude. A origem açoriana é associada a toda uma série de valores que são constantemente lembrados pelos jornais, livros didáticos, etc. São séries de discursos sobre a mesma cidade, em tempos diferentes.

O que se pretende é perceber “como” foram produzidos os discursos que marcaram tão bem e distintamente Itajaí no início do século e nos dias atuais. Os discursos atuais constroem o habitante do litoral como *homem simples e lutador*, elemento que é reinventado e positivado constantemente na Marejada. Entretanto, esta idealização confronta-se com outra, de outro momento. No final do século XIX e início do século XX - é dada visibilidade ao

¹⁷⁴Vale lembrar que desde meados do século XIX existia um debate intenso sobre o caráter do povo brasileiro e as possíveis influências de um processo imigratório. Sobre as rivalidades e incompatibilidades, entre imigrantes alemães e protestantes em contato com antigos habitantes de tradição portuguesa e católica, cf. SEYFERTH, Giralda. A liga Pan-germânica e o perigo alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irredutíveis In *História: Questões e Debates*, ano 10, n. 18/19, Curitiba: Associação Paranaense de História, junho/dezembro de 1989. Pp. 116-117. Para uma discussão mais profunda, sobre a desqualificação do homem do litoral e das práticas de disciplinarização impostas pela elite de Florianópolis no início do século XX, cf.

empreendedor, ao homem *ilustrado e burguês*. As elites eram formadas por um grupo de pessoas que construíram uma distinção e que procuravam dar o máximo de visibilidade para as suas atitudes e posições. Os seus nomes ser lidos por quem anda pelas vias da cidade ainda hoje, em ruas, em bustos e praças, monumentos carregados de significado. No momento em que a cidade estava configurando-se enquanto mercado, uma elite de origem preponderantemente lusa passou a compartilhar espaços com membros nada açorianos (ou portugueses). A importância que alguns imigrantes adquiriram dentro das elites, pode ser constatada atualmente pelos nomes das ruas e praças centrais (e as mais antigas da cidade): a Rua José Bonifácio Malburg, a Avenida Marcos Konder, a Rua Lauro Müller, a Rua Samuel Heusi, a Praça Arno Bauer, o busto e o palácio Marcos Konder, etc. Um dado que poderia passar despercebido, não fosse o fato de que Itajaí intitula-se, nos dias atuais, uma cidade “portuguesa”.

A presença dos imigrantes que estabeleceram-se em Itajaí no século passado, não aparece na garimpagem que busca uma espécie de “pedra fundamental” da cidade, e que hoje tenta promover com exclusividade uma herança portuguesa (ou, mais propriamente, açoriana) como traço característico de sua formação.

Como já foi colocado, os jornais do início do século, como o *Novidades*, *O Progresso* e *O Pharol*, e tantos outros locais de visibilidades¹⁷⁵, foram um bom ponto de partida para confrontar elementos de uma pluralidade étnica efetivamente existente, e que se contrapõe ao discurso atualmente veiculado, discurso “oficial”, autorizado, que apareceu em falas como a do ex-prefeito Arnaldo Schmitt Júnior, que referindo-se a atual festa declara,

*Hoje a Marejada é um marco histórico de Itajaí. Graças à festa, nossa gente aprendeu a respeitar e valorizar suas origens culturais.*¹⁷⁶

As estratégias desenvolvidas no início do século pela elite local, mostraram um *habitus* cultural¹⁷⁷ diferente, que contrastou com as estratégias postas em prática atualmente, e que redefinem a cidade como *Portuguesa com certeza*. Pelo menos é o que dizia o panfleto da festa da Marejada, realizada na cidade anualmente desde 1987, conforme já foi colocado.

Para contrapor a tese de que a suposta herança açoriana impera no litoral e em Itajaí, parti do princípio, conforme já foi colocado, de que ela é uma construção. Assim como as imagens e valores de *Itajahy* também o eram. Para

¹⁷⁵ Os clubes de serviço, os cafés, associações, entidades filantrópicas, etc.

¹⁷⁶ SCHIMITT JUNIOR, Arnaldo. Uma festa que mudou nossa forma de pensar In Dez anos de Marejada. *Diário da Cidade*. Itajaí, 10/1996. p. 02

¹⁷⁷ BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática In *Coleção grandes cientistas sociais*. 2º ed. São Paulo: Ed. Ática, 1994 pp.60-81. Aqui o autor coloca o *habitus* como a reprodução de estratégias simbólicas do sistema de dominação que imperam em uma sociedade, e que estão vinculadas a uma cultura ou classe.

tanto, devo refazer uma pergunta, especificamente sobre o início do século em

Itajaí: quem e com que interesses produzia determinados códigos e significados?

O que estava em jogo naquela cidade do início do século?

III.1. A gênese da cidade: o mercado

*Não há dúvida: quem mora na praia do mar tem o mundo por quintal!*¹⁷⁸

A cidade era (e ainda o é) uma das portas de entrada para o interior do Vale, através do rio Itajaí-Açu¹⁷⁹. Este rio é navegável até a altura de Blumenau, e serviu como uma das principais entradas para as colônias do interior. Como entreposto comercial e ao mesmo tempo posto avançado na organização e distribuição de alguns colonos, seu dinamismo crescente atraiu a atenção de alguns dos imigrantes, que ficaram instalados¹⁸⁰ em Itajaí.

A estrutura do porto estava interligada com um mercado, palco de novas possibilidades de geração de postos de trabalho e de investimento, e que tornaram-se fortes atrativos, tanto para a população local como para estrangeiros. Tanto burgueses quanto trabalhadores disputavam as respectivas posições naquele mercado nascente. Vale salientar que ao analisar as oportunidades de investimento em Itajaí, na Primeira República, pude elucidar as relações existentes entre as atividades comerciais desenvolvidas na cidade e a atuação

¹⁷⁸ LINHARES, Juventino. Op. Cit.

¹⁷⁹SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974. p.32.

¹⁸⁰Idem. p.34.

política, principalmente por parte dos luso-brasileiros e dos imigrantes, na composição das elites locais. Mas quem era eles?

Sabemos que a partir de meados do século XIX, houve um grande incentivo à imigração européia, que passou a desempenhar um importante papel na vida econômica, política e cultural do Brasil. Através de iniciativas particulares ou governamentais, centenas de milhares de homens, mulheres e crianças transferiram-se da Europa para o país, contribuindo, entre outras coisas, para a implementação do trabalho livre e para a valorização de terras até então incultas.¹⁸¹

Os dois principais focos de atração de imigrantes foram os cafezais no Sudeste do Brasil e os núcleos coloniais com base na pequena propriedade localizadas no Sul. No caso de Santa Catarina, a colonização foi, em sua grande maioria, incentivada por consórcios particulares. Devido a sua localização geográfica estratégica, o que facilitou a interiorização dos colonos, o porto de Itajaí tornou-se um das portas de entrada para a imigração.¹⁸²

Entre os portos importantes no século XIX em Santa Catarina, estavam os de São Francisco do Sul e Desterro/Florianópolis – os dois, mais o de

¹⁸¹CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*, Op. Cit., principalmente os capítulos A propriedade rural e a primeira colônia e O rio Itajaí e seu vale; cf. também SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim*. Op. Cit. Pp. 29-33.

¹⁸²CUNHA, Idaulo José. Op. Cit. P. 38; cf. também CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Brusque: subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império*. Brusque: Sociedade dos Amigos de Brusque, 1958. Pp. 09-16;

Itajaí, foram os principais receptores dos imigrantes alemães – além do porto de Laguna – que em conjunto com os portos de Desterro/Florianópolis e de Itajaí, receberam os colonos italianos¹⁸³. Destacavam-se os portos de Desterro, São Francisco e Laguna, como os mais importantes do Estado. O porto de Itajaí era menor do que aqueles, entretanto, juntamente com a capital, recebeu tanto os imigrantes alemães quanto os italianos. O que sugere uma movimentação, senão de mercadorias, mas de pessoas, culturas e interesses os mais variados, que podem ter mesclado-se aos antigos habitantes.

E desde a metade do século XVIII havia posseiros ocupando terras na região. Contudo, somente em 1820 Antônio de Meneses Vasconcelos Drumond tomou posse de duas sesmarias, sem contudo fixar-se ali. Em 1823, Agostinho Alves Ramos instalou-se nas margens do Itajaí-Açu, construindo uma igreja e um cemitério, mas sem um projeto definido de povoamento. A partir de 1836 surgiram novos ensaios de colonização, os quais influenciaram os projetos do Dr. Hermann Blumenau efetivados em 1852, na foz do rio Garcia, localizada no Médio Vale do Itajaí-Açu¹⁸⁴.

cf. ainda SEYFERTH, Giralda. Op. Cit. p.32.; e também PIAZZA, Walter F. e HÜBENER, Laura Machado. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983. Pp. 68-73.

¹⁸³ PIAZZA, Walter. *Atlas histórico do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis: Departamento de Educação e Cultura, 1970.

¹⁸⁴ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Op. Cit. Pp. 215-217; SEYFERTH, Giralda. Op. Cit. p.34-38

Isto se dava dentro de uma política de incentivo para a imigração, e que, em certa medida, tinham apoio em idéias que acreditavam nas possibilidades de “branqueamento” do Brasil, viabilizada através da vinda de europeus. Ideais que tinham eco inclusive em políticos do Império, como o Visconde de Taunay¹⁸⁵, por exemplo, que transcreve as idéias de Silvio Romero,

Os mestiços tomados em totalidade, observa ele, são fundamentalmente inferiores, como robustez, ao negro e ao branco – como inteligência e caráter, ao branco, sem a menor dúvida. (...) Se o Brasil não está hoje no mesmo estado de S. Domingos, não é devido só ao tamanho e riqueza da terra; é ao forte núcleo de gente branca no país já nacional, já estrangeiro e a introdução constante desse fator pela imigração.

Um conjunto de princípios, que já vinham sendo propagados pelo Conde de Gobineau¹⁸⁶, e que responsabilizavam os mestiços pela degeneração das raças “boas”. Os valores fundamentais da civilização desapareceriam junto com as raças que os fundaram, caso elas de fato sucumbissem frente as outras raças. Os preconceitos que se erigiram sobre o caboclo, o negro, os pobres, e toda a sorte de desqualificados sociais, ganharam reforço com tais teorias. Sobre as colônias já instaladas, dizia Gobineau,

¹⁸⁵ TAUNAY, Visconde de. *Filologia e crítica: impressões e estudos*. São Paulo: Ed. Cia Melhoramentos de São Paulo, 1921. Pp. 141-143.

¹⁸⁶ Sobre as análises e propostas racistas do Conde de Gobineau, no tempo de sua estadia no Rio de Janeiro, (abril de 1869 a maio de 1870), cf. RAEDERS, Georges. *O inimigo cordial do Brasil: o Conde de Gobineau no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

As colonizações já instaladas no império americano abrem muitas esperanças e legitimam as mais lisonjeiras aspirações. Grandes estabelecimentos alemães nas províncias de Santa Catarina e de Minas Gerais, representando de 40 a 50 mil almas no primeiro caso, e de 10 a 15 mil no outro, demonstram, pelo próspero estado em que estão, que os agricultores têm muito a ganhar escolhendo-as para se fixar¹⁸⁷.

O desenvolvimento era em certa medida real. Movido principalmente pelas colônias de Brusque e Blumenau, que implantaram um mercado, o que logo transformou o porto de Itajaí (localizado na foz do rio Itajaí-Açu, que banha as regiões colonizadas do Vale) em um entreposto importante para o escoamento da produção, com produtos como o fumo, charutos, manteiga, ovos, lingüiça, cerveja, banha, toucinho, milho, farinha de milho, cachaça, açúcar, arroz, entre outros, e para a aquisição dos gêneros necessários à *vida colonial*, como ferragens, combustível, cimento, porcelanas, vidros, tintas, drogas, sal, tecidos e artigos da moda importados da Europa¹⁸⁸. As necessidades objetivas que surgiram nas colônias do vale atraíram, entre outros, diversos imigrantes que instalaram em Itajaí (assim como em outros pólos mais importantes, como Desterro) os mais variados tipos de estabelecimentos comerciais e agenciadores¹⁸⁹. O porto possibilitava o contato com outras partes

¹⁸⁷ Idem. Pp. 220-221.

¹⁸⁸HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987. pp.60-64.

¹⁸⁹HERING, Maria Luiza Renaux. Op. Cit., p.66. Sobre este assunto conferir ainda D'ÁVILA, Edison. *Pequena História de Itajaí*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, 1982, Pp. 50-62; FALCÃO, Luiz Felipe. Itajaí vai à guerra In. *Revista Alcance*. Itajaí: UNIVALI, n. 3, 1995; FLORES, Maria Bernardete Ramos.

do país e exterior¹⁹⁰, o que foi desde cedo um fator importante no que se refere à economia local. A cidade tornou-se “maior”, transformando-se em um *entreposto e escoadouro obrigatório de uma das mais importantes e futuras regiões do Estado - o vale do Itajaí*¹⁹¹.

Não que Itajaí do final do século XIX já pudesse ser considerada uma cidade na acepção da palavra. Era um aglomerado urbano, com várias casas comerciais e com um pequeno porto. Comparado a portos maiores e mais importantes, como o do Rio de Janeiro ou o de Santos, no mesmo período, o porto de Itajaí de fato era bastante modesto, como nas palavras de Marcos Konder, sobre a cidade e o seu porto em 1900,

*Diga-se a verdade, sem querer ofender os brios da nossa terrinha, que o Itajaí daquele tempo não era senão um porto atrasado - o atraso de uma época em que o principal negócio girava em torno da madeira...As pilhas começavam no alto da rua Pedro Ferreira, no porto do coronel Antonio Pereira Liberato - conhecido por Tio Antonico - e iam rio abaixo até o trapiche Konder, tendo de permeio os trapiches de João Bauer, Nicolau Malburg Júnior e Guilherme Asseburg*¹⁹².

História demográfica de Itajaí: um população em transição 1866/1930. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, 1979. Pp. 65-81.

¹⁹⁰Os vapores "Max" e "Anna" faziam viagens quinzenais com cargas e passageiros, conforme propagandas em jornais da época.

¹⁹¹ *Guia do Estado de Santa Catarina: Corográfico, comercial e industrial.* 2ª ed. Florianópolis: Livraria Central, 1935. Neste guia anunciam lojas, agências, armazéns, hotéis para caixeiros viajantes, médicos, etc. Vale lembrar ainda que Itajaí foi o centro administrativo de todo o Vale por largo período, inclusive sediando o consulado alemão, de 1889 a 1904. Eis alguns indícios da existência de uma possível dinâmica do mercado que a cidade foi conformando, e que era mantido, principalmente, pelo porto. P. 289.

¹⁹² KONDER, Marcos In *Itajaí*. São Paulo: Ed. Escalibur/Ed. Comemorativa, 1972. P. 33. Esta publicação reproduz um texto de Marcos Konder feito originalmente para o *Anuário de Itajaí de 1949*, p. 159.

Aqui apareceu o olhar burguês de Marcos Konder, tentando desqualificar a *terrinha*, onde ele próprio, e sua família, enriqueceram e fizeram carreira política. E assim como a família Konder, através do pequeno porto, outros imigrantes e descendentes, embrenharam-se nas atividades comerciais, nos armazéns de exportação e importação, enfim, em várias outras atividades que exigiam empreendimentos, dando significados novos ao meio ambiente¹⁹³. Homens considerados *cultos e de larga visão*¹⁹⁴ investiram nas atividades portuárias e na própria imagem, apoiados em parte no porto, que começou a crescer inserido na engrenagem que movia as colônias do Vale do Itajaí no início do século XX,

*O porto principal de Santa Catarina é o de Itajaí, cidade pitoresca, de 20.000 habitantes (...). As exportações de Blumenau constam de fumo, açúcar, trigo e laticínios. (...) Só a produção do fumo representa considerável receita, exportando-se dali cerca de dez milhões de cigarros e charutos para os mercados de Hamburg e Bremen*¹⁹⁵.

¹⁹³ Cf. THOMAS, Keith. O dilema humano In *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. Pp. 288-358.

¹⁹⁴ Sobre o assunto conferir KONDER, Gustavo. Op. Cit. P. 84. Como Guilherme Asseburg, que seria “um homem bastante culto e de larga visão, proprietário de alguns grandes navios a vela, com 3 ou 4 mastros, entre eles o “Dom Guilherme”, o “Wulff” e o “Fidelidade”. Ainda sobre o mesmo tópico, PEDRO, Joana Maria. As transformações do comércio através do porto de Itajaí, 1915-1950 In *Hélade*, Itajaí: FEPEVI, Dezembro, n. 5, 1981. P. 61. *Guilherme Asseburg por volta de 1886 era proprietário de 8 embarcações, sendo que 5 destas eram de mais de 100 toneladas (...) a frota mercante de Santa Catarina incluía neste ano, 148 embarcações e que destas, apenas 19 eram de mais de 100 toneladas.* Sobre Guilherme Asseburg, cf. PIAZZA, Walter F. Op. Cit. P. 59.

¹⁹⁵ Impressões do Brasil no século Vinte In *Nosso Século: memória fotográfica do Brasil no século 20*. São Paulo: Abril Cultural, 1981. P. 160. Sobre o estabelecimento de vários comerciantes e agenciadores na foz do Rio Itajaí ver HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Op. Cit. P. 66

De fato o porto crescia, mas não ao ponto de coloca-lo como o mais importante do Estado, da forma que o texto sugere. Ampliavam-se as possibilidades na medida em que o porto exigia e/ou possibilitava. Dentro deste clima de crescimento econômico e oportunismo capitalista, criava-se aos poucos, entre outras tantas, a figura do armador, que acabou tornando-se uma tradição local¹⁹⁶. A construção naval, que muito se transformou ao longo do século, originou-se da necessidade do mercado, que as atividades ligadas ao porto, ao rio e ao mar formavam. Conforme Joana Maria Pedro,

Inicialmente foi o comércio entre os portos de Santa Catarina que representou o mais importante mercado para a construção naval de Itajaí, dentro das atividades do porto. No comércio com outros estados, as embarcações a vela também fizeram um mercado.(...) Outros mercados como o formado pela pesca e pela navegação fluvial, foram melhor atendidos, porém, o primeiro era pequeno e com poucas possibilidades de expansão e o segundo foi desaparecendo gradativamente no final do período. (1900-1950)¹⁹⁷

Vale lembrar que boa parte das grandes casas comerciais de Itajaí (Asseburg, Konder, Malburg), além de servirem como agenciadores de companhias de navegação para importação e exportação de produtos¹⁹⁸, eram

¹⁹⁶ PEDRO, Joana Maria. *As transformações do comércio através do porto de Itajaí*. Op. Cit. P. 60

¹⁹⁷ MACHADO, Joana Maria Pedro. *O desenvolvimento da construção naval em Itajaí, Santa Catarina, uma resposta ao mercado local, 1900-1950*. Op. Cit. Pp. 12-13.

¹⁹⁸ MACHADO, Joana Maria Pedro. Idem. Segundo a autora, o agente encarregava-se de arranjar cargas para os navios e distribuir as que chegavam para a região. Este era um serviço que não envolvia tanta responsabilidade quanto a do armador, e dava bons rendimentos. Pp21-22.

também representantes de Bancos e Instituições financeiras. Esta característica, semelhante a de outras regiões de colonização alemã, possibilitou o controle de exportação e de distribuição de mercadorias e de linhas de crédito¹⁹⁹ por parte de um pequeno grupo. Muitas vezes o mesmo grupo que fundava associações, criava distinções, aproveitando-se da privilegiada condição e posição.

O desenvolvimento, na qual ingressaram as colônias de Brusque e Blumenau, foi bastante importante nas transformações que ocorreram tanto no porto como na cidade. Aos poucos Itajaí começou a adquirir características diferentes das existentes anteriormente, sugerindo novas preocupações a serem postas na esfera pública²⁰⁰.

¹⁹⁹ HERING, Maria Luiza Renaux. Op. Cit. P. 63.

²⁰⁰ NODARI, Eunice. Laguna e Lages: Reformulação das Condutas e Sociabilidades na Primeira República In *Revista Catarinense de História*. nº3. 1995. Florianópolis: Editora Insular. p.9. Tratando especificamente dos casos de Lages e Laguna, a autora aponta a *constituição de novos sujeitos sociais como comerciantes, armadores, profissionais liberais e funcionários públicos que, fortemente ligados às elites dirigentes locais ou a elas pertencentes, estimulavam a remodelação do espaço urbano, criando novas formas de condutas e de sociabilidades*. A autora nos lembra ainda que é preciso ver com cuidado as formas de composição das elites, pois sua constituição pode passar por outras clivagens além do poder econômico.

III.2. As redes do entreposto

*Seria longa talvez a lista, se quiséssemos enumerar todos os itajaienses que se sobressairam na luta pela vida: bacharéis, médicos, engenheiros, capitães de navio, chefes de máquinas, padres, literatos, pintores, negociantes, industriais, etc.*²⁰¹

As novas preocupações que diziam respeito a participação na esfera pública, e que manifestaram-se através das mais variadas estratégias e táticas em Itajaí da Primeira República, criaram redes de sociabilidades entre os membros da elite da cidade. Elementos que definiam o que era *civilização*, mas que também serviam como códigos de distinção, eram constantemente postos em prática. Houve desdobramentos inclusive em criação de entidades, como o já citado *Centro Aformoseador do Itajaí*²⁰². Ele contava com a participação de vários membros da elite local, cuja função era *trabalhar pelo embelezamento d'esta cidade*.

Tais princípios *renovadores* não devem ser vistos como uma manifestação paroquial, isolada em Itajaí. Os projetos de saneamento, disciplinarização e controle da população, como já foi colocado, eram de

²⁰¹ KONDER, Marcos. OP. Cit. P. 85

abrangência nacional. O governo federal fazia investimentos semelhantes, e segundo Hermetes Reis de Araújo, após inspeções sanitárias realizadas no Estado pela Fundação Rockefeller, constatou-se a urgência da situação, com um alto índice de contaminação da população por verminoses, além da falta de fossas ou esgotos residenciais, juntamente com tantos outros problemas, conforme o relatório da época – 1920 – que afirmou: *o litoral está colocado sobre um abismo de aniquilamento e degenerescência*²⁰³.

O Posto de Profilaxia Rural de Itajaí, atuava dentro dos mesmos princípios. O saber científico havia localizado a causa do atraso da população mais pobre, e recebia o apoio do articulista,

Estendendo sua zona de ação a regular número de municípios intensamente infestados pelas endemias da ankylostomose e do impaludismo, este posto, sábio e criteriosamente dirigido pela competência e energia do ilustrado médico Sr. Dr. Sizenando Teixeira, tem, de tal modo, beneficiado as populações pobres e falhas de recursos e auferido resultados tão brilhantes que, pode-se afirmar, sem receio de contestação, a inexistência de um meio mais eficaz e mais nobre de dispender os dinheiros públicos qual seja este de distribuir, a mãos cheias, saúde e energias a um povo que, abatido pela sua enfermidade, desprezado pela ciência de seu país e esquecido por seus governos via, modorrento e resignado na sua indolência, a riqueza florescer em torno do lar do estrangeiro sadio, robusto e forte, instalado na sua vizinhança, quando ele era repudiado e desprezado pela sua falta de capacidade física e moral,

²⁰²Criado em 20 de fevereiro de 1903, conforme consta de seus Estatutos. Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

²⁰³ ARAÚJO, Hermetes Reis de. Op. Cit. O autor aponta que a partir de 1920 instalaram-se postos de profilaxia pelo estado, inclusive um em Itajaí, considerada uma das regiões com maior índice de contaminação. Pp. 182.

pela lentidão e incerteza com que se atirava aos mais comezinhos serviços e pela resignação deplorável com que atravessava uma existência, sofrendo as maiores vicissitudes e julgando-se sempre presa de invencível fatalismo²⁰⁴.

O caboclo e o pescador, denominados *povo miúdo*, deveriam submeter-se a esse saber, que os libertaria de sua condição de inferioridade. Só assim teriam a *as energias restauradas e a ambição ressuscitada*. As elites locais, a exemplo de outras regiões do país, sentiam-se responsáveis por tais empreendimentos. Assim, naquele *entreposto importante*, algumas famílias de imigrantes (e seus descendentes) compartilharam um universo cultural e político, ali desenvolvido em conjunto com os luso-brasileiros mais bem posicionados.

O que sugere o início de uma rede de sociabilidades, com a participação orquestrada e minuciosamente excludente, constituindo uma elite étnicamente mista. Foi possivelmente através desta rede, que a ascensão política de vários membros da elite tenha sido possibilitada. Um caso que pareceu bastante emblemático, com certo destaque nacional, foi o de Lauro Müller. Um eminente político de ascendência germânica, e que apresentava,

(...) por um lado a carreira militar como aspiração do cidadão à ascensão social (pois estava associada a uma profissão de nível superior - engenharia); por outro lado, a educação elementar remete à condição de alemão - fez o curso primário em Blumenau, numa

²⁰⁴ *Anuário de Itajaí para 1924*. Itajaí, s/ed., 1924. O articulista coloca ainda que dos 12.000 matriculados no Posto, apenas 75 pessoas não estavam contaminadas, ou seja, menos de 1%. Pp. 142-143.

*escola alemã (...). (...) [O] elemento significativo na trajetória de Müller é sua dupla evidência como símbolo de capacidade germânica, por um lado, e da assimilação possível de um alemão irreduzível, por outro.*²⁰⁵

Para muitos dos imigrantes recém-chegados às colônias do vale do Itajaí, parece ter sido muito importante buscar participação no universo eleitoral brasileiro. Como coloca Giralda Seyferth,

*resumindo a questão do patriotismo, os teuto-brasileiros, porque adquiriram a cidadania brasileira, não se distinguem dos brasileiros no que diz respeito aos direitos e deveres do cidadão.*²⁰⁶

Neste sentido, em Itajaí no início do século, assim como em outras cidades que tiveram participação maior ou menor na imigração européia, tanto imigrantes quanto brasileiros disputavam/dividiam mesas eleitorais, carnavais, clubes de serviço, diretorias de sociedades²⁰⁷. O entrelaçamento que existiu sugere uma rede de sociabilidades comum, entre parte dos recém-chegados com os antigos ocupantes da terra, formando novas definições de grupo. A constituição de um novo grupo foi definida nas novas relações que se

²⁰⁵SEYFERTH, Giralda. Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania: a Imigração Alemã e o Estado Brasileiro In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n° 26, ano 9, outubro de 1994. ANPOCS. Pp.116-121. Em ARAÚJO, Hermetes Reis de. Op. Cit., aparece esta preocupação das elites com a engenharia como vetor de reformas, tanto que alguns dos mais importantes políticos do Estado foram engenheiros: Lauro Müller, Hercílio Luz e Felipe Schmidt. P. 120.

²⁰⁶SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. P.59.

estabeleceram, pautadas principalmente na idéia do empreendedor ligado ao porto – direta ou indiretamente.

Formava-se, de um lado, uma elite, possibilitando a convivência de heranças culturais distintas, com uma reelaboração das práticas de seus componentes. Os limites e fronteiras que definiram esta ou aquela cultura tornaram-se tênues ou imperceptíveis. Por outro lado, o restante da população era desqualificada, devido a uma incapacidade inerente à sua condição. Os responsáveis pelo saneamento, sentiam-se também responsáveis pela *boa cultura*, que ficava restrita aos salões da *distinta gente*. As apropriações de elementos culturais desta ou daquela tradição não seguiram nenhuma regra preestabelecida. Entretanto, a convivência de culturas diversas, em Itajaí, inviabiliza a idéia de resgate cultural, como atualmente os organizadores da Marejada propõem. Nas memórias de Marcos Konder, o entrelaçamento foi sugerido quando o prato português apareceu regado com a bebida germânica, e laureado pelo poeta brasileiro,

(...) Outras vezes íamos comer uma bacalhoadada na venda do Domingos Marquesi (...). Ali na tasca do Domingos, quando a cerveja lourejava no copo grosseiro, Tibúrcio recitava Castro Alves: "Escravo, enche essa taça/ quero espancar a mivem da desgraça/ que além dos ares lentamente passa"²⁰⁸.

²⁰⁷Nos jornais *O Progresso* e *Novidades* são encontradas as listas das diretorias dos diversos clubes de serviço, sociedades, etc, por ocasião das eleições das respectivas diretorias das entidades.

²⁰⁸ KONDER, Marcos. O Itajaí do princípio do século In *Itajaí*. São Paulo: Ed. Escalibur/ Ed. Comemorativas Ltda., 1972. P. 33

Existiram locais de sociabilidade em que a preponderância foi de determinados grupos. Mas parece que não houve a exclusão através do princípio étnico. As exclusões deram-se a nível de classe, na constituição das elites e de suas regras de conduta em público. A Sociedade Estrela d'Oriente divulgou sua nova diretoria eleita, dando visibilidade para os seus participantes nesta sociedade, composta por membros da *mais fina gente*,

(...) *Presidente: Samuel Heusi*
Diretor: Antônio Ignácio da Silva
*Thesoureiro: Arno Konder. (...)*²⁰⁹

Tanto o presidente quanto o diretor foram reeleitos naquele momento. Um evento significativo para aqueles que faziam parte, ou aspiravam, posições dentro de uma elite mista em termos étnicos. A participação em determinadas associações, ligadas ou não à filantropia, talvez tenha conduzido, ou viabilizado, o acesso à esfera pública, através, por exemplo, da ocupação de funções e cargos públicos, como o de vereador²¹⁰. Existiram vários clubes do mesmo gênero, com as diretorias compostas principalmente por membros da elite local. Houve casos em que a participação foi de uma maioria com ascendência

²⁰⁹ *O Progresso*. Itajaí, 11/03/1899.

²¹⁰ Para ver melhor o papel da esfera pública não organizada e sua influência na esfera pública das associações, dos partidos e das empresas, ver PROKOP, Dieter. *Textos de Dieter Prokop*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1986. Pp. 104-113.

germânica, como a *nova diretoria* da Sociedade de Atiradores, que foi tornada pública,

Presidente: Paulo Kleis
Vice-presidente: Henrique Willerding
1º Secretário: Luiz Odebrecht
2º Secretário: Euzébio Koch
Tesoureiro: João Keranach
*Orador: Henrique Midon.*²¹¹

Os chamados *homens bons* desenvolveram intensas atividades de caráter público e produtoras de sentidos. Outras estratégias importantes podem ser localizadas, como a participação nos tribunais do júri (por sorteio). No sorteio divulgado no dia 6 de abril de 1899²¹², participaram dois imigrantes ou descendentes, Rudolpho Peiter e Godofredo Reichert, no total de 48 nomes de *distintos cidadãos* que foram escolhidos. A partir de então quase todas as listas com os nomes sorteados que se seguiram, contemplaram imigrantes.

Na escolha feita por sorteio efetivada no dia 27 de maio de 1904, *foram sorteados os cidadãos* que serviriam como jurados na *cidade*²¹³. Na lista apareceram onze nomes de ilustres representantes da “comunidade” de imigrantes. Entre eles Otto Moldenhauer, proprietário do Hotel Central, juntamente com outros que exerceram atividades comerciais na cidade.

²¹¹ *O Pharol*. Itajaí, 11/02/1916.

²¹² *O Progresso*. Itajaí, 22/04/1899.

²¹³ A “cidade” a que o edital se refere, é o centro da cidade de Itajaí, sede da comarca. No mesmo edital constavam ainda: Arraial dos Cunhas, Barra do Rio e Camboriú, áreas mais ligadas às atividades rurais.

Em 1913, a lista divulgada com os membros sorteados para participarem do tribunal do júri contou também com onze nomes de imigrantes,

Realizar-se-a' no dia 11 de junho, a primeira sessão de juri desta comarca, no corrente anno. Foram sorteados para servirem de juizes de fato os srs.:

cidade

Mario Pereira Liberato

João Gabriel Fagundes

Alfredo Conrado Moreira

Udo Heusi

João Dionízio Moraes

Manoel Vieira Garção

Thomas Peressoni

Júlio Willerding

Euclides Dutra

Juvencio Amaral

Paulo Treder

Alois Emendoerfer

Julio Kumm

Busso Asseburg

Reynaldo Scheefffer

Julio Kock

José Pinto Amaral

Bonifácio Schmidt

Godofredo Kracik

José Martins Soares

Nilo Bacellar

João Marques Brandão (...) ²¹⁴

Na lista que divulgou os membros do tribunal do júri no ano de 1916, a participação de imigrantes atingiu o número de onze novamente²¹⁵. Ou seja, uma efetiva participação num dos mais importantes símbolos do exercício

²¹⁴ *O Pharol*. Itajaí, 30/05/1913.

²¹⁵ *O Pharol*. Itajaí, 25/02/1916.

da cidadania burguesa, que é o tribunal do júri. Michel Foucault²¹⁶ aponta que após a formação da *sociedade disciplinar*, desenvolveram-se vários instrumentos de controle do corpo social. O tribunal do júri figuraria como um desses instrumentos. As práticas judiciais que foram sendo desenvolvidas – e no Brasil não foi muito diferente²¹⁷ – estavam ligadas com o fenômeno da materialidade da riqueza, com a propriedade. Daí o fato de predominarem na composição do júri as *peessoas de bem*.

Com todo um conjunto de esferas partilhadas e da forma como se deu a atuação das elites locais na ocupação dos espaços, pode pensar-se na ausência de concorrência e enfrentamentos entre os seus membros ou candidatos. Entretanto é possível supor que as questões étnicas possam ter balizado alguns dos conflitos ocorridos. O que pode ter acontecido, principalmente pelo fato de Itajaí ser uma cidade relativamente pequena, com poucas ou limitadas oportunidades de participação em funções públicas, atividades comerciais e concurso de casamentos. O quadro propõe que, dentro da própria elite local,

²¹⁶ FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996. O autor trata como sociedade disciplinar aquela que nasce após as seguintes transformações: Reforma do sistema judiciário; transcrição da lei como algo útil para a sociedade (não relacionado à moral ou religião); definição clara do crime. Este conjunto de transformações ocorreu a partir do século XVIII, e tem ligação direta com as transformações no universo produtivo, que viabilizam a materialização da riqueza, a denominada propriedade. Pp. 79-102.

²¹⁷ Sobre o direito e a justiça como instrumentos para a ortopedia da sociedade brasileira, cf. RIBEIRO FILHO, Carlos Antônio Costa. *Clássicos e positivistas no moderno direito penal brasileiro: uma interpretação sociológica*. In HERSCHMANN, Micael & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Op. Cit. Pp. 130-146.

possam ter existido conflitos e diversas formas de enfrentamentos, envolvendo luso-brasileiros e imigrantes²¹⁸.

Para tanto, deve ser levado em conta o debate sobre o “perigo alemão”, que foi uma preocupação constante entre alguns dos luso-brasileiros, os mais afetados pela ascensão de imigrantes²¹⁹, entre outras coisas. Um misto de medo e de interesses, que pode ter norteador condutas, naqueles anos tensos que antecederam o fim Primeira Guerra Mundial.

Existiu ainda um outro aspecto importante que deve ser ressaltado em relação ao período em Itajaí: trata-se da forma como os imigrantes que viviam nas colônias - como em Blumenau, por exemplo - viam aqueles que viviam e atuavam na cidade. Se partirmos do princípio de que podem ter ocorrido conflitos dentro das elites de Itajaí, maiores foram as tensões entre os articulistas dos jornais da cidade e os dos jornais alemães de Blumenau. O caso do jornal *O Progresso*²²⁰ que publicou o manifesto e Estatutos da *Volksverein de Blumenau*, parecia demonstrar de fato a existência de um conflito. O texto deixou clara a diferença de postura por parte de alguns imigrantes em Blumenau, voltados para os princípios de germanidade, e que contrastava com as posturas de parte dos

²¹⁸FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit. (...) *Este processo de integração, não é, contudo, isento de tensões*. P. 77.

²¹⁹Idem. Pp. 77-84. Segundo o autor, as tensões aumentaram na medida em que se aproximava a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

²²⁰*O Progresso*. Itajaí, 26/01/1901.

imigrantes que viviam em Itajaí, principalmente no que diz respeito ao aparente dilema do pertencimento.

O conflito de interesses emergiu em tais disputas, como apareceu em outro artigo, publicado no jornal *O Progresso*²²¹, em que eram tecidas críticas às posturas bairristas de jornais como o *Blumenauer Zeitung*. O motivo foi a possibilidade de construção de uma estrada que ligasse Blumenau a Itajaí, e que, segundo o *Blumenauer*, só interessaria a Itajaí, além de desmerecer as linhas fluviais. Um velho dilema entre o vale e o litoral, e que foi tomando forma ao longo do século XX. As tensões entre as cidades, reproduzidas nos jornais, delinearam-se de maneira a sugerir um conflito étnico, e costumavam repetir-se com frequência, gerando preconceitos de ambos os lados: os habitantes do vale passaram a ser tratados genericamente como *alemão batata*, e os do litoral como *peixeiro* ou *papa-siri*.

Em Itajaí, os interesses em jogo davam margem para os posicionamentos, como o discurso proferido na inauguração da escola Alemã e publicado pelo jornal *Novidades*²²², que reforçava o significado de *ser alemão*,

(...) porque todas nossas boas qualidades nacionais, nossa assiduidade, atividade, lealdade e amor à patria nascem da nossa lingua, que forma nosso sentimento, e esquecendo-a perderemos o

²²¹ *O Progresso*. Itajaí, 15/04/1899.

²²² *Novidades*. Itajaí, 05/07/1904.

sentir alemão, e com isto perderemos as nossas mais nobres qualidades...

Os articulistas do jornal *O Progresso* criticavam o nacionalismo – leia-se germanismo - visto nos alemães de Blumenau. O que pode ser lido como uma crítica sutil aos alemães que viviam em Itajaí e que compartilhavam tais princípios. Não que existisse uma frente de alemães na cidade e que arriscasse a integridade nacional, mas, em certa medida, os valores da germanidade eram de fato exaltados por algumas pessoas.

Mais tarde, os articulistas do *Novidades* reproduziram um discurso que atribuía valor aos elementos herdados através da língua alemã²²³. Deve-se ressaltar que muitos membros da elite, e que eram de origem alemã, não compactuavam integralmente com as tais *influências germanófilas* no país. O que demonstra, no máximo, uma noção de duplo pertencimento por parte de uma pequena parcela das elites, sem supremacia dos elementos considerados nativos sobre os aspectos de herança germânica, observação feita em *Nacionalismo e Identidade Étnica*²²⁴, por Giralda Seyferth. A autora sugeriu a auto-denominação teuto-brasileiro, de claro caráter étnico, e que

²²³ Ambos os jornais representavam facções da elite local, sendo que o *Novidades* era o jornal que, com certo comedimento, mais propagandeava os valores da germanidade em Itajaí.

²²⁴SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. pp.126-173.

*remete a um duplo pertencimento: à nação alemã, concebida como entidade política, e à pátria brasileira, expressando uma vinculação étnica e a cidadania*²²⁵.

Talvez a identidade étnica veiculasse elementos simbólicos, advindos das noções de progresso que um europeu possibilitava naquele momento. Através deles foi que procurei entender como os imigrantes, ou ao menos uma parte deles, construíram uma imagem de si, interagindo em uma espécie de *simbiose*²²⁶ entre duas culturas, ou seja, uma associação com os luso-brasileiros. Os valores europeus talvez dessem ao imigrante uma espécie de aura que os revestia de uma série de valores (auto-atribuídos ou não).

Uma espécie de *simbiose* dentro das elites, que contava com a participação tanto de imigrantes como de brasileiros de origem lusa, e que demarcou espaços específicos de sociabilidades propícios para promover os seus interesses. Em várias entidades públicas, encontraram-se referências à participação de imigrantes associados a grupos brasileiros, indicando que isto parece ter bastante relevância, principalmente para que se possa entender os caminhos pelo qual ocorreu o que se pode denominar de “diluição” de elementos culturais germânicos em Itajaí. Até que ponto os alemães e seus descendentes

²²⁵SEYFERTH, Giralda. Racismo e Identidade Nacional: Paradoxos e Utopias. In. *Ciência Hoje*. Vol. 19 n. 109, maio de 1995, SBPC. P.43.

²²⁶HOBSBAWM, Eric J. As classes operárias inglesas e a cultura desde os princípios da revolução industrial. In. BERGERON, Louis.(Org.) *Níveis de cultura e grupos sociais*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1967. P.243. O autor

oportunizaram a criação de um *capital social*, possibilitando, entre outras coisas, laços matrimoniais entre as etnias na constituição de uma elite?

Um dos caminhos possíveis a seguir, é aquele que busca localizar as estratégias matrimoniais que se constituíram à época, como percebeu Eni de Mesquita Samara²²⁷, na São Paulo do Século XIX. A autora localiza as estratégias matrimoniais postas em prática entre os membros da elite branca da cidade, e

fora desse círculo aconteciam os casamentos que integravam, através das alianças, estrangeiros e mesmo indivíduos pertencentes a outras camadas sociais.

E parece que em Itajaí não foi muito diferente. O uso das estratégias matrimoniais foi observado por Giralda Seyferth²²⁸, que apontou o caso de Marcos Konder Sênior²²⁹, casado com a filha de José Henrique Flores²³⁰. Através do casamento Marcos Konder Sênior teria entrado *para uma das famílias mais importantes de Itajaí*, o que teria sido *um passo importante na ascensão social*

usa o termo simbiose para designar a troca de elementos entre duas culturas distintas, e que convivem mutuamente em algumas circunstâncias.

²²⁷SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o Poder e a Família: São Paulo, Século XIX*. São Paulo: Marco Zero, 1989. P.88.

²²⁸SEYFERTH, Giralda. Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania: A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n° 26, ano 9, outubro de 1994. AMPOCS.P.117.

²²⁹ Marcos Konder Sênior foi um *professor rural, emigrado da Mosela com a finalidade de educar os filhos de Nicolau Malburg, tornou-se procurador deste e quatro anos após formou sua própria firma comercial, enriquecendo com a exportação de madeira*. HERING, Maria Luiza Renaux. Op. Cit. P.63.

²³⁰ José Henrique Flores foi *Tenente-coronel da Guarda Nacional*, e como tal foi presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Itajaí durante vários mandatos até 1877. D'ÁVILA, Edison. Op. Cit. P. 94.

de um Hauslehrer (professor particular), alguém que depois se tornaria próspero comerciante, com ramificações em Blumenau.

No mesmo sentido, as estratégias de matrimônio parecem ter criado e afirmado a distinção, ajudando a constituir uma elite mista etnicamente, apoiada no porto e no comércio. Atitudes e estratégias que demarcaram os limites e as possibilidades de participação, em *práticas geradoras de distinção*²³¹, deixando claro que as exceções apenas afirmavam as regras de exclusão, numa rede que definia as citadas estratégias, estendendo-se por vários lugares.

Parece ser o caso dos grupos de senhoras e senhoritas, formados para práticas de sociabilidades. Entre as sociedades com tal intuito que existiram, poderiam ser destacadas *a Perseverança e Edelweiss, para leitura e bordados; Estudantina das Magnólias para bailes e pic-nics e a Estudantina Iracema para concertos*²³². Lugares que possibilitaram *entender a importância da distinção das mulheres na afirmação social das famílias*²³³. A “boas moças” deveriam cumprir os papéis que lhes eram atribuídos, portando-se de forma a não trazer “máculas” para as famílias. Nas noites de baile, as regras eram postas em

²³¹ CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico In *Estudos Históricos* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, n. 16, 1995. P 184. Para o autor, *em toda sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos compartilhados são tão ou mais geradoras de distinção que as práticas próprias de cada grupo social.*

²³² MEYER, Rachel Liberato. Op. Cit. P.12.

prática, quando *nem a alegre mazurca e nem mesmo* as valsas de roda faziam com que os pares tomassem uma *distância menos respeitosa* ou que se agitassem ao ponto de aparecer *um pedacinho da perna* das moças²³⁴. Dentre outros tantos lugares de sociabilidades que possivelmente existiram, estão também os grupos de senhoras formados para o Jogo de Bolão.²³⁵

²³³FÁVERI, Marlene de. Moças Para Um Bom Partido In *Revista Esboços*. Florianópolis: UFSC/Pós-Graduação em História, nº2, 1995. p.52.

²³⁴ MEYER, Rachel Liberato. Idem. P. 49.

III.3. A construção da distinção

Em nome da religião tem-se praticado muitos crimes; em nome da arte tem-se justificado muitas sem-vergonhices; mas, atualmente, é a ciência que justifica crimes e também assaltos aos mínguados orçamentos do país²³⁶.

Foram postas em prática várias atividades, e que poderiam ser consideradas como criadoras de espaços privilegiados para trocas simbólicas, a maioria delas beneficiando membros das elites locais. Na medida em que um determinado grupo de imigrantes foi abrindo mão, paulatinamente, de alguns traços diacrônicos que os identificava como portadores de germanidade²³⁷, houve, por parte da elite composta por luso-brasileiros, uma série de benefícios, extraídos da associação com europeus e seus descendentes. Os últimos poderiam ser encarados como os legítimos representantes dos valores da modernidade²³⁸.

²³⁵Nos acervos do Arquivo Histórico de Itajaí existe uma fotografia de um grupo feminino de Bolão (início do século). Ali deixa-se ver posturas sóbrias, com as mulheres vestidas como lhes era permitido à época.

²³⁶ BARRETO, Lima. Op. Cit. P. 9

²³⁷ Características que remetessem ao “perigo alemão”, por exemplo. Cf. SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Op.Cit. Cap. V. P. 175. Cf. também FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit. P. 79.

²³⁸ O termo modernidade é usado aqui como o conjunto de transformações advindas da capacidade de organização associada ao progresso técnico. Muitos desses ideais foram embasados nos princípios de Augusto Comte, criador do positivismo, e tornava seus executores portadores de um *pragmatismo científico*. Sobre o assunto cf. HERSCHMANN, Micael M. *A arte do operatório. Medicina, naturalismo e positivismo. 1900-*

Valores os mais variados, como os cuidados com a coisa pública, indicando o que viria a ser o capital social daquele grupo. E por isso, deve-se levar em conta a projeção social alcançada pelos participantes das entidades filantrópicas, sociedades recreativas e culturais. Principalmente pela evidência que as mesmas ofereciam no desenvolvimento de suas atividades²³⁹. O que pode ser demonstrado pela preocupação e zelo manifestado pelos seus participantes com a cidade e por seus problemas, como o medo dos *miasmas tíficos e paludosos*²⁴⁰, que poderiam vir a assolá-la a qualquer momento, devido a falta de preocupação com a higiene por parte do poder público; ou ainda, em outro extremo, o cuidado com as letras e artes²⁴¹.

Havia uma necessidade, por parte das elites, em compor um quadro de distinções para os seus participantes. Associar-se ao que se entendia por moderno, colocava-os em destaque, algo bastante importante, principalmente para uma elite que pretendia livrar-se de todo o atraso que a sociedade brasileira²⁴² pudesse representar. Não se pode esquecer que naquele momento, da virada do século XIX para o século XX, os discursos de modernidade adentram-se a partir de uma matriz européia, quando a sociedade brasileira *começa a*

1937. In HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A invenção do Brasil Moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Op. Cit. Pp. 43-65.

²³⁹ Principalmente as de caráter público, como o Centro Aformoseador de Itajaí.

²⁴⁰ *O Progresso*. 15/04/1899. A epidemia de febre amarela que assolava o Rio de Janeiro teria "origens em miasmas tíficos e paludosos".

*receber e a reelaborar um conjunto de discussões que se vivenciavam na Europa*²⁴³. O que constatava-se nos discursos, impregnados de uma noção de progresso e de culto a determinados elementos do passado, como pode ser evidenciado num texto escrito por Marcos Konder²⁴⁴, no tempo em que era superintendente (prefeito) do município²⁴⁵,

*Comemorar os acontecimentos, como o de hoje*²⁴⁶, *recordar os fatos, que se sucederam em Itajaí no decorrer deste século, lembrar a figura dos maiores, que contribuíram para o nosso desenvolvimento, que formaram esta pequenina terra, é manter viva a nossa alma, é beber no ensinamento dos nossos avós estímulo e incitamento para prosseguirmos nesta rota de civilização e de aperfeiçoamento, para que os nossos filhos possam louvar a nossa obra, abençoar o nosso trabalho.*

Ideais de modernidade e civilidade²⁴⁷ que apareciam nas práticas discursivas das elites que se constituíam, e que eram veiculados através dos

²⁴¹D'ÁVILA, Edison. Op.Cit .P.75.

²⁴² Aqui no sentido de nativa, em geral associada ao caipira, ao caboclo ou ao pescador.

²⁴³NODARI, Eunice S. Et alii . Op.Cit. .P.7.

²⁴⁴KONDER, Marcos. *Lauro Müller/A pequena pátria*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. P. 76.

²⁴⁵ Marcos Konder foi superintendente (prefeito municipal) de 1915 até 1930, quando perdeu o seu mandato devido a revolução de 1930.

²⁴⁶ Marcos Konder refere-se ao centenário da cidade, já que parte da fundação de Itajaí atribuída a Vasconcellos Drumond, ou seja, em 1820. Esta hipótese de fundação é questionada no trabalho de FLORES, Maria Bernardete Ramos. *História demográfica de Itajaí: uma população em transição: 1866-1930*. Florianópolis: UFSC, Dissertação de Mestrado, 1979 Pp. 48-53, que atribui a Agostinho Alves Ramos a "fundação" da cidade de Itajaí, ou seja, 1824.

²⁴⁷Cf. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

jornais, de memorialistas, de leis municipais e de códigos de postura.²⁴⁸ Assim, dentro de um princípio de aparente altruísmo natural, ocorreu a inauguração do Hospital Santa Beatriz (1887), a criação de Comitê Civilista de Itajaí (1910, na casa da família Konder), o Grêmio Literário 3 de Maio (1900) e o Club Republicano Federativo de Itajahy (1887). Bem como clubes destinados as sociabilidades, como o Clube Guarany (1897), e o Estrela do Oriente²⁴⁹, ou ainda a criação da Loja Maçônica Acácia Itajaiense (1911)²⁵⁰, com fins corporativos, mas não menos afinados com as noções de civilidade.

Um memorialista importante, se quisermos conhecer um pouco do pensamento de pelo menos parte da elite local, foi Juventino Linhares²⁵¹, que viveu e escreveu muito sobre a sua época. Juventino Linhares nasceu em Camboriú, em 1896, e foi quando criança para Itajaí. Trabalhou como editor do jornal *O Pharol*, ajudou a editar o *Anuário de Itajaí para 1924*, atuou ainda como jornalista, cronista e orador. Em seus textos, ele pontuava e enaltecia a entrada dos valores voltados para a "civilização" e para o "progresso", bem

²⁴⁸A respeito dos discursos, leis municipais e códigos de postura norteando as condutas em Itajaí no início deste século, ver FÁVERI, Marlene de. *Encantamentos e Espantos: o que (não) Sonharam os Homens*. Itajaí: UNIVALI/Centro de pós-graduação, 1995. (monografia).

²⁴⁹Guia do Estado de Santa Catharina: Corográfico, Comercial e Industrial. Op. Cit. P.291.

²⁵⁰*Itajaí. Op. Cit.* Foram os fundadores: Adolfo Walter da Silva Schiefler, Alcibiades Rotoli, Américo da Silveira Nunes, Alexandre Justino Régis, Alois Fleischmann, Antônio Lopes de Mesquita, Castor Casares Arias, José Felipe Geraldo, João Mariano Ferreira Júnior e Max José Schirmann. P. 41.

²⁵¹LINHARES, Juventino. Op. Cit. Juventino Linhares esteve também envolvido na confecção de guias e anuários para Itajaí. Nestes, apareciam os membros da elite distintamente fotografados, suas diversas qualidades e importância social. Destacava-se desde os estudos até quadrinhas, poesias ou feitos públicos das

como os pretensos pioneiros na introdução dos melhores produtos da indústria. Através de tais textos, foi possível ainda perceber a forma como aqueles homens considerados pioneiros e seus descendentes, ocuparam os espaços com atuação em diversas frentes. Os textos produzidos por ele, enalteciam as *nobres atitudes* assumidas pelos membros da elite da época, frente as questões de higienização, de controle dos espaços públicos, sempre incrementadas devido a uma capacidade individual de empreendimento presente em alguns membros da elite. Juventino Linhares fez a sua leitura, pautado em seus interesses particulares e de membro inserido em um grupo social específico, ou melhor ainda, nas elites da cidade.

Também Rachel Liberato Meyer²⁵², filha de membros das elites da época, fez a descrição e rememoração das condutas vigentes na cidade. A forma como as moças e moços deveriam comportar-se, descrições de convívio familiar, aspectos da vida social das classes “distintas”, entre outras coisas, foram minuciosamente descritos pela autora. Fez também alusão às novidades da indústria, aos objetos da modernidade que chegavam aos poucos à cidade, através do *comércio de Blumenau*, que havia recebido os *primeiros gramofones*. A autora narrou que o seu *tio Alfredo, que gostava muito de novidades, não*

peçoas descritas. Cf. *Anuário de Itajaí para 1924*. Itajaí: sem editora, 1924, que foi publicado sob a direção de Jayme Vieira e Juventino Linhares. Cf. D'ÁVILA, Edison, Op. Cit. Pg. 94.

resistiu e comprou um, pensando na sensação que ia causar, já que em Itajaí ainda ninguém tinha, aquele seria o primeiro. Certamente o objeto logo virou a sensação, e todos da casa desprezaram logo a caixa de música. E algo tão interessante, quanto desconhecido, não iria ficar restrito ao ambiente familiar de seus proprietários (mesmo porque a cidade inteira já deveria saber de sua existência). E aquela novidade foi admirada através de uma apresentação pública, ou como colocou a memorialista, a mamãe teve a idéia de fazer uma “audição” em nossa casa²⁵³.

²⁵² MEYER, Raquel Liberato. Op. Cit. Vale lembrar que essas memórias referem-se ao início do século na cidade de Itajaí, até o limite do ano de 1923, quando a autora mudou-se para Florianópolis. P. 15

²⁵³ Idem. P. 79.

III.4.A distinção da escrita

*Ler, é fazer-se ler e dar-se a ler.*²⁵⁴

Entre os objetos que melhor simbolizavam os ideais de civilização estava o livro, fonte de difusão de idéias ilustradas desde os tempos das “luzes”. Os anúncios de livros, e de toda sorte de produtos que pudessem ser associados à civilidade européia, eram bastante freqüentes nos jornais que circulavam na cidade. Desde gramáticas de diversas línguas (no caso das línguas estrangeiras, principalmente o alemão e o francês), até livros de aritmética e literatura, eram comercializados,

Anúncio de livros da Escola Complementar .

Roquete-Fonseca - Dicionário Português-Francês 2 vol. Rs10\$000.

Appelle - Dicionário Alemão - Português 1 vol. Rs. 4\$000.

Neumann - Nova Gramática Alemã. 1 vol. Rs4\$000.

Trajano- Álgebra Elementar. 1 vol. Rs. 5\$000.

Julio Ribeiro- Gramática Portuguesa. 1 vol. Rs. 3\$000.

Sevéne-Gramática Francesa. 2 vol. Rs. 2\$400.

Trajano- Aritmética Progressiva. 1 vol. Rs. 5\$000.

Burgain-Couronne Litteraire 1 vol. 1\$000.

*À venda na casa Konder*²⁵⁵.

Divulgados em anúncio pela casa Konder, os livros demonstram a preocupação existente entre alguns membros da elite local em relação à

²⁵⁴ GOULEMOT, Jean Marié. *Da leitura como produção de sentidos* In CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Op. Cit. 116.

educação. Evidentemente que boa parte da população não teria acesso a eles. Ficariam restritos a determinada parcela dos habitantes da cidade, ou melhor ainda, determinada parcela das elites, que ampliava a distância entre aqueles que possuíam e concentravam posses, saber, posições sociais e políticas e aqueles que apenas sobreviviam. Conforme Daniel Fabre, mais do que separar letrados de iletrados, a condição de *ledor* ou *possuidor de livros* possibilitava a distinção, *como se semelhante saber redobrasse ou até mesmo instaurasse a diferença social*.²⁵⁶

Foi ainda Marcos Konder quem falou dos livros que leu na juventude, influenciado pelo professor cearense e radicado em Itajaí, Luiz Tibúrcio de Freitas. O relato indicou um conhecimento razoável da produção literária que circulava à época, o que levou-me a supor que boa parte desses livros também foi comercializada na cidade. Mas independentemente de onde vinham os livros, a formação intelectual de alguns membros da elite local foi beneficiada por eles. A chegada do professor Tibúrcio em Itajaí, segundo Marcos Konder, também assegurou certo domínio das letras,

Com Tibúrcio de Freitas, os Pachecos, os Conselheiros Acácios, os Padres Amaros, Os Primos Basílios...Mas a lição não ficou apenas em Eça. Com ele conhecemos Ramalho Ortigão, Oliveira Martins,

²⁵⁵ *O Novidades*. Itajaí, 28/05/1916.

²⁵⁶ DANIEL, Fabre. O livro e sua magia In CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996. P. 203.

Guerra Junqueiro, Antero de Quental. Com ele conhecemos Maria Amália Vaz de Carvalho, Gonçalves Crespo, Antônio Cândido e Antônio Nobre. Com ele nos familiarizamos com a sátira de Fialho de Almeida, lemos Camões, Herculano, Castelo Branco, Teófilo Braga e João Barreira, este último um dos ídolos de Tibúrcio. (...) Mas Tibúrcio era também um mestre na literatura francesa e nos conduziu a Vitor Hugo, a Balzac, a Saint Beuve, a Maupassant, a Zola, a Daudet, a Dumas, a Stendhal e a Pierre Loti. Com ele nos abeberamos da literatura inglesa, russa, alemã, espanhola, americana, sem falar na brasileira com Machado de Assis, Castro Alves, Luís Delfino e Cruz e Souza. Tibúrcio foi o nosso amado Mestre. Tibúrcio trouxe um pouco de cultura aos jovens itajaienses do seu tempo!²⁵⁷

A prática cultural da leitura, tal como era concebida, estabelecia para si uma posição elevada na hierarquia dos bens simbólicos. Os valores da distinção, de uma “cultura erudita” por excelência, impunham-se no constante jogo da hierarquização dos valores culturais. Uma carga simbólica que garantia ainda as práticas ligadas ao poder público, recheados de ideais renovadores. Nas leis municipais e nos códigos de postura percebiam-se os princípios de modernidade. Entre as leis, resoluções e decretos que regulamentavam atitudes, existiu a que regulou o preço do pão por peso²⁵⁸, e deu as medidas para os *pães mistos e puros*. Uma interferência direta sobre a base da alimentação da maioria das pessoas, ao mesmo tempo em que ocorreu a promoção da imagem de quem teve uma preocupação com uma questão privada na esfera pública.

²⁵⁷ KONDER, Marcos. Op.Cit. P. 33

²⁵⁸ Decreto N. 1 de 11/06/1917. *Registro de atos e resoluções da superintendência municipal*. 1916-1931. Arquivo Municipal de Itajaí.

Outro decreto²⁵⁹ que dá margem para a mesma interpretação, adicionada da idéia de paternalismo, foi o que regulou a venda de *boi de lavoura* para os matadouros. Ali a justificativa era prevenir o *perigo dos prejuízos que possam advir futuramente ao lavradores sem gado*. A alta do preço da carne, no final de 1917 estava relacionada com a crise por que passava o país devido a primeira guerra mundial, associada às péssimas condições de vida da maioria do pequenos lavradores, impulsionava-os a vender o gado que puxava o arado na lavoura, transporte de carga e toda sorte de atividades pesadas da vida no campo. A intervenção do poder público veio de imediato, e de forma bastante paternalista, pois os agricultores possivelmente não estariam “habilitados” para tal escolha (no caso, a venda de seu próprio gado).

E assim, os decretos que partiam da superintendência foram criando interdições, ditando as condutas consideradas adequadas para as pessoas do campo e da cidade, dizendo como elas deveriam comportar-se. As formas como foram “digeridas” tais imposições pelos grupos sociais é que talvez não correspondesse aos anseios de quem ditava as normas. Os “modos de fazer” de cada um deles, com certeza, burlava os princípios de organização tão bem elaborados pela municipalidade (superintendência).

²⁵⁹ Decreto n. 2 de 15/01/1918. Idem.

Contudo, os decretos tiveram também outros sentidos, e fizeram muito mais do que impor normas. Eles objetivaram “limpar” o nome de parte dos alemães que viviam na cidade. Foi preciso afastar-se de alguns significados ligados ao estigma que representava “ser alemão”, e de toda a perda política que aquelas representações pudessem desencadear. Significados que desqualificavam o colono deveriam ser superados, a exemplo do que fez Marcos Konder²⁶⁰ na biografia de Lauro Müller. Ali, o mesmo ambiente pobre que, segundo os preconceitos da época, desqualificavam quem nele habitasse, foi transformado,

Foi nesse ambiente de colono, feito lojista, filósofo e compadre de todo mundo, de um lar dirigido por uma verdadeira dona de casa, que era a primeira a acordar e a última a deitar-se, que foi criado o menino Lauro. Com uma educação sadia e sem artificios.

Existia a problemática dos significados associados ao medo do *perigo alemão*, propagado principalmente devido a primeira guerra, e que eram os mais freqüentes. Havia uma preocupação em refazer a imagem do imigrante alemão como cidadão preocupado com o país, e que apareceu de forma bastante evidente em uma resolução²⁶¹ de Marcos Konder, dirigida principalmente ao governo federal,

²⁶⁰ KONDER, Marcos. *Lauro Müller/A Pequena pátria*. Op. Cit.. P. 13.

²⁶¹ Resolução n. 7 de 14/11/1918. *Registro de atos e resoluções da superintendência municipal*. 1916-1931. Arquivo Municipal de Itajaí.

Considerando que o auspicioso fato de ter a Alemanha afinal se sujeitado a todas as condições de paz impostas pelas nações aliadas deve encher no momento de justo regozijo todos os corações bem formados e que sofriam direta ou indiretamente as conseqüências e os horrores da carnificina, que durante mais de quatro anos enchem de luto e miséria o mundo inteiro;(...)

Resolve, como demonstração de solidariedade e satisfação: 1º mandar hastear nos edifícios municipais durante oito dias a bandeira nacional o glorioso pavilhão que acaba de conquistar mais uma legítima e imarcescível glória. 2º que se telegrafe aos Ex. Srs. Presidente da República e ao mesmo tempo apresentando aos ilustres patrícios vivas e congratulações pela vitória da nossa causa.

O texto mostrou uma preocupação em “ser brasileiro” mais do que nunca oportuna, em um momento em que ser solidário aos países vencedores da guerra e aos princípios liberais, garantiria a própria condição de “alemão empreendedor”. A proximidade com o mundo através do porto, não poderia ser um fator a atrapalhar os negócios²⁶². Tratou-se de uma postura que teve um caráter de conveniência e zelo pelo próprio bem estar. Com isto, ao longo do início do século XX em Itajaí, a construção da imagem de alguns imigrantes membros da elite, juntamente com a demarcação de distinções na constituição das mesmas, foi seguindo alguns princípios políticos recorrentes a nível nacional.

²⁶² Além dos negócios de exportação e importação da própria família Konder, o superintendente deveria lidar com o problema do próprio porto, como ponto estratégico. Do porto dependiam diversos investimentos em construção naval e empresas de navegação por exemplo, e que eram, em sua maioria, de capitais alemães. Cf. MACHADO, Joana Maria Pedro. *O desenvolvimento da construção naval em Itajaí, Santa Catarina, uma resposta ao mercado local, 1900-1950. Op. Cit.*. Anexos 6,7 e 9.

Marcos Konder, a partir de 1925, passou a ser tratado como “coronel”, e procurava construir uma imagem sua – e de seus familiares - isenta dos embates políticos (pelo menos das questões que pudessem macular a sua imagem e a de seus parentes ou amigos próximos), da mesma maneira como muitos outros membros da elite local. Exemplo de tal postura, pôde ser constatada na forma como ele exercia o poder de punir, sem parecer fazê-lo. Um substituto assinava as resoluções mais complicadas. Como no caso do professor municipal Raphael Henriques, que foi suspenso por ataque público ao promotor através das colunas d’*O Pharol*. Quem assinou a punição foi o 1º substituto do Superintendente, Juvêncio Tavares D’Amaral. Vale lembrar que a condição de mandatários locais, exercida pela família Konder, era reforçada tanto na esfera privada – com empreendimentos variados, portanto com vários postos de trabalho sob seu controle – como na esfera pública, através dos diversos cargos exercidos por membros da família.

A divulgação do capital social das elites efetivava-se nos mais variados níveis. No *Anuário de Itajaí* para 1924 (Marcos Konder ainda era Superintendente), Juventino Linhares fez os seguintes comentários, colocados logo abaixo da fotografia do distinto e bem alinhado jovem chefe municipal,

*Esforçado superintendente de Itajai, cujo espírito progressista deve a nossa cidade inestimáveis obras de embelezamento. Sob sua administração foram construídos o belo edifício do mercado e o suntuoso Palácio da Superintendência e remodelado o nosso jardim público*²⁶³

A configuração e identidade da *urbe*, dentro da intensificação do mercado, exigia um espaço apropriado para as trocas. Entretanto, o *belo* edifício foi fruto de discórdia entre alguns membros das elites da cidade. Uns afirmavam que o prédio estava *sendo mal feito*²⁶⁴, outros diziam que as verbas divulgadas eram exorbitantes, finalizando numa troca de insultos e acusações entre aqueles e os defensores da superintendência através dos jornais locais. De qualquer maneira, a obra foi concluída em 1917, dentro dos rigorosos padrões de construção da época, tornando-o, segundo os articulistas,

*Um dos mais belos e higiênicos do Estado, (...) fazendo convergir para um único local não só a maior parte das produções agrícolas das nossas colônias e dos municípios vizinhos, mas também grande e variado número de frutas e legumes cultivados nos arredores da cidade.*²⁶⁵

É óbvio que a execução de tantas obras, acabaria criando a necessidade de uma soma maior de recursos, que nem sempre estavam disponíveis para o município. A Superintendência emitiu apólices para cobrir a

²⁶³ *Anuario de Itajai para 1924*. Itajai: Sem editora, 1924. P. 28.

²⁶⁴ *O Pharol*. Itajai, 05/02/1916. Este artigo é uma resposta as afirmações publicadas no *Novidades*, que, obviamente, defendia a superintendência no caso do Mercado Público Municipal.

dívida pública²⁶⁶. A oposição queria explicações e justificativas para o evento. Outras exigências de explicação vieram mais tarde, referentes principalmente às obras do porto de Itajaí, que poderiam ter beneficiado outros grupos integrantes das elites da cidade²⁶⁷.

²⁶⁵ *Anuário de Itajaí para 1924*. Op. Cit. P. 114.

²⁶⁶ *O Pharol*. Itajaí, 05/02/1916.

²⁶⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. De como os alemães se tornaram gaúchos pelos caminhos da modernização In *Os alemães no Sul do Brasil*. Op. Cit. Caso semelhante é apontado pela autora, tratando dos alemães envolvidos em empreendimentos na cidade de Porto Alegre, e que se utilizavam da esfera pública, *tornou-se inclusive um negócio lucrativo para os capitalistas da época* (...).p. 203.

III.5. O porto como epílogo

*Ah, que essencialidade de mistério
e sentidos parados/ Em divino
êxtase revelador/ Às horas cor de
silêncios e angústias/ Não é ponte
entre qualquer cais e O Cais!²⁶⁸*

Viu-se que o porto significou, desde cedo, um dos mais importantes campos de atuação das elites da cidade. Promotor de contato com o exterior e com o resto do Brasil, foi também ambiente de disputas por espaços de atuação por parte de diversos grupos sociais. Assim, vários projetos ligados a atividades portuárias começaram a efetivar-se no início do século XX, independentemente da sua viabilidade “real”. Em 1905, o então Ministro da Viação Lauro Müller, expediu instruções para a organização do projeto do porto²⁶⁹, mas parece que não foram levados a cabo.

Agenciadores, exportadores e importadores, articulavam a construção de armazéns para depósito para o entreposto comercial, investindo na dinamização do entreposto e do porto. Surgiram bancos e serviços ligados a atividade (como estivadores, funcionários da alfândega, bares, etc). A busca de investimentos começava a agitar a cena política da época. Do lado dos

²⁶⁸ PESSOA, Fernando. *Ode marítima* In *O eu profundo e os outros eus*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980. P. 208.

trabalhadores a organização também ocorreu: em 15/11/1906 foi fundada a Sociedade Beneficente 15 de novembro, e dois anos depois já iniciava a construção de uma sede própria, .

(A sociedade) pretende contrair um empréstimo para aquisição de um terreno e edificação do prédio social. Fazem parte da comissão de sindicância: Presidente o Sr. Manoel Antônio de Souza, Secretário Sebastião Lucas Pereira, Membros: Srs. José Martins Eleutério Francisco, Amaro Manoel Felício, Olympio Angello de Almeida e Manoel Antônio dos Santos.²⁷⁰

Percebe-se a ausência de sobrenomes alemães nesta lista, onde constava os nomes de dirigentes dos trabalhadores do porto. Ela contrastava com as listas dos nomes dos comerciantes e outros capitalistas da cidade, e que eram constantemente divulgadas pela imprensa local. Uma distinção de classe e de origem, simultaneamente. Interessante é a comemoração do dia do trabalhador de 1910, que num olhar mais descuidado pode sugerir a inexistência das distinções,

A Sociedade Beneficente Operária Itajaiense convida os operários sem distinção de classe , para comemorar o primeiro de maio com (acompanhamento) musical e um suntuoso convescote, na fábrica de cerveja do Sr. Alois Kormamm.²⁷¹

²⁶⁹ O Pharol. Itajaí, 14/07/1905.

²⁷⁰ O Pharol. Itajaí, 14/08/1908.

²⁷¹ O Pharol. Itajaí, 22/04/1910.

A afirmação pública daquela representação efetivou-se com a *passseata pela cidade, até a fábrica de cerveja*.²⁷² A sugestão da comemoração foi estendida a todos, *sem distinção de classe*, e regada a cerveja, sem distinção étnica. Muitos políticos, vários de origem alemã, atuaram como “protetores” dos trabalhadores e de suas entidades. Distribuindo terrenos, ajuda financeira, jurídica e ganhando prestígio. Criando equipes de esporte, organizando festas comunitárias, distribuindo favores, e ganhando votos.

Tentava-se criar uma identidade, através de um denominador comum: o porto. Assim, estrategicamente elaboradas dentro das elites, as “coisas do mar” eram cada vez mais anunciadas, a exemplo do lançamento do *Couraçado Minas Gerais*, em 1908²⁷³. O ato foi noticiado festivamente pelo jornal, numa prática que começava a delinear-se e intensificar-se ao longo do século: a associação da cidade com o mar através do porto.

Os jornais da época²⁷⁴ estavam repletos de exemplos de todas as espécies, e que podiam dar significado ao próprio porto da cidade. Eram referências sobre outros portos; notícias as mais variadas, mas sempre com ênfase aos fatos ligados a portos ou embarcações, etc. Ou ainda a tentativa de definir um *Marujo Itajaiense*,

²⁷² Idem. 06/05/1910.

²⁷³ *O Pharol*. Itajaí, 02/10/1908. Foi neste mesmo navio que em 1910 ocorreu a revolta da chibata, promovida pelos marinheiros contra os maus tratos a bordo.

Trabalhador e corajoso, conhecedor perito das lides do mar, o marinheiro itajaiense vive em toda parte sempre disputado pelos embarcadores.(...) Nenhum outro, como ele, sabe ser amoroso, pacato, sóbrio e educado, qualidades que o tornam querido por todos seus superiores.²⁷⁵

E eram reinventadas práticas a todo momento. Os investimentos na infra-estrutura do porto reforçavam o sucesso das mesmas. A partir do ano 1926 deram-se início aos projetos para a viabilização das obras de construção dos corredores que fariam a defesa da boca da barra (desembocadura do rio Itajaí-Açu). O projeto estava orçado em 2.789:211\$436, conforme o decreto número 17.344, de 09/06/1926²⁷⁶, e com certeza dinamizaria, ao menos temporariamente, a pequena e pacata cidade do início do século. Novos postos de emprego poderiam surgir e garantir a vida por uns tempos. Possibilidades de ceder alojamento e alimentação para os funcionários, além do fornecimento de matérias-primas básicas encontradas na região para obras, como madeira, barro, pedras, água, entre outras, e que poderiam também tornarem-se fontes de subsistência temporária a partir do início das obras. Trazendo uma certa prosperidade para a cidade, beneficiando tanto investidores – de maneira bem

²⁷⁴ Principalmente *O Pharol*, entre os anos de 1905 e 1920.

²⁷⁵ *Anuário de Itajaí para 1924*. P. 73.

mais gorda, é claro – como a população em geral, através dos empregos temporários.

É certo que as obras do porto visavam a melhoria de fato de suas condições ainda precárias no início do século. Entretanto, as estratégias utilizadas na ocupação das vagas, e dos negócios oferecidos neste mercado circunstancial, demonstraram sua importância na vida de toda aquela gente. Sua carga simbólica com certeza tomava conta dos bares, das rodas de conversa, das notícias de pé de ouvido, ampliando a disputa por posições de mando e pela distribuição das “fatias” do consórcio.

Naquela época, Victor Konder era Ministro da Viação e Obras Públicas, no governo de Washington Luis. Seu irmão, Marcos Konder, era Superintendente Municipal, e as obras do porto dinamizariam sobremaneira sua gestão. Mas acredito que o benefício não tenha ficado apenas na esfera pública.

Quando da sindicância instaurada em 1931 para apurar irregularidades nas obras do porto, constatou-se o uso de pedras de má qualidade, *extraída das pedreiras do Atalaia e Esplanada, somente explicável*

²⁷⁶ Ministério da Viação e Obras Públicas. Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil Ex.mo. Sr. Dr. Washington Luís Pereira de Souza pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. Victor Konder. Ano de 1927. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930. P. 318.

*pelo fato de interessar a exploração dessas pedreiras a pessoas influentes, conforme apurou a comissão*²⁷⁷.

As pessoas influentes a que a comissão se referia, eram o próprio superintendente municipal, Marcos Konder, o ministro Victor Konder (que desistiu de sua parte em favor dos dois hospitais de Blumenau e Itajaí), e a irmã deles, D. Etelvina Fleischmann, já viúva, proprietários da pedreira da Atalaia. Pelo aluguel para a extração de pedras *condenadas* os proprietários receberam Rs 10: 000\$000. A outra pedreira, a da Esplanada, pertencia ao município de Itajaí, e quem recebeu o aluguel, pelo prazo de dois anos, foi o próprio Marcos Konder, e o valor foi de Rs 25: 000\$000. O relatório da comissão criticava a tolerância com o uso de material de tão má qualidade para beneficiar algumas pessoas²⁷⁸.

Os benefícios podem não ter sido diretos, trazendo vantagens para os envolvidos de uma maneira indireta. Marcos Konder, assim como muitos outros imigrantes ou descendentes estabelecidos na cidade, era proprietário de uma das maiores casas comerciais da cidade. Sem dúvida que o comércio de gêneros de primeira necessidade passaria por uma melhora nas vendas no período das obras. Sem contar a própria noção de que foram os Konder que

²⁷⁷ *Análise da sindicância efetuada nas obras do porto de Itajaí, apresentada a inspetoria Federal de Portos, Rios e Canais pela "Cobrasil", Companhia de Mineração e Metalúrgica "Brasil". Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1931. P. 4*

trouxeram todo aquele fervilhar (mesmo que passageiro) para a cidade, o que tornaria a figura dos mesmos bem vista pelas pessoas²⁷⁹.

A atuação das elites na esfera pública foi beneficiada pela sua atuação em atividades como a do porto. Talvez por isso, o controle e a manutenção do mesmo seja tão importante para os políticos locais. Tanto que, depois daquela reforma, muitas outras sucederam-se, e ainda hoje, o porto mostra-se oneroso, devido aos enormes investimentos na dragagem do canal (para garantir que os navios entrem e saiam sem encalharem, o que, por sinal, é bastante freqüente), na atividade de praticagem, na manutenção dos molhes da barra, nas obras de ampliação dos berços de atracagem, etc. Atualmente o porto continua sendo um importante espaço disputado pelos grupos locais. A sua viabilidade se dá (e se deu), principalmente através de arranjos e disputas políticas.

O porto seria mais um dos espaços amplamente disputados pelas elites, talvez um dos mais importantes, como tantos outros que viabilizaram/viabilizam aquilo que Roger Chartier denominou de práticas geradoras de distinção. Tanto no início do século, entre as elites que se

²⁷⁸ Idem. P. 29

²⁷⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. Contemplando uma situação que se assemelha a de Itajaí, a autora aponta que os alemães que desenvolviam atividades comerciais em Porto Alegre no final do século XIX e início do século XX, enriqueceram através da exploração dos próprios colonos. Eram os alemães da cidade que

afirmavam através de minuciosas construções e exclusões, como nos dias atuais com a noção de açorianidade como herança comum, inventando um sentido comum, as tensões e conflitos de interesses de diversos grupos estão presentes. São interesses que constróem tanto os laços no início do século, quanto a identidade açoriana nos dias de hoje. É certo que se tratam de outras pessoas, de outras táticas e de outras estratégias.

Diferenças que podem ser percebidas na cidade como um todo, no início do século e nos dias atuais. Naquele momento, a dinamização e aplicação de estratégias estava vinculada ao disciplinamento do espaço público, além de desenvolver garantias na atuação dos investimentos privados. Os laços que se criavam, os ordenamentos dos espaços e as exclusões, mesmo que com caráter étnico, obedeciam aos princípios de classe, que estavam inscritos na própria cidade: as ruas principais, as construções pomposas com as datas nas fachadas, o mercado público, as praças, os clubes sociais.

No caso da Marejada, a exclusão aparenta ser muito mais através da questão identitária, o que não a torna uma festa popular, ou qualquer coisa assim. Mas é a própria festa – ou, melhor dizendo, os seus organizadores - que tenta resgatar a idéia de “vocação para o mar”, que reforça necessariamente a

monopolizavam boa parte da comercialização dos gêneros vindos da colônia, bem como financiavam e faziam empréstimos, atuando como bancos para os mesmos. P. 206.

importância do porto para a economia da cidade. Entretanto, foi o projeto da cidade que a tornou excludente, não contemplando a população como um todo. A “cidade mercadoria” tem o seu preço. Neste jogo de interesses corporativos, eliminaram-se do debate outros problemas significativos, prevalecendo os interesses do comércio (dos proprietários), do turismo (dos empresários do entretenimento) e do porto (das agências e armadores). E o direito à cidade sai da pauta, permanecendo longe de qualquer debate a problemática do urbano, que comporta em si todas diferenças, a pluralidade dos elementos que a compõem²⁸⁰.

Embora com diferenças na apreensão no próprio conceito de cidade entre os dois momentos, a idéia de que o porto fazia (e faz) a diferença entre Itajaí e o Vale permanece. O *Marujo Itajaiense*, enquanto criação simbólica foi, pouco a pouco, tornando-se referência para as elites e para uma parcela da população, ligada as atividades portuárias. A idealização daquele momento não dizia respeito ao pescador pobre, ao caboclo, aos desclassificados. Tratou-se, antes sim, do *Dom Quixote* dos homens do litoral, rodeado pelos moinhos da pobreza, da modorra, das endemias, mas que seguia adiante em sua luta pela superação do “atraso”. Fez o contraponto com o alemão laborioso e empreendedor do vale – tão inventado quanto ele.

²⁸⁰ LEFEVRE, Henry. Op. Cit. O autor levanta a problemática de se apreender a cidade como algo estático, tradicional, e que não se sustenta, face ao universo de variáveis não contemplados por tal postura. Pp. 103-117

O velho conflito entre o vale e o litoral é retomado no momento da instalação das festas. E por coincidência, ou não, no mesmo momento em que o setor pesqueiro passava por uma profunda crise, arastando consigo a construção naval, o comércio, além da insipiente indústria local. A Marejada, *ovelha negra* do circuito, idealizou os trabalhadores do mar. Não foram os desempregados dos estaleiros, nem os estivadores desocupados devido a privatização do porto, ou os pescadores pobres da faixa litorânea - uma realidade de praticamente todo o litoral norte, para não dizer de todo o Estado - que foram contemplados pela festa. Foram antes os açorianos, sugeridos como empreendedores, capazes de representar a altura este homem do litoral.

Sendo assim, a festa só poderia ocorrer em Itajaí, uma cidade que foi fundada/fundou uma elite portuária, afinada com as atividades do mar: construção naval, agenciamentos, serviço público aduaneiro, pesca industrial. Os *peixeiros* tentaram recriar na festa os ideais iniciados por aquela burguesia do início do século - negligenciando todos os outros habitantes da cidade.

Os organizadores da Marejada, afinados com o redimensionamento do mercado, captaram e viabilizaram investimentos para a indústria do entreterimento. Trata-se de um negócio, ou melhor dizendo, de negócios, justificados na cultura. Trata-se da cultura no balcão de negócios.

FONTES E BIBLIOGRAFIAS

1.PERIÓDICOS

1.1.Periódicos: Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

O Typógrafo – Itajaí, 1911.

O Pharol – Itajaí, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912,1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930.

Novidades – Itajaí, 1904, 1907, 1916.

O Progresso – Itajaí, 1899, 1900, 1901.

Diário da Cidade – Itajaí, 1996, 1997.

Jornal do Povo – Itajaí, 1937, 1987, 1988, 1989.

Jornal da Marejada – Itajaí, 1997.

Jornal Cidade Livre – Itajaí, 1992.

Jornal do Comércio – Itajaí, 1993.

Informativo da ACII – Itajaí, 1994, 1995.

Revista Isto É – São Paulo, 1996.

2.DIVERSOS

Registro dos sepultamentos da paróquia do santíssimo sacramento de Itajaí. Itajaí: Arquivo Histórico Municipal, 1885-1939.

Folha comemorativa do bicentenário da fundação de São José. São José: Diretoria de Correios e Telégrafos/ Associação Filatélica de Santa Catarina, 1950.

Testes de Verificação de Aprendizagem. Itajaí: Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Itajaí, 1996.

Estatutos do Centro Afomoseador de Itajaí. Itajaí: Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí, 1903.

Atas das Reuniões do tiro de Guerra 301. Itajaí: Fundos da Junta do Serviço Militar, Arquivo Histórico de Itajaí, 1917.

Atas de Alistamento Eleitoral. Itajaí: Arquivo Histórico de Itajaí, 1863-1930.

Programação de setembro. Itajaí: Secretaria de Cultura e Esporte, 1996.

Uma cidade cheia de encantos. Itajaí: Centro de Promoções Itajaí-Tur, Folheto informativo, 1997.

Boletim Informativo. Itajaí: Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Itajaí, 1990.

Acervo de fotografias. Itajaí: Arquivo Histórico Municipal, 1900-1920.

Relatório do Programa Nacional de Atenção integral à Criança e ao Adolescente – PRONAICA.. Itajaí: UNIVALI, 1995.

Registro de Atos e Resoluções da Superintendência Municipal. Itajaí: Arquivo Histórico de Itajaí, 1916-1931.

Ministério da Viação e Obras Públicas. Relatório apresentado ao Presidente da República do Estado Unidos do Brasil Exmo. Sr. Dr. Washington Luís Pereira de Souza pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. Victor Konder. Ano de 1927. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.

Análise da sindicância efetuada nas obras do porto de Itajaí, apresentada a inspetoria Federal de Portos, Rios e Canais pela "Cobrasil", Companhia de Mineiração e Metalúrgica "Brasil". Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1931.

3. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Anais do primeiro congresso de história catarinense. Vol. II, Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.

Anuário de Itajaí para 1924. Itajaí, s/ed., 1924.

Anuário cem anos de Itajaí. Itajaí: s/ed., 1959.

Aprendendo a Ler Itajaí. 8ª ed. Itajaí: Prefeitura Municipal/FAE, 1996.

ALBERSHEIM, Úrsula. *Uma comunidade Teuto-brasileira (Jarim)*. Rio de Janeiro: CBPE/INEP, 1962.

BARRETO, Lima. *Feiras e mafuás*. Rio de Janeiro: Ed. Mérito, 1953.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Os açorianos In *Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense*. Vol II, Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.

_____. *História de Santa Catarina*. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Laudes, 1970.

_____. *Brusque: subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império*. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1958.

Conhecendo Santa Catarina. 8ª ed. Itajaí: Prefeitura Municipal/FAE, 1996.

CUNHA, Idaulo José. *Evolução econômico-industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____. *O salto da indústria catarinense*. Florianópolis: Ed. Paralelo 27. 1992.

D'ÁVILA, Edison e D'ÁVILA, Márcia. *Festas e tradições populares de Itajaí*. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1994.

D'ÁVILA, Edison. *Pequena história de Itajaí*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, 1982.

D'EÇA, Othon. *Homens e algas*. 2ª ed. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1978.

Guia do estado de Santa Catarina: chorográfico, commercial e industrial. 2ª ed. Florianópolis: Livraria Central, 1935.

Itajaí. São Paulo: Ed. Escalibur/Ed. Comemorativa, 1972.

KONDER, Marcos. *Lauro Müller/ A pequena pátria*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

KONDER, Gustavo. Influência alemã no município de Itajaí In. *Blumenau em cadernos*. Tomo XI, maio de 1979, n.5.

KOSERITZ, Carl Von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1980.

KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Florianópolis: Ed. Da UFSC/UFRGS, 1991.

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. Rio de Janeiro: Pallas/INL, 1975.

Lendo Itajaí. 8ª ed. Itajaí: Prefeitura Municipal/FAE, 1996.

LINHARES, Juventino. *O que a memória guardou*. Coletânea de artigos. Arquivo Histórico de Itajaí, s/d. Livros 1 e 2.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 11ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1937.

MATTOS, Fernando Marcondes de. *Santa Catarina: tempos de angústia e esperança: subsídios para um programa de governo*. Florianópolis: edição do autor, 1978.

MEYER, Rachel Liberato. *Uma menina de Itajaí*. S/origem, s/ editora, 1961.

Nosso Século: memória fotográfica do Brasil no século 20. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

O Brasil Somos Nós. 8ª ed. Itajaí: Prefeitura Municipal/FAE, 1996.

PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus.* 19ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1980.

PIAZZA, Walter F. e HÜBENER, Laura Machado. *Santa Catarina: história da gente.* Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983.

PIAZZA, Walter.(Org.). *Dicionário de Política Catarinense.* Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

PIAZZA, Walter. *Atlas histórico do Estado de Santa Catarina.* Florianópolis: Ed. Dep. de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, 1970.

PETRY, Sueli. *Os clubes de caça e tiro da região de Blumenau.* Blumenau: FURB/ Fundação Casa "Dr. Blumenau", 1986.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã no Espírito Santo.* São Paulo: Difusão Européia do Livro/EDUSP, 1968.

SOARES, Doralécio. *Aspectos do folclore catarinense.* Florianópolis: s/editora, 1970.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de gulliver.* Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1987.

TAUNAY, Visconde de. *Filologia e crítica: impressões e estudos.* São Paulo: Cia Melhoramentos de São Paulo, 1921.

TERMES, Apolinário. *História de Joinville.* 2ª Ed. Joinville: Ed. Mayer, 1984.

Uhles Kalender. São Paulo, s/ed.,1928.

Unsere Väter/Nossos Pais. Publicado sob os auspícios do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná pelo Pastor Flos. São Leopoldo: Rotermond e Cia, 1961.

Uhles Kalender. São Paulo, s/ed., 1935.

VÁRZEA, Virgílio. *Mares e campos*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1994.

Wille's deutscher kalender für südstaaten brasilens. Blumenau: Otto Wille, 1935.

4. BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado.

ARENT, Hannah. *A condição humana*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC/Ed. UnB, 1987.

BERTOLINI, Honório. Marejada: festa portuguesa e do pescado em Santa Catarina. In *Revista Alcance: especial de História*. Ano IV, Itajaí: UNIVALI, jun. 97. P. 63-70.

BERGERON, Louis. (Org.). *Níveis de cultura e grupos sociais*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1967.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 5ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Coleção grandes cientistas sociais*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

- BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.
- CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- CARDOSO, Ruth.(Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARVALHO, Maria Rosário G. de (Org.) *Identidade étnica: mobilização política e cidadania*. Salvador: UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, 1989.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico
In. *Revista de Estudos Históricos: cultura urbana e história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, n. 16, jul/dez/1995.
- _____. O mundo como representação In. *Estudos Avançados*.
11(5), 1991.
- CHOMSKY, Noam. *A minoria próspera e a multidão inquieta*. Brasília: Ed. UnB. 1996.
- COELHO, Eduardo Prado. (Org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugália Editora, s/d.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Ed. Brasiliense/EDUSP, 1986.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FALCÃO, Luiz Felipe. Itajaí vai à guerra In *Revista Alcance*. Itajaí: UNIVALI, n. 3, 1995.

FÁVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido: a construção das elites – Itajaí: 1929-1960*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.

_____. *Encantamentos e espantos: o que (não) sonharam os homens*. Itajaí: UNIVALI, 1995. Monografia de especialização.

_____. O jornalismo irreverente em Itajaí In. *Revista Alcance*. Itajaí: UNIVALI, ano IV, n. 1, jan/jun/1997.

_____. Moças para um bom partido In *Revista Esboços*. Florianópolis: UFSC/Pós-Graduação em História, n. 26, ano 9, outubro de 1994.

FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Hucitec, 1978.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

_____. *História demográfica de Itajaí: uma população em transição. 1866-1930*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1979. Dissertação de Mestrado.

_____. *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997.

FLORES, Maria Bernardete Ramos et alii. O grande teatro público: Oktoberfest: a construção cultural de uma festa municipal In. *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Ed. Insular, n. 3, 1995.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. A invenção da açorianidade In. *Ô Catarina!* Florianópolis, julho/agosto de 1996, n. 18.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.

_____. *Microfísica do saber*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1990.

_____. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

_____. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GUIMARÃES, Dulce Maria Pamplona. Festa de produção: identidade, memória e reprodução social In. *Revista de História*. São Paulo, 11:181-193, 1992.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. 6ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e indústria no vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Ed. Da FURB, 1987.

HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. (Org.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUNT, Lynn (Org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JOFFILY, José. *O caso Panther*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KAPLAN, David e MANNERS, Robert A. *Teoria da cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.
- KLUG, João. *Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis: (1868-1938)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991. Dissertação de Mestrado.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3ª ed. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1994.
- LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.
- MACHADO, Joana Maria Pedro. *O desenvolvimento da construção naval em Itajaí, Santa Catarina, uma resposta ao mercado local, 1900-1950*. Florianópolis: UFSC, 1979. Dissertação de Mestrado.
- MAUCH, Cláudia e VASCONCELOS, Naira. (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- NODARI, Eunice. Laguna e Lages: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República In. *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Ed. Insular, n.3, 1995.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Ed., 1976.
- ORLANDI, Eni P. (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Ed. Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni P. (Org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

PEDRO, Joana Maria. As transformações do comércio através do porto de Itajaí, 1915-1950 In. *Hélade*. Itajaí: FEPEVI, Dezembro, n.5, 1981.

_____. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994.

_____. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995.

PROKOP, Dieter. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1983.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

SACHET, Celestino. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.

SACHS, Viola [et alii]. *Brasil e EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, Século XIX*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SERPA, Ivan Carlos. Vale de Histórias: o cotidiano da imigração italiana numa comunidade do vale do Itajaí-Mirim. Um ensaio de micro-narrativa histórica In. *Revista esboços* Florianópolis: Programa de Pós graduação em História da UFSC. Vol. 4, n. 4, jun./dez. 1996. P. 55-63.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1974.

_____. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o estado brasileiro In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS, n. 26, ano 9, outubro de 1994.

_____. Racismo e identidade nacional: paradoxos e utopias In. *Ciência Hoje*. SMPC, Vol 19, n. 109, maio de 1995.

_____. A liga pan-germânica e o perigo alemão na Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irreductíveis In. *História: Questões e Debates*. Ano 10, n. 18/19, Curitiba: Associação Paranaense de História, junho/dezembro de 1989.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SHADEN, Egon.(Org.). *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

THIESSE, Anne-Marie. “La petite patrie enclose dans la grande”: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940) In. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 8, n. 15, 1995.

VASCONCELOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O fenômeno urbano*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 3ª ed.. Brasília: Ed. UnB., 1995.
- WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: E. Nacional, 1980.
- WITHE, Hayden. Teoria Literária e escrita da história In. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994. P. 21-48.